

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

VELHICE E INSTITUCIONALIZAÇÃO: CENAS DA VIDA
NO ABRIGO

Talita Baldin

Orientador: Prof^o Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal

NITERÓI, 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

VELHICE E INSTITUCIONALIZAÇÃO: CENAS DA VIDA
NO ABRIGO

Talita Baldin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Estudos da Subjetividade – do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Subjetividade e Clínica.
Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal.

NITERÓI, 2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

B177 Baldin, Talita.
Velhice e institucionalização: cenas da vida no abrigo / Talita Baldin. – 2016.
123 f.
Orientador: Paulo Eduardo Viana Vidal.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2016.
Bibliografia: f. 121-123.
1. Instituição de longa permanência para idosos. 2. Idoso.
3. Psicanálise. I. Vidal, Paulo Eduardo Viana. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

VELHICE E INSTITUCIONALIZAÇÃO: CENAS DA VIDA NO ABRIGO

Talita Baldin

RESUMO

A presente dissertação é resultado de uma pesquisa de mestrado que teve como tema a velhice no contexto da institucionalização, a partir do desenvolvimento de um trabalho com residentes de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Sob a ótica da Psicanálise e da linha Artaudiana de Teatro, a pesquisa abrangeu as narrativas de vida de oito idosos residentes no Abrigo do Cristo Redentor, uma ILPI filantrópica localizada em São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro. A partir das entrevistas com esses oito idosos, quatro homens e quatro mulheres, com idade entre 66 e 89 anos, residentes entre dois e sete anos no Abrigo; bem como de encontros semanais coletivos e individuais, pode-se tomar contato mais profundo com a história de vida antes e durante a institucionalização. O objetivo foi tomar contato com a narrativa dos participantes da pesquisa para compreender se é possível que, ao contrário do que grande parte da literatura na área indica, o sujeito possa continuar afirmando-se como sujeito de desejo em situações de institucionalização. Após oito meses de atividades semanais no Abrigo, percebeu-se a narrativa como de fundamental importância para o investimento no ego por parte dos idosos entrevistados, de modo que o exercício da fala pudesse ser tomado como uma possibilidade de representação da existência.

Palavras-chaves: Instituições de Longa Permanência. Velho. Idoso. Psicanálise.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	6
Introdução	7
Capítulo I.....	13
O CAMINHO QUE SE FAZ PELO CAMINHAR.....	13
Capítulo II	23
VELHICE E INSTITUCIONALIZAÇÃO.....	23
2.1 O SUJEITO DO INCONSCIENTE	24
2.2 VELHICE E PSICANÁLISE.....	27
2.3 INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS.....	37
2.4 INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS E FORMAÇÃO DE LAÇOS SOCIAIS E AFETIVOS	41
Capítulo III.....	49
O PROCESSO DE TRABALHO.....	49
3.1 A ENTREVISTA	51
3.2 O ABRIGO DO CRISTO REDENTOR, O CAMPO DAS INTERPRETAÇÕES.....	54
3.3 HISTÓRIAS PARA SE CONTAR.....	56
3.3.1 CAROLINA TEM UM LUGAR PARA CHAMAR DE CASA.....	57
3.3.2 CÁSSIO E A ESPERA POR OPORTUNIDADES	61
3.3.3 CELIMAR E A IMPOSSIBILIDADE DA IMAGEM NO ESPELHO	67
3.3.4 ELTON E UMA VELHICE QUE NÃO EXISTE	73
3.3.5 FRANCISCO E O RESSENTIMENTO PELO QUE FICOU PARA TRÁS	83
3.3.6 JONAS E A NECESSIDADE DO OLHAR DO OUTRO	91
3.3.7 MARISA E AQUILO QUE SE PODE RELEMBRAR AOS 81	95
3.3.8 MONALISA E A INSTITUIÇÃO COMO PONTO DE REFERÊNCIA.....	105
3.4 UM TEXTO QUE SE PRODUZ NO COLETIVO.....	112

Considerações Finais.....	118
SOBRE O FECHAR DAS CORTINAS	118
Referências.....	121

Agradecimentos

A meu orientador, Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal, pela aposta que fez em mim quando da submissão de meu projeto de pesquisa à sua orientação. Obrigada pela presença atenta e sensível. Minha experiência com o mestrado não poderia ser melhor.

Às professoras Dr^a. Bethânia Mariani e Dr^a. Juliana Marcolino Galli, membros da banca de qualificação e defesa. Obrigada pela leitura atenta e pelas indicações e pontuações preciosas desde a qualificação. A Juliana um agradecimento especial por todo apoio e ajuda desde o 4º ano da graduação em Psicologia, quando começamos a compartilhar nossas histórias e a criar outras.

À Direção do Abrigo do Cristo Redentor, que tornou essa pesquisa possível. Obrigada pelas portas abertas. Em especial, agradeço a Áurea, pela supervisão sempre atenta e por todo o apoio e a Mariana, Rita e Thayanná, pela parceria nos projetos desenvolvidos e pela troca de experiências. Um agradecimento especial a cada um dos residentes do Abrigo, principalmente àqueles que protagonizaram esta pesquisa.

A todos os professores que acompanharam minha vida escolar e acadêmica, vocês representam muito do que desejo ser enquanto docente. Em especial, agradeço à Dr^a. Claudia Magnabosco Martins, quem me mostrou com toda a sensibilidade o campo de pesquisa pelo qual sou apaixonada. Obrigada pelos cinco anos de olhar atento durante a graduação, pelos preciosos ensinamentos e por se tornar minha amiga. Minha admiração por você é imensa.

Às amigas. Àquelas que surgiram na infância, nos tempos do colégio em Chopinzinho, e ao nomear Bruna, Franciele, Kelli e Thanise, estendo a todas as demais. Também às que surgiram com a graduação em Irati, em especial a Camila, Gislaíne e Pâmella. Um brinde a todas as amigas que permanecem na vida, e que hoje são alento nos dias de chuva, mesmo com a distância. Agradeço a todas pelo amor incondicional que vocês me mostraram existir.

Aos amigos que fiz com a vinda para Niterói, a todos sem exceção: a Karine e Rodrigo, por serem meu primeiro porto seguro; a Graça, por dividir sua casa e me acolher em seu coração; às amigas que vieram com o mestrado, Cristiane e Luísa; e com o trabalho, Eliane e Tatiana; os colegas do grupo de pesquisa, em especial Danuza, Maira e Vitor, pelas inúmeras ajudas, partilhas de experiências e por todo o apoio.

Aos colegas do trabalho, pela compreensão e paciência diante das dificuldades em conciliar um emprego e o mestrado. Em especial, agradeço a Fabio Toledo por todas as oportunidades e flexibilidades que nunca cansou de me oferecer. Serei grata sempre.

A Naira, pelo lindo espaço de escuta que construímos e quem me ajudou a descobrir que tenho motivos de sobra para nunca desistir, de nada.

Por fim, agradeço muito a Deus por me presentear com o que de mais lindo há nesta vida, minha família. Agradeço a meus pais Jaqueline e Paulo, por fazerem de tudo para que eu chegasse aonde quer que fosse, mesmo significando estar um pouco mais longe de vocês, e a meus irmãos Tiago e Taisson Fernando. Vocês são minha razão de ser e a melhor de minhas histórias. Essa dissertação não é minha, é nossa.

Introdução

Toda história parte de uma história pregressa. Com esta pesquisa, não foi diferente. Todo meu trajeto enquanto acadêmica de Psicologia e como pesquisadora circundou em torno de histórias. Talvez também pela minha outra formação profissional, a de atriz, que me levou ao primeiro contato profissional com idosos, por meio de oficinas de teatro.

Em nossa cultura, muitas vezes, o idoso é tomado como um “vovô que gosta de contar histórias”. Em minha cultura, de tradição gaúcha, desde pequena aprendi que deveria respeitar os mais velhos e sempre ouvi-los. Minha infância se constituiu em uma grande variedade de histórias. Cada uma delas, por si só, consistiu-se em amontoados de palavras que, juntas, traziam algum sentido para a existência: retomavam a minha própria história, a de minha origem, e de alguma forma criavam extensões dessas histórias para que aqueles que não as viveram pudessem tomar contato com elas.

Destaco aqui a importância que essas histórias tiveram e têm em minha história enquanto pessoa, mas especialmente como profissional. No exercer da dialética de minha experiência profissional como atriz e psicóloga, Psicologia e teatro se “amalgam” com o entrelaçamento das palavras. A linguagem surge como um elemento central, mesmo quando o texto propriamente não é falado, mas representado de forma simbólica e imagética.

Augusto Boal acredita ser, a palavra, a maior invenção humana.

Ela [a palavra] vem ocupar espaços que antes pertenciam ao Pensamento Sensível [uma forma de pensamento não verbal, embora resolutiva]. A palavra é axial entre o sensível e o simbólico. Não é limite entre um e outro: espraia-se pelos dois. Palavra tem corpo e alma (BOAL, 2009, p. 64).

A palavra se apossa de personagens para exprimir alguma forma de realidade, alguma forma de vida. Claramente recordo-me de experiências como essa a partir de algumas cenas vividas na casa de meus avós maternos, no final de suas vidas. Ambos bastante idosos e já adoentados, nas festas de família, repetiam e repetiam, as mesmas histórias. Encarnavam personagens e criavam um mundo de fantasia que todos nós,

filhos, netos e bisnetos, podíamos ver. Histórias eram contadas e recontadas, recriadas, e toda escuta fluía como se aquela fosse a primeira vez.

A partir daí já recebia indícios de que no dia a dia todos nós nos tornamos personagens de nossas próprias histórias. Atores, mas também dramaturgos – e tantas vezes também diretores. Criamos, editamos e alteramos nossas histórias de modo que o público possa servir-se dela e também construir e alterar suas histórias com aquilo que dizemos. A vertente teatral desenvolvida por Antonin Artaud aponta para o teatro como espaço terapêutico no qual se tem uma possibilidade única de trabalhar com a cura do ser humano. Na atuação, o sujeito tem as ferramentas essenciais para desenvolver um lugar em que pode criar para si uma nova identidade, ou seja, a produção teatral exerce função regeneradora do ser (ARTAUD, 1987).

Em meio a meus estudos sobre o teatro e pesquisas para produção de uma montagem teatral deparei-me com os textos de Artaud compilados em *Linguagem e Vida* (2011). Com eles, percebo a necessidade de desenvolver uma nova linguagem para comunicar por meio do teatro, uma nova linguagem que parta da língua para se apoiar na expressão e, por meio dela, ser capaz de exprimir aquilo que o ator tem a dizer – isso sempre se trata de um lugar no qual se quer chegar. Com a linguagem, cujo objetivo maior é encontrar a cura¹, percebo um ponto de intersecção entre uma linha artaudiana do teatro e a existência humana: o sujeito fala para curar a si mesmo, para criar um novo sentido em ser, que lhe dê algum alento.

Artaud vislumbra o teatro enquanto imagem. Neste sentido, não há necessariamente supressão do texto falado, mas sua subordinação à cena. “Trata-se de transformar a palavra em imagem” (ARTAUD, 2011, p. 21), importância similar àquela que Freud atribui aos sonhos na relação com o inconsciente. As palavras, no texto, são símbolos que se tornam imagem. Minha hipótese com isso é questionar: o que as histórias narradas seriam se não um meio de criar a existência?

Condizentes com a realidade ou não, histórias dizem da realidade do sujeito. A tentativa sempre é a da representação. Em um espetáculo teatral, sonoplastia, dramaturgia, interpretação e cena sobrepõem-se para dizer algo, de forma similar a um ideograma japonês, criando um novo símbolo a partir de um agrupamento de símbolos.

¹ Para Artaud, a cura é entendida como a busca por algum sentido para a vida e para a existência.

Na vida cotidiana fazemos o mesmo e contracenamos uns com os outros na busca por novas histórias.

As histórias que marcaram minha vida, e que interagem com as histórias que hoje releio e reconto, foram fruto principalmente de minha criação em uma família que valoriza o respeito pelos mais velhos. Meus avós maternos se foram quando ainda era menina, embora já com idade avançada. Convivi mais com os avós paternos, que inclusive moravam na mesma cidade que minha família e por isso era sagrado: “domingo é dia de visitar a nona”. Lá, histórias também não faltavam. Embora pequena, lembro-me das aventuras do nono que serviu ao Exército e de suas histórias no trabalho, na lida com o gado.

Apenas muito mais tarde comecei a escolher as histórias que gostaria que me contassem e ficava frustrada quando passei a me interessar pela língua italiana e a nona não lembrava mais como se falava. Dela, não me recordo de ouvir muitas histórias e só senti o quanto elas eram importantes muito mais tarde, quando me aproximei de outros idosos, agora numa relação profissional. Foi na busca por essas histórias, que pensava perdidas, que, em meados de 2009, ano em que entrei na graduação em Psicologia, entrei pela primeira vez em uma instituição para idosos, de onde profissionalmente não quis mais sair. Embora a formação em Psicologia, o teatro não deixou de transitar pelos mesmos espaços e ressignificar minhas práticas no dia a dia.

Com as práticas enquanto estudante apenas cresceu o interesse na temática que hoje me mobiliza enquanto pesquisadora: acompanhei por alguns anos idosos que entraram e saíram de ILPIs, mais que entraram do que saíram, uma vez que a tendência é de que o idoso permaneça institucionalizado até seu falecimento. Ao longo desses acompanhamentos convivi com idosos que visivelmente, com o passar do tempo, se “apagavam” na ILPI. Com isso quero dizer que, muitas vezes, eles entram na instituição ativos e falantes e aos poucos se fecham em si mesmos, restringindo o contato com outras pessoas. Passam a falar menos, levantar menos da cama, participar com menor frequência de atividades propostas pela instituição. Esta é uma questão frequentemente discutida em grupos que atuam com a velhice institucionalizada. Há uma preocupação, por parte dos profissionais, em garantir qualidade na prestação de serviços ao mesmo tempo em que, em termos psicossociais, têm-se observado que a estrutura institucionalizada da ILPI reprime a subjetividade e intersubjetividade de seus

moradores e, por consequência, favorece o empobrecimento nas relações, concretamente apresentadas pelo pouco interesse no convívio com os demais.

Foi, portanto, a imersão no dia a dia de uma ILPI que me permitiu formular de forma mais sólida a questão que norteia este trabalho e que, embora muito similar se diversifica consideravelmente no Abrigo do Cristo Redentor, onde a pesquisa atual foi desenvolvida: com minhas visitas semanais, percebi este Abrigo como um lugar muito diferente do asilo (que carregava este termo no nome) em que trabalhei como pesquisadora e extensionista no estado do Paraná. Embora meu objetivo não seja comparar as duas instituições, não posso deixar de mencionar as diferenças estruturais e relacionais que as compõem. No Abrigo em que esta dissertação foi construída, percebi idosos muito mais satisfeitos com a estada na ILPI. Muitos a tratavam como sua “casa” e mesmo os que não consideram o Abrigo como a melhor opção entendiam-no como uma **boa** opção.

Logo de início isso me espantou um pouco. Primeiramente porque percebi que meu projeto de pesquisa inicial não era condizente com a realidade que visualizava na ILPI. Em segundo lugar, porque não acreditava que pudesse ser possível, uma vez que batia de frente com muito do que já havia visto na ILPI anterior e com o que ouvia as pessoas dizerem e, ainda, com muito do que a própria literatura científica aponta quando aborda tal temática. Não posso deixar de reconhecer, também, que compreendo as diferenças entre uma instituição e outra, não apenas em termos infraestruturais e de recursos humanos, mas também culturais. Esta ILPI se localiza na região sudeste do país, em um município com mais de um milhão de habitantes e a economia é baseada na indústria e no comércio, enquanto minhas experiências anteriores aconteceram em municípios de pequeno e médio porte localizados na região sul do país, onde predomina a economia rural.

Na confusão entre todas essas impressões e sentimentos é que surge, portanto, uma nova questão de pesquisa, a qual buscou ser aprofundada com esta dissertação: **o que sustenta o posicionamento de sujeito dentro de uma ILPI, quando a literatura aponta para noções de empobrecimento subjetivo?**

É assim que cheguei ao desenvolvimento de entrevistas semiestruturadas com oito idosos residentes do Abrigo do Cristo Redentor, homens e mulheres, com idades entre 66 e 89 anos e entre dois e sete anos de institucionalização, indagando-lhes sobre as histórias que têm para contar. Busco, neste momento introdutório, abordar o que digo

que a literatura tem trazido a respeito da velhice institucionalizada. Tanto os relatos de Debert (1999), quanto o desenvolvimento de minhas pesquisas, além de outras referências que não irei aprofundar neste momento, consideram que o empobrecimento subjetivo que acomete idosos em situação de institucionalização se expressa nas normas que restringem não somente as saídas, mas que também padronizam a rotina institucional, igual para todos, desde a hora de acordar até o momento de exercer a higiene pessoal. Com isto, apresentam pouco ou nenhum espaço para as peculiaridades de cada pessoa. Infelizmente, esta é a realidade de parte considerável das ILPIs brasileiras, principalmente em se tratando de instituições públicas e filantrópicas, as quais carecem de recursos humanos e financeiros.

Quanto aos objetivos da pesquisa, nesta dissertação, busco falar do sujeito do desejo que sobrevive em meio à rotina institucional. No entanto, apenas por meu relato inicial já reconheço que ela também é fruto do desejo da pesquisadora. Há uma aposta em jogo, a de que é possível que ILPIs sejam espaços de produção de subjetividade para seus moradores, mesmo diante das dificuldades diárias enfrentadas, principalmente com relação à carência de recursos e de profissionais e mesmo que não se defenda a sua existência e a existência de uma “velhice institucionalizada”. A hipótese é a de que embora a literatura científica denuncie que a institucionalização oferece poucos mecanismos que favorecem a qualidade de vida e a expressão da subjetividade durante a velhice, conforme abordarei com mais detalhes, há possibilidade de que idosos que residem em ILPIs, mesmo por longos períodos de tempo, sejam capazes de construir espaços subjetivos que os auxiliem a sobreviver em meio às burocracias institucionais.

Considerado isso, no primeiro capítulo dessa dissertação optei por descrever com mais detalhes minha inserção pelos caminhos da pesquisa com o velho e a velhice, em especial, como cheguei às Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e que afetações esse contato provocou em mim enquanto estudante, enquanto pesquisadora e também enquanto pessoa.

No capítulo seguinte, no capítulo 2, abordo a questão do velho para a Psicanálise, assim como o processo de institucionalização do idoso. Este capítulo carrega consigo minha principal questão de pesquisa, que surge de forma ainda um pouco rasa no primeiro capítulo. À medida que ia desenvolvendo distintas atividades com pessoas idosas e em locais diversos, comecei a perceber a multiplicidade de velhices e de velhos. Os idosos do asilo, da Universidade Aberta para a Terceira Idade

(UATI) e da Pastoral da Pessoa Idosa, em muito se diferenciavam dos meus avós, assim como eram diversos entre si. Poucas são, em minha percepção, as aproximações de formas de viver, ver e pensar a vida para esses distintos grupos. Em grande parte, é essa percepção que me trouxe também ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). A grande questão que têm ficado para mim em todos os espaços pelos quais passei com relação à velhice gira em torno da diversidade de velhos e de formas de viver a velhice.

Nos capítulos 3 e 4 encontram-se relatadas a experiência de fazer parte do dia a dia do Abrigo do Cristo Redentor, antes mesmo de iniciar “a pesquisa” propriamente dita. Apresento também pouco da rotina dos residentes e dos funcionários do Abrigo, bem como os próprios residentes, além de dados da instituição em questão. Considero o momento de inserção no Abrigo como de extrema importância para o faz da pesquisa, uma vez que foi com ela que criei um vínculo com os residentes, a ponto de que as entrevistas individuais realizadas fossem possíveis da forma mais espontânea possível. Foi com esta inserção, antes de desenvolver as entrevistas individuais, que comecei a ouvir suas histórias, suas atividades e seus apontamentos sobre a velhice e a vida, antes e após o período de institucionalização no Abrigo.

Conforme já relatei, esta dissertação carrega consigo uma experiência anterior, durante a qual pude me aproximar e estudar a velhice e o envelhecimento em uma instituição de idosos, quando estudante de Psicologia na Universidade Estadual do Centro-Oeste, no município de Irati, estado do Paraná. Durante este período, trabalhei com atividades distintas, que foram desde escuta psicológica até oficinas artísticas e de letramento, intervenções tanto na pesquisa quanto na extensão. Embora as características específicas de cada uma das atividades desempenhadas, aproxima-se a questão da escuta. Em todas as atividades ouvi e vivi as narrativas que boa parte dos 80 idosos daquela ILPI tinha a contar. Fui espectadora de suas apresentações, mais que ouvinte de seus relatos. Neste sentido, portanto, em todos os trabalhos desenvolvidos objetivei dar voz aos moradores da instituição, seja por meio de palavras faladas e/ou escritas, encenações, desenhos e colagens.

Agora, entretanto, é momento de dar voz aos moradores de outra instituição, diversa, com histórias diversas, e muito a dizer. Eis a importância de se ouvir novas versões dessa mesma história – “envelheSer”.

Capítulo I

O CAMINHO QUE SE FAZ PELO CAMINHAR

Optei por introduzir esta dissertação abordando minha experiência e formação profissional com relação à velhice institucionalizada, a qual se iniciou com a entrada na graduação em Psicologia. Embora tenha estado aberta a outras experiências e desenvolvido projetos de extensão e pesquisa em outras áreas do universo psicológico, o envelhecimento e a velhice permaneceram. Tornou-se paixão quando pude aliar minha outra profissão, a de atriz, com os trabalhos que desempenhava com os idosos na Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) em Irati - PR, onde estudava; e na Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) local.

Nesse momento comecei a trabalhar com oficinas de teatro para idosos sem deixar de lado o olhar da Psicologia, afinal, não desejava formar atores: meu desejo era poder levar novas possibilidades de experimentar a vida a partir da Arte, e mais especificamente do teatro, conforme acredito ser possível. Mais tarde conheci outros grupos de idosos em Irati, intitulados de grupos de convivência, e também a Pastoral da Pessoa Idosa, em que atuei em um dos estágios do último ano da graduação. Em outro estágio intervi na área da aposentadoria, frente aos servidores aposentados da UNICENTRO.

Com a chegada do final da graduação em Psicologia, tinha clareza de meu desejo em continuar trabalhando com a população idosa e a certeza de que estaria profissionalmente realizada em qualquer uma das áreas nas quais já havia estado. No entanto, havia uma especificidade que me movia mais – e move até hoje: as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs).

Não me aprofundarei em uma discussão sobre instituições e ILPIs neste momento, pois o farei posteriormente, em outro capítulo, mas gostaria de realizar uma breve definição, conforme a proposta pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2005, s/p.). Conforme a Anvisa, ILPIs são “instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinada a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade e dignidade e cidadania”. Na prática, as ILPIs se tornam uma série de tipos de

instituições, com as mais variadas modalidades de atendimento, públicas e privadas, cujo objetivo comum é proporcionar serviços de saúde e assistência aos idosos conforme suas necessidades coletivas e individuais, assim como garantir a manutenção de seus direitos prescritos em políticas específicas, a Política Nacional do Idoso (1994) e o Estatuto do Idoso (2004).

Até o momento atuei com ILPIs que se destinam ao atendimento de idosos carentes, oriundos de famílias geralmente com poucas condições financeiras. De forma prática, e pude verificar isto na fala de inúmeros idosos e profissionais com que atuei ao longo destes anos, as ILPIs têm emergido para acolher aqueles que não possuem condições financeiras de se manter em sociedade, mesmo que a orientação da Política Nacional do Idoso (1994) e do Estatuto do Idoso (2004) seja de que este deve preferencialmente ser mantido juntamente à família. Logo, com as ILPIs, o Estado tem suprido necessidades que são fruto de má administração de políticas de assistência. O resultado é que idosos que têm boas condições de locomoção, são lúcidos e bem orientados e/ou que precisam de pequeno auxílio com suas atividades diárias são alocados em instituições para cuidados a longo prazo, uma vez que não há outras modalidades de assistência disponíveis.

Distintos trabalhos têm abordado essa relação entre velhice e institucionalização e gostaria de destacar neste momento os trabalhos desenvolvidos por Guita Grin Debert, antropóloga com diversas experiências em ILPIs no estado de São Paulo e que, embora não seja relatado pela ótica da Psicanálise, trata-se de uma análise antropológica minuciosa e que ilustra bem as questões com as quais tenho me deparado em ILPIs.

Em *A reinvenção da velhice*, Debert (1999) aborda as diversas faces da velhice, dada a complexidade de se pensar velhice sem abordar o singular. Ela trata das instituições para idosos, seja no formato de variados programas de convivência destinados à chamada terceira idade, seja na “decisão”, optada ou forçada, de ir morar em uma ILPI. O ponto forte dos relatos da autora está no fato de que as experiências revelam significados diferentes para cada sujeito, de acordo com suas histórias pessoais. No entanto, quero enfatizar o que ela compartilha com relação à ILPI que é reconhecida pelos próprios residentes e profissionais como um asilo². Assim sendo, já vem

² Asilo era um termo comum no momento em que o livro de Debert foi escrito, no final da década de 1990, sendo recentes as considerações da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) quanto à revisão do termo que visa romper com o estereótipo e sentido negativo atribuído a “asilo”. Em

carregada com sentidos negativos, aliados a solidão, desprezo e abandono, um contraponto com aquilo que a autora gostaria de mostrar como possível ao se falar em velhice e o ser velho em uma instituição de longa permanência.

Pesquisar a velhice em asilos é frequentemente uma tentativa de aproximação de uma experiência que compreende, pelo menos, duas facetas distintas. Uma delas, bastante negativa, mostra o asilo como a concreção dramática da solidão e do desprezo a que os velhos são relegados na nossa sociedade: “verdadeiros desertos de solidão”. (...) A outra face, positiva, reflete as sempre apregoadas vantagens do envelhecimento: a experiência acumulada, a sabedoria, o desprendimento, a liberação da angústia e da pressa dos mais jovens (DEBERT, 1999, p. 99-100).

O ponto que quero destacar da obra de Debert (1999), no entanto, diz respeito à visão de velhice, do velho e do asilo para residentes de uma instituição destinada a moradores de classe média, na zona urbana de São Paulo. Por meio de entrevistas e acompanhamento de atividades propostas dentro da instituição, a autora percebeu que sua tentativa de criar uma ideia positiva acerca do asilo, atrelada à aquisição de conhecimento e sabedoria, era desconstruída pelos próprios internos, que firmavam a ideia da velhice na solidão e no abandono. Além disso, com relação ao velho, especificamente, destaca que idosos entrevistados, e mesmo os quais encontrava nas atividades na ILPI, apontavam sempre a velhice do outro como pior que a sua. Nesse sentido, ela entende que o velho precisa se agarrar a tudo que lhe for possível para manter viva a dignidade e a autoestima.

Para os idosos pesquisados por Debert (1999), a institucionalização era vista como uma possibilidade de autonomia, quando não era mais possível cuidar de si sozinho, ou não se queria estar sozinho, uma possibilidade de manter uma vida social. Muitas vezes o abrigo é a única possibilidade de não ficar morando na casa dos filhos, uma prática comum nas gerações anteriores, em que estes velhos, quando jovens, prezavam a presença dos avós em casa. No entanto, embora a possibilidade de manter-se em contato com outras pessoas, muitas vezes se busca enclausurar essas outras pessoas em suas

2010 Camarano e Kanso desenvolvem um estudo com um apanhado histórico sobre as ILPIs e as direções que o novo conceito, o de ILPI, tem tomado, sendo utilizado indiscriminadamente na literatura e na legislação para identificar casas de repouso, clínicas geriátricas, abrigos e asilos; sem que as instituições se autodenominem ILPIs. Ou seja, substituir o termo “asilo” por “ILPI” não constrói outros significados para as instituições em si, apenas se torna um eufemismo utilizado pelos teóricos. Quanto a isso ver CAMARANO, A. A.; KANSO, S. R. *bras. Est. Pop.*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235 jan./jun. 2010.

próprias solidões. Aparece aqui um contraponto interessante que nada mais é do que uma forma de representar. Os idosos que respondem às suas questões e que surgem como personagens de sua pesquisa se esforçam por mostrarem-se satisfeitos com a institucionalização, mas escorregam em suas atuações ao tentarem se reconhecer como “menos velhos” que os demais internos.

Embora a análise de Debert (1999) não seja psicanalítica, conforme já reiterei, este último aspecto de que trata vem muito ao encontro do espelho lacaniano, porém um espelho às avessas. Enquanto Lacan (1966/1998) aponta que o eu se constrói a partir de como o outro o vê, Debert (1999) trata da negação que enfatiza o eu como diferente daquele outro que não se quer ver: o velho só, abandonado, desinvestido pelos filhos e pela família, pela sociedade.

Conforme já apontado, muitas vezes a busca pela instituição acaba sendo uma forma de manter laços sociais que, como veremos a seguir, nem sempre se efetiva, uma vez que estar rodeado por pessoas não quer dizer necessariamente que haja laço social. Não abordo esta temática mais a fundo neste momento, pois será retratada no capítulo sobre velhice. Neste momento cabe destacar o fato de que estar em uma instituição para idosos não é vivido da mesma forma para todos os sujeitos, ao contrário, cada um tem uma percepção e uma maneira própria de se colocar neste lugar. No entanto, ressalto a identificação com o outro, apontada por Debert. Trata-se de uma identificação às avessas, uma vez que representa sempre aquilo que não se quer ser.

A impressão de que o momento de entrada no asilo corresponde auto-identificação dos indivíduos como sendo velhos é desfeita logo após um contato mais demorado com os residentes. A ideia de que o velho é sempre o outro é aí presente de maneira ainda mais enfática (DEBERT, 1999, p. 121).

Embora a antropologia possa caracterizar categorias de velhos, algo que não nos interessa do ponto de vista da Psicanálise, ressalto a existência de múltiplas velhices, e da existência de uma velhice própria a cada sujeito, também destaca por Debert (1999) no asilo em que desenvolveu sua pesquisa em São Paulo.

Ainda, gostaria de relatar de forma mais aprofundada minha experiência com as pesquisas e extensões que desenvolvi com práticas de letramento, escuta psicológica e atividades artísticas, juntamente a distintos orientadores. A primeira pesquisa desenvolvida em ILPI durante a graduação foi entre os anos de 2010 e 2011, uma Iniciação Científica com a qual busquei compreender de que forma os idosos da

instituição se expressavam. O método foi construído com base em oficinas artísticas com desenho e tinta guache. A iniciativa surgiu a partir da percepção de que havia poucas atividades artísticas no local, ao mesmo tempo em que os idosos demonstravam interesse em participar de atividades em que pudessem criar materiais com suas próprias mãos e cujo resultado fosse algo concreto e palpável (MAGNABOSCO-MARTINS, BALDIN; MACARI, 2014).

Com tintas guache, pincéis, folhas sulfites e cartolinas à disposição, um grupo de seis idosos foi incentivado a desenhar livremente durante os encontros, embora precisassem estar atentos a temáticas dirigidas, que se relacionavam com sua vida na ILPI, seus familiares e sua posição enquanto sujeito. Assim, os encontros aconteceram enfatizando suas representações de “meus familiares”, “as pessoas com as quais convivo” e “quem sou eu”. Portanto, a tentativa de apreensão da expressão de si por meio do desenho em aquarela deu-se tanto pela interpretação dos desenhos, quanto por comentários e considerações feitos pelos participantes durante os encontros da oficina, que aconteceu em uma sessão semanal durante quatro semanas (MAGNABOSCO-MARTINS, BALDIN; MACARI, 2014).

Quanto aos resultados, os idosos não apresentavam grande preocupação técnica e/ou estética com os desenhos, fugindo de padrões considerados socialmente aceitos. Ao contrário, misturavam grande número de símbolos em um mesmo desenho, como uma casa com um jardim e vários números soltos entre os demais desenhos na folha, ou números misturados a letras soltas e círculos abertos. Foi importante colocar-me atenta para as metáforas utilizadas pelos idosos em seus desenhos como quando, por exemplo, uma idosa desenha uma flor no encontro em que foi pedido que falasse das pessoas com que convive e que, nas entrelinhas de sua fala, foi remetida à beleza da amizade, algo que busca cultivar no local (MAGNABOSCO-MARTINS, BALDIN; MACARI, 2014).

É possível destacar que, para além dos desenhos, outro marco da pesquisa diz respeito à valorização, por parte dos idosos participantes, de atividades que favorecessem alguma forma de atuação, ou seja, o fato de exigir que estivessem fazendo algo produtivo em meio a uma rotina marcada pela estagnação do dia a dia na ILPI. Nas palavras de alguns dos participantes: “*tem que usar a cabeça pra fazer as coisas, pra pensar, né?*” e “*ah, tem que sempre tá inventando alguma coisa pra passar o tempo mais rápido, né?*” (MAGNABOSCO-MARTINS, BALDIN; MACARI, 2014, p. 68-69). Há ainda a valorização do trabalho e do cuidado com o outro na atividade em

grupo, pois os idosos constantemente ofereciam elogios aos colegas e palavras de incentivo, dizendo que os desenhos estavam bonitos. Logo, a oficina foi um espaço para o exercício do eu, mas também de troca e interação com o outro, que mesmo tão perto fisicamente, muitas vezes está distante em outros aspectos, já que eles pouco interagem em seu dia a dia. Por fim, as conclusões desse capítulo foram que, embora o pequeno número de participantes, a oficina de desenho se mostrou uma técnica satisfatória para trocas coletivas, experimentação de novas situações e contato com si mesmo (MAGNABOSCO-MARTINS, BALDIN; MACARI, 2014).

Com a supracitada pesquisa surgiram questionamentos que me faço até o momento e que são pontos norteadores desta dissertação. Busquei estudar mais a fundo aquilo que já havia encontrado na literatura disponível sobre a temática, em termos de empobrecimento subjetivo a partir da institucionalização. A ideia de empobrecimento que busco sustentar é de base lacaniana. Como definida com Lacan (1959-1960/2008) em seus estudos sobre as duas mortes, a física e a subjetiva (ou simbólica), muitas vezes esta última morte pode vir antes da física e contribuir com a deterioração do corpo e da existência do eu. Com a morte subjetiva, o eu do sujeito deixa de existir, mesmo que ele esteja vivo no sentido mais concreto da palavra.

Para este estudo, Lacan aborda a *Antígona*, tragédia escrita por Sófocles por volta do século V a. C., a qual faz parte da trilogia tebana juntamente com *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*. A tragédia relata que Creonte era rei de Tebas e prometeu seu trono a quem conseguisse derrotar a Esfinge. Édipo o faz e além do trono, recebe a mão de Jocasta, irmã do rei, com quem tem dois filhos homens, Etéocles e Polínicés, que acordam revezar o trono anualmente. Porém, Etéocles reina primeiro e não passa o trono ao irmão no ano seguinte. Por conta disso, Polínicés invade Tebas e ambos matam-se em luta, conforme uma maldição de Édipo, e Creonte reassume o trono. *Antígona*, sendo a segunda tragédia da trilogia, dá sequência à trama.

Quando os filhos de Édipo morrem em duelo, Creonte determina que sejam dadas as honras a Etéocles e proíbe o sepultamento de Polínicés, considerado traidor. No entanto *Antígona*, irmã dos dois, compreende os motivos que levaram o irmão a invadir Tebas e manda construir uma pira para libertar sua alma. Ao saber disso, o rei Creonte ordena que os guardas prendam *Antígona*, a qual é levada ao rei e condenada a morrer presa em uma caverna. Há divergências na literatura sobre *Antígona* morrer presa na

caverna ou ser libertada, no entanto o que nos interessa nesse momento está para além da morte física de Antígona.

Com a atitude de enterrá-la viva, Creonte não condena Antígona diretamente à morte, mas a uma vida subterrânea que a coloca entre as duas mortes: uma simbólica, por ser “enterrada viva” quando afastada da presença dos vivos; e uma segunda morte, definitiva, a morte do corpo. Da mesma forma, ela tenta livrar o irmão morto da morte simbólica a que é condenada pelo pai, por meio da ordem de não sepultar seu corpo. A importância do sepultamento, para Antígona, está no fato de que ela acreditava que seu irmão morto merecia uma sepultura.

No *Seminário VII*, Lacan (1959-1960/2008) dirige o sentido da atitude de Antígona para a ética na Psicanálise. Ao contrário de Creonte, que não dá ouvidos à restauração do sentido do desejo ao negar a sepultura do herdeiro morto, Antígona sustenta-o até o seu fim, até a vivência da segunda morte. O que Lacan atenta é que ela nos faz deparar com o que define como desejo, do qual não abre mão e enfrenta a interdição do rei em nome da lei dos deuses. Por consequência, tem sua morte antecipada ao revelar o desejo durante a travessia. Outro ponto importante é que também Creonte se depara com essa região fronteira, da morte em vida, ao perceber que perdeu todos os seus bens e também seus familiares (LACAN, 1959-1960/2008). Com a tragédia, podemos perceber que a morte simbólica acomete a toda a família, uma vez que todos eles de uma forma ou de outra perdem importantes objetos de desejo de suas existências: Polinices perde, efetivamente, a própria vida; Antígona é privada do contato com o mundo e com aqueles que ama; Creonte perde sua família.

Retomo a Antígona, sob a análise do desejo, para sustentar algumas observações dentro do campo do conhecimento acerca da velhice institucionalizada: muitas vezes, os muros institucionais favorecem o enfraquecimento do posicionamento do desejo do sujeito que os habita. Dependendo do modo como é organizada, a instituição tolhe a vida do sujeito, levando-o a viver uma vida subterrânea, sem cor, assim como ocorre com Antígona ao ser presa na caverna, e que tem por consequência final a morte subjetiva antes da morte propriamente dita. Esse quadro é comum em ILPIs, pois de uma vez só os idosos perdem a ligação com sua rotina, com os vizinhos, conhecidos e com quem dividem uma casa. Precisam deixar de lado suas roupas e objetos pessoais, além de perderem também espaços que ocupa e que lhes são familiares, como a organização da casa em que habitam, como um todo. Assim, há a necessidade da

elaboração de pequenos lutos vivenciados com a morte simbólica de coisas e situações a que estão habituados, muitas vezes ao longo de muitos anos.

Propus outra Iniciação Científica na mesma ILPI, desenvolvida em 2012 e 2013, com objetivo de investigar a mesma questão. Porém, nesse momento, trabalhei com entrevistas individuais com alguns idosos residentes na ILPI há mais de dez anos. Os resultados desta pesquisa apontaram que a institucionalização, muitas vezes, é vivida pelo idoso como um rompimento brutal com a realidade. Há, portanto, o esmagamento de lembranças e vivências anteriores à institucionalização, principalmente no que diz respeito a idosos que permanecem institucionalizados durante vários anos. Neste sentido, é comum perceber na fala desses idosos que pouco pode ser dito sobre sua vida anterior à ILPI. A exemplo, trago as entrevistas concedidas por Antônia e Joana³, institucionalizadas há 13 e 17 anos, respectivamente. Suas falas eram marcadas pela fixação em alguns fatos recorrentes ao longo de suas vidas, dada a totalidade da entrevista, como frequentar a igreja e trabalhar. Mas elas não podem dizer muito mais sobre isso⁴ (BALDIN; MARCOLINO-GALLI, 2014). Interessante que as idosas relatam que “não se lembram”, mas não apresentam queixa de memória, nem quadro demencial.

Em síntese, com a pesquisa, concluímos que quando a vida na instituição mantém relação com o cotidiano anterior a ela, por meio do contato com pessoas e/ou atividades externas, há significativa preservação da ideia de si enquanto sujeito, ao contrário daqueles idosos que relatam uma quebra radical com a vida anterior à institucionalização. Com relação às mulheres entrevistadas, seu discurso circundava o cuidado com as pessoas familiares e com a casa e, de forma mais ampla, a rotina doméstica. Curiosamente, os entrevistados mais falantes, que dialogavam e se comunicavam de forma mais aprofundada, eram justamente os que auxiliavam nos cuidados diários da instituição em que residiam, cuidados similares aos que exerciam antes da institucionalização. As mulheres lavavam, cozinhavam, limpavam e cuidavam dos demais moradores; atividades muito ligadas às suas rotinas anteriores como donas de casa. Quanto aos homens, mantinham-se em contato com atividades de jardinagem e

³ Nomes fictícios.

⁴ Fragmentos dos relatos podem ser acessados em BALDIN, T.; MARCOLINO-GALLI, J. Considerações sobre sujeito, memória e linguagem, a partir da escuta dos relatos de duas idosas institucionalizadas. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 17, n. 2, p.153-177, 2014. ISSN 1516-2567. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

cultivo (BALDIN; MARCOLINO-GALLI, 2014). Com relação às atividades mencionadas, efetivamente são as mais comuns para a geração abordada, uma vez que a ILPI localiza-se em uma região cuja economia se baseia na agricultura.

Ou seja, a experiência mostra que, naquela instituição, as pessoas que se mantêm mais ativas são as que continuam exercendo atividades similares às de seus lares anteriores. Portanto, mesmo havendo rotinas burocráticas que rompem com laços importantes, tanto em termos subjetivos quanto propriamente do dia a dia de cada idoso, eles preservam parte da vida que tinham antes da institucionalização, mantendo vivas lembranças que são reescritas no dia a dia institucional. Ao contrário, os idosos que rompem com a vida anterior à ILPI de forma abrupta, em geral, entregam-se lentamente a um processo de mortificação do eu, conforme já explicitado anteriormente com Lacan (1959-1960/2008).

Entendo que a realidade da supracitada ILPI não é uma regra, pois a imensa carência de recursos, financeiros e humanos, obriga que os internos ajudem nos cuidados do dia a dia, tanto no que se refere à limpeza e preparação das refeições, quanto com relação a cuidados com medicação e higiene pessoal dos demais internos. No entanto, tampouco ela é uma exceção. No período em que estive no local, havia cerca de oito funcionários para oitenta idosos, vários com grau II e III de dependência, ou seja, conforme a Anvisa (2005), parte considerável dos idosos precisava de auxílio em até três atividades de autocuidado para a vida diária, leia-se alimentação, higiene pessoal e mobilidade, com alto ou baixo comprometimento cognitivo, o que diz respeito às condições de cuidar de si (autonomia e orientação temporal e espacial). No plano ideal, deveria haver funcionários em número suficiente para prestarem estes serviços, um cuidador para cada dez idosos, mais dois funcionários de serviços gerais (ANVISA, 2005), jamais os próprios internos. Da mesma forma, não posso negar a importância que estas atividades do dia a dia têm para os idosos que a habitam, em contraste com a pequena oferta de outras atividades. Questiono-me, inclusive, as consequências para essas pessoas, caso não lhes fosse permitido exercerem tais funções.

Tanto os relatos de Debert (1999) quanto o desenvolvimento das pesquisas, além de outras referências que não aprofundarei aqui, consideram que o empobrecimento subjetivo se expressa nas normas que padronizam a rotina institucional, sem levar em conta as especificidades de cada pessoa. Infelizmente, esta é a realidade de parte considerável das ILPIs brasileiras, principalmente em se tratando de instituições

públicas e filantrópicas, ou seja, aquelas que são mantidas por prefeituras, fundações e mesmo parcialmente pela iniciativa privada, as quais carecem de recursos financeiros e de pessoal.

Por fim, enfatizo de onde surge meu interesse nesta pesquisa: a partir do contato, em diversos e distintos trabalhos, com pessoas idosas durante a graduação em Psicologia como participante de projetos interdisciplinares de pesquisa e de extensão voltados tanto para o idoso que vive em sua residência, sozinho ou não, e participa de instituições como os Grupos de Convivência e as Universidades Abertas para a Terceira Idade, quanto aquele abrigado em ILPIs. É essa experiência que me leva a querer ouvir outras histórias, querer conhecer outros contextos e realidades, buscando novos olhares sobre a velhice e a institucionalização em outros espaços, que não este, até aqui descrito, e já vivenciado.

VELHICE E INSTITUCIONALIZAÇÃO

Nesse capítulo da dissertação abordo os conceitos de “velhice”, “instituição” e “institucionalização” sob a ótica da Psicanálise, para então desenvolver uma discussão acerca da velhice institucionalizada e, em seguida, apresentar o local em que a pesquisa foi desenvolvida, o Abrigo do Cristo Redentor.

Pensar no idoso a partir do campo teórico da Psicanálise é algo a ser atentado, principalmente porque há apontamentos nas obras de Freud de que a Psicanálise não seria aconselhada para a clínica com idosos. Vale ressaltar que Freud (1898/1976) faz essas pontuações em um momento da História em que as pessoas viviam em torno de 50 anos, diferentemente de hoje, que facilmente chegamos aos 80 anos de idade. Além disto, sua aposta era a de que a partir desta idade seria quase impossível o analisando fazer regressão às memórias infantis e, portanto, o tempo que o tratamento psicanalítico exigia não justificava o investimento. Por outro lado, aponta também que a velhice representa uma certa inércia psíquica. Em suas palavras,

Quando o trabalho da análise abre novos caminhos, observamos que o impulso tem dificuldades de ingressar neles. A esse comportamento chamamos de ‘resistências do id’. Com tais pacientes os processos mentais são fixos, imutáveis e rígidos. Isso acontece em pessoas de idade (FREUD, 1937/1975, p. 12).

Tais resistências têm relação com o fenômeno chamado por Freud (1937/1975) de “entropia psíquica”, conceito emprestado da física para indicar o grau de organização de um sistema. Quanto maior for a desordem desse sistema, maior será a entropia. Ela se caracteriza pela parcela de elementos disponíveis, mas não utilizados, que não circulam pelo sistema. Ou seja, muitas vezes na velhice há dificuldades para o investimento libidinal em objetos externos ao sujeito e para o retorno dessa libido ao ego, o que pode acontecer tanto com pessoas de avançada idade, quanto com pessoas muito jovens. Em outras palavras, a entropia psíquica que acomete pessoas de mais idade caracteriza a perda da plasticidade em permitir a circulação de libido.

Em se tratando dos velhos, a entropia psíquica tem relação direta com o prazer, como se o sujeito não fosse capaz de encontrar satisfação na realidade. No entanto, com a prática clínica, Freud (1937/1975) percebe que não é possível crer que os eventos

mentais sejam governados somente pelo desejo, assim como é possível, ao longo da vida, descobrir novos objetos para investimento libidinal, pois a relação externa com a realidade pode ser prazerosa mesmo em idades mais avançadas.

Ou seja, embora Freud não tenha falado muito sobre a velhice de forma específica, trouxe suas colaborações ao, de forma generalizada, expandir o campo do inconsciente e sobre a atemporalidade desses processos, possibilitando a criação de espaço para o estudo da vida de pessoas que já viveram muito. Além disso, para além do aumento da expectativa de vida, que atualmente está em mais de 73 anos no Brasil (BRASIL, 2013), sabemos que o tempo cronológico diz pouco do sujeito, uma vez que o inconsciente é atemporal e que quando se fala de sujeito, estamos sempre tratando do sujeito do inconsciente.

Antes de falar propriamente em velhice, gostaria de abordar o sujeito de que falo. Para aprofundar nessa questão, precisarei recorrer a Freud. Primeiramente, aponto a estrutura do sujeito a partir de três proposições psicanalíticas: o inconsciente, a sexualidade enquanto organização da vida psíquica e uma estrutura de linguagem necessária à subjetivação do sujeito. Essas questões, no entanto, não são objetivo neste momento, portanto discorro acerca delas apenas o suficiente para compreensão do ponto de vista ora defendido.

2.1 O SUJEITO DO INCONSCIENTE

Considerando os estudos de Breuer e Freud (1895/1990) sobre a histeria, é este o ponto de partida de seus estudos acerca do inconsciente. É pela escuta dos relatos de suas pacientes que Freud desenvolve a teoria em torno de uma estrutura capaz de comportar as verdades próprias e particulares de cada sujeito, verdades estas que muitas vezes se tornavam manifestas no corpo pela via do sintoma.

O inconsciente não está descolado de outra importante tese freudiana para a compreensão da constituição do sujeito, a formação do aparelho psíquico. Ainda abordando a verdade, Freud considera que o sujeito se funda na noção de sexualidade, e que o adulto revive incessantemente o que vivenciou na primeira infância. A sexualidade seria, portanto, um dos primeiros componentes do psiquismo e tem relação direta com a noção de inconsciente e, por consequência, de sujeito. É neste momento, também, que se instaura a primeira tópica freudiana.

Na *História do movimento psicanalítico*, Freud aponta que

um ato psíquico passa por duas fases quanto a seu estado, entre as quais se interpõe uma espécie de teste (censura). Na primeira fase, o ato psíquico é inconsciente e pertence ao sistema Ics; se, no teste, for rejeitado pela censura, não terá permissão para passar à segunda fase; diz-se então que foi 'reprimido', devendo permanecer inconsciente. Se, porém, passar por esse teste, entrará na segunda fase e, subsequentemente, pertencerá ao segundo sistema, que chamaremos de sistema Cs. Mas o fato de pertencer a esse sistema ainda não determina de modo inequívoco sua relação com a consciência. Ainda não é consciente, embora, certamente, seja capaz de se tornar consciente (para usar a expressão de Breuer) - isto é, pode agora, sob certas condições, tornar-se um objeto da consciência sem qualquer resistência especial. Em vista dessa capacidade de se tornar consciente, também denominamos o sistema Cs. de 'pré-consciente' (FREUD, 1914, p. 102).

Ou seja, há uma lógica de funcionamento psíquico, que possui características diferenciadas e articuladas. Além disso, têm-se a noção de que há conteúdos que podem ser recalçados pelo ego (consciente), por não terem acesso permitido à consciência, e que serão passados ao Id e ao superego, de ordem inconsciente e pré-consciente. Todas essas noções são importantes para compreensão do sujeito porque é a partir desta dinâmica que se resulta o eu, quando enfim é possível falar de sujeito.

Retomo a sexualidade, no *Seminário XI*, com Lacan (1964/1990). Ele concede à estrutura papel dominante e assim pode falar em dois campos, do sujeito e do Outro, sendo que o Outro "é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer" (LACAN, 1964/1990, p. 193-194). Para chegar a essas noções, Lacan se suporta nos estudos de Lévi-Strauss, apontando para a existência de um sistema de relações anteriores ao próprio sujeito, uma vez que sua constituição a partir do Outro precedente está sujeita à linguagem.

Com o nascimento, portanto, o bebê será inserido em uma cultura, uma ordem social, uma família e uma linguagem própria. É neste ponto que ele se assujeita àquilo que o antecede. Para que o sujeito seja representado, pela via da linguagem, é preciso que uma separação aconteça. Com ela, há algo que o sujeito perde. Diante da separação é quando começa a fazer sentido perguntar o que é que o outro deseja de si, ou mesmo se ele faz falta, questão importante para pensar a velhice do ponto de vista da Psicanálise.

Nesse contexto, o sujeito se faz sujeito por ser efeito da linguagem, a qual é passiva de diversas interpretações, e mediadora para a construção de um eu. Assim, a

relação estabelecida entre homem e linguagem é similar àquela vivenciada com relação ao inconsciente. São as diversas relações estabelecidas com outras pessoas ao longo da vida que permitirão que o homem crie uma imagem que poderá chamar de “eu” e assim, construir uma referência mais ou menos própria, portanto, tornar-se sujeito (LACAN, 1964/1990).

Esse vivo, chamado à subjetividade, permite a manifestação da pulsão. A pulsão é sempre parcial e exerce o papel de representante das consequências da sexualidade no psiquismo: “a sexualidade se instaura no campo do sujeito por uma via que é a da falta” (LACAN, 1964/1990, p. 194). Duas são as faltas. A primeira é a dependência do significante que se encontra primeiramente no campo do Outro, e que é uma falta real, já que representa a perda de um pedaço do vivo a que acabei de reportar. Retrata a busca do sujeito não por um complemento, mas por uma parte perdida dele mesmo ao se deparar com sua mortalidade.

A segunda falta é da ordem do irreal e representada pela libido, órgão necessário para a compreensão da pulsão. Dizemos que é uma falta irreal por se articular ao campo do real de um modo que nos escapa, que nos é impossível ter acesso. É aí que chegamos ao que buscava, para fins teóricos: uma conceituação para sujeito. O sujeito é efeito da linguagem. Isso, porque se faz sujeito na relação com o Outro. Conforme Lacan (1964/1990, p. 197) “toda a ambiguidade do signo se prende ao fato de ele representar algo para alguém. Esse alguém pode ser muitas coisas, pode ser o universo inteiro”, uma vez que um significante é o que representa um sujeito para outro significante e, se entramos em uma cadeia de significantes, não se está falando de outro sujeito se não daquele que é efeito, nas palavras de Marcolino-Galli (2013, p. 18), “é-feito de linguagem”.

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito (LACAN, 1964/1990, p. 197).

Se o sujeito se constrói no campo do Outro, o sujeito do inconsciente é visto de forma indeterminada, pois o significante que escreve sua história está em um lugar indeterminado. Para explicar esta afirmação Lacan (1964/1990) se utiliza do sonho, argumentando que a interpretação do psicanalista sobre o sonho do paciente demarca

um ponto de interpretação sobre um significante sem se prestar a todos os sentidos. No entanto, o sujeito pode ocupar diversos lugares à medida que se coloca sob um ou outro significante (LACAN, 1964/1990; MARCOLINO-GALLI, 2013).

Em meio a esse processo há, portanto, produção de subjetividade. Muitas vezes, subjetividade é entendida como se fosse o próprio psiquismo, formado pelos sistemas consciente e inconsciente, mediante os quais o indivíduo, governado por sua consciência, é capaz de delimitar seu espaço na relação com o outro ao colocar-se como uma estrutura unificada. Mas essa posição reduz a noção de inconsciente a um estado, como se fosse uma parcela temporária de desconhecimento da consciência. Falar de clivagem da subjetividade nos permite melhor compreensão do que seja a subjetividade e como é possível que haja uma produção subjetiva (LACAN, 1964/1990).

Com relação a isso, Garcia-Roza (2009) destaca as considerações freudianas de que o inconsciente é um sistema psíquico com leis próprias e diferenciado da consciência, por isso se trata de uma subjetividade clivada, cindida em dois modos diversos de funcionar – consciente e inconsciente. No entanto, para Freud, é o inconsciente que constitui a subjetividade e não representa somente aquilo que não pode ser acessado pela consciência. Em outras palavras, tratar de subjetividade é tratar de uma constituição do eu cindida e essencialmente governada por processos monitorados pelo inconsciente.

Vale ainda destacar que na relação entre sujeito e Outro, uma falta cobre a outra, criando uma relação dialética dos objetos do desejo, em que o desejo do sujeito faz junção com o desejo do Outro, processos essencialmente de ordem inconsciente. Essa noção é fundamental para o fazer desta pesquisa, conforme veremos adiante.

2.2 VELHICE E PSICANÁLISE

O protagonista de Gabriel Garcia Márquez em *Memória de minhas putas tristes* relata:

Não resisti mais. Ela sentiu, viu meus olhos úmidos de lágrimas, e só então deve ter descoberto que eu já não era o que fui e sustentei seu olhar com uma coragem da qual nunca me achei capaz... É que estou ficando velho, disse a ela. Já ficamos, suspirou ela. **Acontece que a gente não sente por dentro, mas de fora todo mundo vê** [destaque meu] (MÁRQUEZ, 2005, p. 109).

O personagem, no auge de seu aniversário de 90 anos, não se sente velho, mas todos já lhe atribuíram a velhice ao se depararem com o que veem ao olhar para ele: do ponto de vista orgânico, a idade e o corpo velho; do ponto de vista psíquico, as vivências de alguém que chegou aos 90 anos. É do velho e da velhice conforme é sentida pelo personagem que quero falar, de uma velhice que não se atrela à idade cronológica, mas sob o ponto de vista subjetivo.

Antes de mais nada, cabe diferenciar velho de velhice e também fazer um apontamento sobre o envelhecimento, em Psicanálise. Sobre o envelhecimento, é um termo emprestado da biologia que tem por objetivo caracterizar o processo de desgaste do corpo e da energia vital dos seres vivos ao longo do tempo. Seria, portanto, um processo cronológico pelo qual nos tornamos mais velhos, sem qualquer representatividade do ponto de vista do inconsciente. Sozinha, esta definição é demasiado simplista, pois não abarca qualquer singularidade nas vivências, ao mesmo tempo em que esse processo está longe de ser linear e universal. Da mesma forma, a partir da Psicanálise, e por consideramos o inconsciente atemporal, não faz sentido atribuir a ideia de envelhecimento ao eu do sujeito, mas apenas a seu corpo, o que tampouco acontece de forma única e padronizada, uma vez que experienciamos distintas situações ao longo de nossa vida e elas dizem sobre esse corpo que envelhece.

Posso ilustrar essa passagem novamente com o personagem de Márquez que, vislumbrando fotografias, tem a consciência de que o real do corpo que envelhece não é compatível com o que se sente com o suceder do tempo.

No vestíbulo, como vice-reis mortos, estavam os retratos a óleo dos três diretores vitalícios e as fotografias dos visitantes ilustres. A enorme sala principal estava presidida pela fotografia gigantesca da redação atual, feita na tarde do meu aniversário. Não consegui evitar a comparação mental com outra, dos meus trinta anos, e uma vez mais comprovei com horror que **se envelhece mais e pior nos retratos que na realidade** [grifo meu] (MÁRQUEZ, 2005, p. 95-6).

É sempre no olhar do outro que o velho se vê e essa noção temporal de envelhecimento embasa as práticas realizadas com pessoas idosas, assim como com pessoas que vivenciam qualquer outro período da vida, definindo também quem é o bebê, a criança, o adolescente e o adulto. Ou seja, retrata como os outros, do ponto de vista do imaginário, veem o velho na sociedade. Isso diz de uma forma de reconhecer o

outro pelo espelho, identificar quem é o outro pelas marcas que o tempo produz e escreve em seu corpo.

Há, portanto, processos biológicos e subjetivos envolvidos, os quais provocam diversas modificações nesse corpo que muda e que é visto e nomeado pelo outro. Na velhice, considerada a última etapa da vida humana, aquela que antecede a morte orgânica, podemos ter contato com marcas muito visíveis e bem definidas. Nesse sentido, a velhice possui representações muito peculiares quando vista pelo olhar do outro, mas também quando o sujeito é questionado a falar sobre o que vê acerca de si mesmo. Por convenção, muito mais ligada a aspectos jurídicos, de legalidade, o Estatuto do Idoso (2004) demarcou o idoso, eufemismo para a palavra velho, como aquela pessoa que tem 60 anos ou mais. Em contrapartida, é comum pensarmos que o idoso seja aquele que vive a velhice, período em que a pessoa começa a demandar cuidados específicos por apresentar mais fortemente sintomas ligados a perdas, incapacidades e doenças. Isso é tão disseminado no imaginário de nossa sociedade que é difícil pensar em aspectos positivos da velhice.

Considerados esses três conceitos e suas diferenciações, gostaria de ressaltar mais um aspecto de velhice e velho, conforme é abordado por ciências de cunho mais positivista, antes de abordá-los pela via da Psicanálise.

O velho, em geral, é pensado a partir da categoria social: na sociedade ocidental, se antes o velho era visto como um sábio, detentor da cultura e do conhecimento de seu povo, hoje é socialmente identificado sob a ótica das limitações corporais e mentais, das doenças e suas comorbidades, da dependência física e financeira, do declínio das atividades sociais, profissionais e da libido. Nesse viés, não há outra forma de encarar a velhice se não pelo caminho da rejeição (MUCIDA, 2004, 2009).

Nossa sociedade presencia a expansão significativa da categoria “idoso” na população mundial, ao mesmo tempo em que rejeita sua presença. Logo, e não é à toa, que tantas vezes o velho introjeta tais sentimentos e assume uma posição de inferioridade no contexto social; papel que muitas vezes não se comprova, dado os vários exemplos de idosos que chegam à longevidade mantendo-se independentes e participantes da vida social, como é o caso do personagem da obra de Márquez (2005). O velho que de alguma forma se destaca é considerado como o que foge à regra.

Como exemplo, o personagem surpreende a todos quando vai comprar uma bicicleta à sua jovem amada e expressa o que há de vida em si.

Quando fui comprar a bicicleta não consegui resistir à tentação de experimentá-la e dei algumas voltas a esmo na rampa da loja. Ao vendedor que me perguntou a minha idade respondi com a graça da velhice: vou fazer noventa e um. O empregado disse exatamente o que eu queria ouvir: pois parece vinte a menos. **Eu mesmo não entendia como havia conservado aquela prática do colégio, e me senti sufocado por um gozo radiante** [grifo meu]. Comecei a cantar. (...) As pessoas me olhavam, divertidas, e gritavam para mim, me incitavam a participar na Volta da Colômbia em cadeira de rodas. Eu lhes fazia com a mão uma saudação de navegante feliz sem interromper a canção. Naquela semana, em homenagem a dezembro, escrevi outra crônica atrevida: *Como ser feliz anos noventa anos em uma bicicleta* [grifo do autor] (MÁRQUEZ, 2005, p. 81).

No entanto, viver os setenta, oitenta e noventa anos ou mais com autonomia e independência não é a realidade de todos e a grande quantidade de instituições de cuidados permanentes destinadas a essa população corroboram com a afirmação ao encarnarem o papel de “depósito” e de espera pelo fim da vida.

Nesse sentido, Mucida (2004) dá destaque à vivência do desamparo por parte dos idosos, já que o contexto capitalista enfatiza a lógica de mercado e o velho torna-se o ultrapassado: não há espaço para ele diante do *boom* das inovações e da valorização da juventude. Resta-nos, então, a difícil pergunta: afinal, que lugar o velho ocupa? Aqui também podemos nos questionar acerca da subjetividade. Quando falamos nela, estamos sempre apontando para uma certa subjetividade, atrelada à sua época, e que dá lugar a um certo velho, o velho do século XXI.

Ao resgatar o papel da Psicanálise, percebo sua importância no que diz respeito à velhice e ao idoso, atentando ao fato de que falo de um sujeito do inconsciente, para o qual a temporalidade cronológica não existe. Psicanálise com idosos seria, então, tratar de um sujeito que vive um período da vida que é, em geral, bastante desinvestido, por si e pelos outros. Mais de um século passou-se desde as primeiras orientações de Freud (1898/1976) quanto à não aplicabilidade da Psicanálise com idosos. De lá para cá muito foi construído e, embora sejam preservadas algumas limitações, não é possível continuar não dando atenção aos velhos, hoje parcela significativa da população mundial.

Quando Freud (1915/1974) aborda o inconsciente em sua obra de mesmo nome, destaca a atemporalidade dos processos inconscientes e que esses podem ser vivenciados e apreendidos por meio da linguagem. Além disso, a linguagem é a via para os processos inconscientes que nos direcionam para outro tempo, o qual não diz sobre a ordem cronológica da existência, mas sobre algo que não envelhece com o passar dos

dias, que não sofre os mesmos efeitos que aqueles físicos e visíveis, portanto de fácil acesso, infringidos no corpo físico. De forma mais ampla, isso quer dizer que se um adulto jovem ou um idoso busca por atendimento, não há qualquer distinção do ponto de vista do inconsciente. Messy⁵ (1993) chega a definir o tratamento psicanalítico como um “encontro peculiar de inconscientes, qualquer que seja a idade do paciente... ou do psicanalista; somente estão em jogo seus desejos. Na circulação da libido não há jovem nem velho, o desejo não tem idade” (ibidem, p. 8). É também por esse caminho que olho para o velho.

Em sua tese, Messy (1993) anuncia que “a pessoa idosa não existe”, considerando que não é possível abordar o “idoso” enquanto categoria individual, uma vez que a velhice é um estado. Credo nisso, só é possível falar de idoso enquanto categoria social – é sempre um lugar ocupado por um certo sujeito no olhar do outro, da família, dos mais jovens. Enfim, só se pode ser velho a partir do olhar da coletividade.

O autor traz a velhice do ponto de vista da percepção: pelo espelho, o sujeito se vê envelhecendo fisicamente e ao se dar conta disto nada pode esperar além da aproximação da morte, que anteriormente já fora discutida com Freud (1915/1974). Ao buscar sentidos para a velhice, inconscientemente percebemos que estamos convictos de nossa imortalidade e, em se tratando da atemporalidade do inconsciente, a morte não possui representação. Por fim, aponto que para o inconsciente, o velho é sempre o outro. Se envelhecer só diz respeito ao velho, nos localizamos fora das ameaças do tempo. Logo, do ponto de vista do imaginário, somos inalcançáveis pela morte.

Na continuidade de sua tese Messy (1993) não deixa de falar sobre o envelhecimento em termos de perdas e aquisições, no entanto indo muito além do sentido biológico desses termos, que opto por não adentrar dada a especificidade de minha pesquisa. Em termos de aquisições, envelhecer está muitas vezes ligado à maturidade e à acumulação da sabedoria adquirida com o tempo. Para exemplificar com o personagem de Márquez (2005, p. 75) “quando meus gostos musicais entraram em crise me descobri atrasado e velho, e abri meu coração às delícias do acaso”. Já as perdas são essencialmente de caráter pejorativo, sobre aquilo que se perde com o tempo. Em Psicanálise, podemos falar de dois processos, continuamente presentes na existência

⁵Messy é pioneiro ao abordar a velhice e a demência sob a ótica da Psicanálise, sendo que após seu trabalho em “A pessoa idosa não existe” na década de 1990, a literatura sobre o tema é fortemente influenciada por seu olhar.

humana, uma ligada à construção e à assimilação; e outra destrutiva, desassimilativa (FREUD, 1920/1975). Neste mesmo sentido se orientam os movimentos pulsionais, pulsão de vida por um lado, e pulsão de morte por outro.

Com foco no envelhecimento enquanto aquisição, Messy (1993) aponta para as contribuições da Psicanálise com relação a um investimento da dimensão imaginária do ego: o sujeito investe em objetos significativos e, assim, a noção de aquisição é fruto da relação narcísica do eu com o objeto. “Sem o sabermos, moldamo-nos à imagem de um outro, por quem nutrimos afetos de qualquer natureza” (ibidem, p.14). Já, em se tratando do envelhecimento enquanto perda, o autor se refere à perda dos supracitados objetos investidos. Ou seja, tanto as perdas quanto as aquisições estão presentes ao longo de toda a vida do sujeito, por isso tratam-se de processos inerentes ao envelhecimento, que todos vivemos desde o nascimento, e não à velhice em si. Não deixo, porém, de reconhecer que a intensidade das perdas aumente com o avançar da idade.

Todas as perdas vividas ao longo da existência de um sujeito indicam marcas que estruturam o seu eu: a perda dos dentes de leite, na criança é o avanço para a adolescência. A perda da virgindade, no jovem, é um marco que o aproxima da idade adulta. Quanto ao adulto, a menopausa nas mulheres, a aposentadoria e a perda de pessoas próximas com a mesma idade cronológica (MESSY, 1993). Márquez exemplifica com maestria como o velho percebe seu acúmulo de perdas ao longo de uma vida.

O veneno mortal estava em uma foto panorâmica dos funcionários, feita no XXV aniversário da fundação do jornal, e na qual estavam assinalados com uma cruzinha sobre a cabeça os que iam morrendo. Eu era o terceiro da direita, com o chapéu de palha, a gravata de laço grande com uma pérola no prendedor, o primeiro bigode de coronel de guarda civil que tive até os quarenta anos, e os óculos metálicos de seminarista que me fizeram falta depois de meio século. Havia visto aquela foto dependurada durante anos em diferentes escritórios, mas só então fui sensível à sua mensagem: **dos quarenta e oito empregados originais só quatro estávamos vivos** [grifo meu] (MÁRQUEZ, 2005, p. 56-7).

Todas esses são momentos da vida significativos para o sujeito e, mais especificamente a aposentadoria – e acrescentaria aí a percepção da morte de pessoas com as quais conviveu ao longo da vida – são inscrições da sociedade no sujeito que envelhece (MESSY, 1993).

Quanto à aposentadoria, Márquez também a aborda em sua ficção. Em continuidade à narrativa do retrato com as cruzinhas sobre as cabeças, o diretor do jornal lhe elogia por uma crônica bem escrita sobre a velhice: “quem pôs as cruzinhas não fui eu, disse. Acho que são de muito mau gosto. (...) Se antecipou a tudo: estou falando da sua demissão. Mal consegui dizer: é uma vida inteira. (...) Não tinha sentido termina-la com uma decisão que **mais parecia uma morte civil**” [grifo meu] (2005, p. 57). Este fragmento da obra pode ser também um bom exemplo para esclarecer o que seria a noção de morte simbólica, já abordada, para Lacan (1959-1960/2008).

A aposentadoria, decorrência da velhice para o personagem, tem relação com o ego. Essas realidades se manifestam no plano psíquico caracterizando a ruptura de um vínculo como um vácuo no ego do sujeito, vivido de forma dolorosa (MESSY, 1993).

Quando pensamos amar uma pessoa, nosso ego investe nela uma imagem que o constitui. Quando a pessoa desaparece ou morre, a relação do ego com o objeto é marcada pelo luto, sendo vivida pelo sujeito como a perda. A libido investida no objeto se retira. A dor é uma decorrência da volta da imagem investida, e, aspecto capital, essa imagem fica desprovida de suporte da realidade do outro. Digo do outro, mas bem que poderia dizer do objeto. Não se trata do outro na sua inteireza, mas da perda desta parte do outro que constituía um aspecto do meu ego (MESSY, 1993, p. 15).

Embora o fragmento acima tenha utilizado como exemplo o investimento em uma pessoa, podemos dizer o mesmo sobre um emprego, um bem material ou mesmo uma crença que seja perdida. Ou seja, ao perder seus objetos, o ego perde também seus suportes e, assim, Messy (1993) conceitua o que considera a entrada na velhice: o momento em que o sujeito não consegue mais manter um nível mínimo de equilíbrio entre as perdas e aquisições. É certo que ao longo da vida sofremos inúmeras perdas, da mesma forma com que é esperado que busquemos outros objetos para substituir aqueles que foram perdidos. Cabe ao ego, portanto, administrar esses processos. Quando tal administração não é possível, considera o autor, e há uma ruptura no equilíbrio entre perdas e aquisições, o sujeito entra na velhice. Em geral, essa ruptura tem relação também com perdas anteriores e cruciais para desembocar em um sofrimento difícil de lidar.

Todos esses acontecimentos contribuem para um desinvestimento libidinal. O velho é desinvestido socialmente e se veste com o figurino da inutilidade. Ao deparar-se com o corpo fragmentado, nega o processo de luto e enfraquece seu eu ideal, definido

por Freud (1914/2003, p. 91) como aquilo que o sujeito imagina que o eu “deveria ser”. A imagem constituinte do eu ideal seria fruto da busca constante do sujeito por recuperar uma satisfação desfrutada na perfeição narcisista da infância. É algo de que o sujeito não abre mão mesmo quando se afasta da vivência do narcisismo primário, o que se espera que aconteça, para então haver a recuperação do estado narcísico no qual o eu foi o seu próprio ideal.

Se o eu não é mais o seu próprio ideal, sentimentos negativos emergem na vivência da feiura de ser velho: as rugas, as olheiras, a pele flácida, os cabelos brancos. Os espelhos são evitados e o sujeito é desinvestido. Com a queda do eu ideal, emerge o eu feiura, evidência da queda do ideal e um reviver os fantasmas do passado com relação ao estádio do espelho, o retorno do corpo fragmentado. Como o sujeito não é mais a criança antiga e não há a mãe para sustenta-lo, só resta ao velho se prender nas boas lembranças do passado (MESSY, 1993), o que justifica a fixação em um discurso voltado para o passado, comum na fala de idosos (MUCIDA, 2009).

Quanto ao estádio do espelho, Lacan (1966/1998) o compreende como um modelo que atravessa toda a vida do sujeito. O estádio do espelho representa a relação libidinal do sujeito com sua imagem corporal, iniciada quando ainda é um bebê, pouco consciente de si. Porém, mesmo muito pequeno, por volta dos seis meses, o bebê já dá indícios de reconhecer sua imagem refletida no espelho, que passa de uma relação da ordem do real, daquilo que não pode ser simbolizado, até a compreensão do eu como imagem, chamada de imagem especular. Isso tem total relação com os três registros, real, simbólico e imaginário, que abordarei posteriormente. Neste momento, porém, quero destacar que Lacan desenvolveu a metáfora do espelho para representar a relação da criança com a realidade ao seu redor, “uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (ibidem, p. 97).

Para que a criança reconheça que está em relação com outros, primeiro ela precisa compreender que a imagem que vê é ela, ao mesmo tempo em que não é somente ela, uma vez que o eu se encontra alienado ao outro (o semelhante, a identificação) e também ao Outro (pois a criança, para constituir-se sujeito, precisa estar imersa na Linguagem, na Cultura e no Simbólico). Dessa forma, falar de sujeito, com Lacan, é falar de um eu assujeitado, que se constrói na relação com outros e o Outro, assujeitado pelo próprio desejo (LACAN, 1966/1998).

Assujeitar-se é fundamental para a constituição do eu. É assim que a criança passa da imagem fragmentada do corpo para um eu que está longe de ser total, embora possa ser estruturado. Conforme Lacan (1966/1998, p. 101), “esse momento em que se conclui o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial, (...) a dialética que desde então liga o eu a situações socialmente elaboradas”, passando de um eu especular, para um eu social.

Não perdendo a metáfora do espelho lacaniana de vista, falo do estágio do espelho quebrado, na velhice, representada pela fragmentação do corpo, o momento em que o sujeito se depara com a ameaça de extinção da espécie, a perda da identificação com o outro/Outro, que Freud denominou como uma angústia de castração (MESSY, 1993; MUCIDA, 2004).

A angústia, conforme Freud (1926/1996) descreveu em *Inibições, sintomas e angústia*, se trata de uma angústia sentida frente à castração iminente. Suas origens estão no complexo de Édipo quando, na infância, o menino sente o medo de ser castigado pelo pai ao sentir de forma mais intensa desejo pela mãe. A angústia parte deste sentimento de ser punido severamente, portanto um perigo que impõe um limite e leva o menino a recalcar o que sente pela mãe, assim como ódio que sente pelo pai. Eis a demarcação do declínio do Complexo de Édipo. Ou seja, a angústia produz o recalque do que não é suportado de ser vivido. A partir daí, Freud aponta que todo adulto que sofre de uma fobia, sofre na verdade de uma fobia infantil que se relaciona com a angústia de castração primeira, relatada no Complexo de Édipo.

No caso do velho, com a vivência do estágio do espelho quebrado, há uma antecipação da morte em sua imagem no espelho ou na imagem de um outro, entendido como mais velho do que si. A angústia sentida frente ao corpo fragmentado, que o velho quer destruir de alguma forma, é uma angústia de morte. Messy atenta para a possibilidade de surgir uma nova perda de um objeto investido neste período, “cujo luto já não é mais possível fazer e que vai transformar o adoecimento em trauma originário, não simbolizado” (MESSY, 1993, p. 46). Pode ser a perda de um animal de estimação, um roubo, uma doença corporal, e que por consequência precipitará a pessoa na velhice. “O estado de velhice se caracteriza por uma depressão, pelo curvar-se sobre si mesmo, pelo desinvestimento no mundo externo” (ibidem, p. 47).

Como consequência, são crescentes os índices de suicídios na velhice, principalmente entre aqueles que sentem “não fazer mais falta”. Se não há uma falta,

que é sempre constituinte, não há sentido na existência. Com relação a isso, uma revisão de literatura quali e quantitativa recente, desenvolvida por Minayo e Cavalcante (2015), levantam os principais fatores que estariam relacionados com tentativas de suicídio em idosos. Os mais comuns são doenças graves e degenerativas, dependência física, transtornos mentais e depressão severa. Dentre esses, a depressão é o fator mais relevante e se encontra ligada principalmente a perdas, abandono, solidão e conflitos familiares. Isso demonstra que o avanço da idade não tem sido vivido de forma favorável.

Mucida (2004) também trata das perdas na velhice. Ela aponta que a velhice é o período da vida que nos escancara o real da castração, pois nossa cultura liga o velho à improdutividade e à morte. Não raro, ouvimos falar de doenças atreladas à velhice como o “mal da idade”.

Cabe aqui uma explicação sobre o nó borromeano e as três instâncias que compõem o aparelho psíquico, o registro Real-Simbólico-Imaginário, ou R-S-I, para que possamos aprofundar a discussão em torno da velhice enquanto a impossibilidade de ser, logo algo que compete ao campo do Real. No *Seminário XX, Mais ainda* Lacan (1972-1973/1985) apresenta o nó borromeano, formado por três círculos entrelaçados e que juntos formam um nó. Cada um desses círculos corresponde a uma instância psíquica, portanto todas interligadas, e o corte de uma delas deixaria todas soltas.

Quanto aos três círculos, um deles representa o Real, outro o Simbólico e o terceiro, o Imaginário. No cerne dos elementos encontra-se a Linguagem, por sua presença ou falta, pela interação com o Outro e reconhecimento das Leis sociais. O Real estaria num plano anterior à linguagem, referindo-se àquilo que não pode ser dito, que não pode ser nomeado, o inalcançável. A partir do momento em que se é possível falar sobre algo, entramos no plano do Simbólico. Conforme Lacan (2005, p. 15), “falar já é introduzir-se no objeto da experiência analítica”, momento da simbolização, por meio da qual a experiência singular de cada sujeito pode ser transmitida ao outro através da interação. O Imaginário, por sua vez, refere-se ao objeto para além do símbolo, abrangendo assim o plano da fantasia, aquilo que já tem “seu próprio valor de imagem para um outro sujeito” (ibidem, p. 20), o que denota a singularidade das relações inter e intrapessoais, com o Outro.

Dada a impossibilidade do sujeito considerar a morte, a velhice enquanto experiência se encontra no campo do Real, daquilo que não pode ser dito, visto e nem

sentido pelo sujeito – ao menos não no que diz respeito à sua própria velhice. No entanto, atrelar morte a velhice é prática comum por conta de um discurso que se propaga no âmbito social. Ela compete ao Imaginário, sem nunca chegar ao plano do Simbólico. Não pode ser simbolizada sem que haja a morte do ego, pois se o inconsciente não envelhece nem morre, o eu o faz e o que compõe esse processo se faz marcado pelo sofrimento, tornando a velhice algo do intolerável, um não-lugar concretizado pelo sentimento de não-pertencimento (LACAN, 2005).

Retomando Messy (1993), a velhice guarda em si “a ideia de uma morte de nada. Quando ela surge, porém, torna-se uma morte por velhice” (ibidem, p. 35).

Através do medo de envelhecer não estará, acaso, o medo da morte que assim se exprime, ou falando de outro modo: o temor de perder a vida, como tivemos que perder o seio ou a placenta? Mas essa perda é impossível, impensável em demasia, exceto se anteciparmos o ganho de outra vida, celeste ou reencarnada, através da fé num ideal religioso. Talvez não seja a própria morte que cause medo, mas a ideia que temos dela (MESSY, 1993, p. 36).

E tais ideias, como se constroem e se disseminam? Seria a velhice ainda mais complexa quando vivida em instituições, dadas as complexidades das próprias instituições para idosos? Estes, e outros, são temas a serem discutidos.

2.3 INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Antes de aprofundarmos na temática das instituições para idosos, opto por apresentar o conceito e a função das instituições em geral. Conforme Lebrun (2009, p. 13), instituições dizem respeito ao “conjunto de formas ou estruturas fundamentais de organização social, como são estabelecidas pelas leis ou pelos costumes”. No entanto, instituição, no singular, seria um conjunto de estruturas organizadas que dizem respeito a cada setor social específico, portanto, a Educação, a Cultura, o Poder Jurídico, etc. Mas, a instituição também poder ser aquilo que acolhe o que está instituído em dado lugar, como é a escola que atende ao que é instituído pela Educação, ou o presídio que acolhe as normas instituídas pelo sistema Jurídico. É bastante comum localizar a instituição como entidade física, um espaço concreto, um prédio, e quando pensamos na instituição por esta via, ela é o que estabelece as normas ao mesmo tempo em que acolhe aquilo que se torna instituído. É por isso que podemos falar em instituições para

menores infratores, instituições de órfãos, instituições de saúde mental e instituições para idosos.

Quanto à sua origem, a palavra instituição prevê o uso e o sentido comumente atribuído a ela. Instituição vem do latim *institutio*, forma nominal do verbo *instituere*, que significa instrução, ordem, arrumação. Em síntese, a instituição pode ser compreendida como um espaço físico construído a partir de convenções sociais de normas instituídas e que dão origem a novas normas. Lebrun (2009) aponta como outro traço importante da instituição a noção temporal de que um evento está acontecendo pela primeira vez e em seguida entrando em uma hierarquia.

É o fato de inaugurar que dá ao primeiro, ao mais velho, ao umbilical, seu estatuto específico. De imediato, entendemos a noção de começo, e, portanto, de comando, e é o que veicula a instituição logo que ela é instaurada. (...) O próprio termo instituição acarreta em si mesmo a noção de disparidade implícita nos lugares via a temporalidade que ele inclui: uma primeira vez e depois... todas as outras. E, aliás, se entendemos na instituição a coisa instituída, esta não pode se desvencilhar do processo instituinte que a instaurou (LEBRUN, 2009, p. 14).

Ou seja, a instituição prevê uma sequência de instituições de normas e, ao mesmo tempo, abre espaço para que outras normas sejam instituídas após cada uma das normas anteriores. O fato marcante é que a instituição se constrói pela prevalência de um plano sobre os outros.

Para além dos espaços físicos instituídos, instituem-se também normas e relações. A própria interação só se torna instituinte se primariamente tiver sido instituída (De Munck apud LEBRUN, 2009, p. 23). Essa ideia é de fundamental importância ao considerar a questão do idoso institucionalizado, principalmente em se tratando da formação de laços na velhice e com relação à vida institucional. Instituir faz parte da estruturação do aparelho psíquico. Não é possível vivificar tal processo sem que de alguma forma haja opressão. Conforme Lebrun (2009, p. 26) “as organizações de poder estabilizam, ordenam, regulam, e por isso não vinculam nunca os indivíduos, seus desejos, seus interesses sem, ao mesmo tempo, oprimi-los”. A questão é que forma de opressão é essa e como permitir que aliene o sujeito sem, no entanto, sufoca-lo.

A instituição possui, ainda, um caráter de tradição, apontando para a valorização do tempo, no qual o hoje é legitimado pelo tempo de ontem. Neste sentido, para Lebrun (2009), a instituição é uma base já construída que se encontra em constante

modificação. “A instituição que existia anteriormente constituía espontaneamente a base sobre a qual se podia reconstruir uma outra” instituição (LEBRUN, 2009, p. 19). Ainda, para o autor, a crise que se fala estar sendo vivida pelas instituições é uma crise que confunde a instituição com os estabelecimentos, estes definidos como locais em que nada se pode modificar, onde as normas são cristalizadas pela tradição e, portanto, não capazes se serem instituídos.

Nas instituições há um papel a ser observado e exercido pelo psicanalista, o de estabelecer o questionamento de certas normas que são estabelecidas e que, de forma autoritária e repressiva, não permitem que o sujeito expresse qualquer tipo de posição de seu desejo. Considerando isso, também é preciso admitir que, atualmente, a instituição não se submete mais à tradição estrita e precisa ser constantemente reescrita para alcançar o desejo do outro. Para exemplificar, o autor aponta para o direito que falha se não se submeter à evolução dos costumes do grupo em que se insere. Em outras palavras, não se trata mais tanto de evitar que instituições se tornem estabelecimentos, ou de transformar estabelecimentos em instituições, mas de permitir que grupos se tornem instituições, os quais vão para além de um simples agrupamento, mas compõem uma rede de relações complexas e intensas, essenciais para garantir a vida do sujeito do desejo (LEBRUN, 2009).

No que diz respeito especificamente às ILPIs, trago algumas considerações quanto à realidade brasileira. As ILPIs, conforme já descritas anteriormente, são “instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinada a ser domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade e dignidade e cidadania” (ANVISA, 2005, online). No Brasil são encontradas inúmeras diversificações destas instituições, orientadas em várias modalidades e qualidades de atendimento, públicas e privadas e que atendem tanto idosos independentes, em situação de carência de renda e/ou de família, quanto aqueles com dificuldades para o desempenho das atividades diárias e que, portanto, necessitam de cuidados prolongados. O objetivo comum é sempre o de proporcionar serviços de saúde e assistência às pessoas com idade acima de 60 anos.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) publicou em 2011, embora tenham sido coletados em 2005, dados que apontam para a existência de 3.548 ILPIs no território brasileiro. Deste total, 65,2% são filantrópicas, ou seja, são entidades que embora particulares, se mantêm essencialmente a partir de doações e convênios com

empresas privadas e a comunidade civil. Estima-se que, nas 3.294 instituições que responderam à pesquisa haja 109.447 leitos, dos quais 91,6% estão ocupados. De toda forma, menos de 1% da população idosa ocupa leitos de ILPIs (aproximadamente 84 mil idosos). Destes, a maioria são mulheres (57,3%). Atentamos ainda, que o crescimento do número de ILPIs no Brasil é alarmante: de 1940 a 2009 surgiram 2.897 novas instituições. Somente entre os anos 2000 e 2009 foram 90 (CAMARANO; KANSO, 2010; IPEA, 2011).

A discussão do relatório aborda que a faixa populacional que mais cresceu no Censo Brasileiro é justamente a população considerada “muito idosa”, de pessoas com 80 anos ou mais. As motivações para a busca pelas ILPIs estariam no fato de que muitos chegam à velhice com poucas condições financeiras e sem moradia. Há mais idosos independentes abrigados em instituições públicas e/ou filantrópicas do que em instituições privadas ou com fins lucrativos. Também, é mais comum encontrarmos idosos dependentes, física e mentalmente, em instituições pagas, já que quando está bem de saúde a tendência deste idoso que possui boas condições financeiras é de que continue vivendo com sua família ou sozinho, ao invés de em uma instituição (CAMARANO; KANSO, 2010; IPEA, 2011).

Ainda, destaco a entrevista concedida por Ana Amélia Camarano (2011), economista especializada em envelhecimento populacional, ao IPEA. A pesquisadora apontou para a necessidade de uma postura mais efetiva do Estado na criação de mecanismos de proteção ao idoso, uma vez que a capacidade das famílias responsabilizarem-se por eles têm sido decrescente, em contraste com o aumento do número de idosos, que é crescente. Isto se deve à diminuição do número de filhos e à saída da mulher, historicamente quem exerce o papel de cuidadora, para trabalhar fora de casa. A tendência é de que a oferta de cuidadores familiares diminua ainda mais nos próximos anos: “hoje, as pessoas trabalham e estudam mais que no passado. E essas pessoas não dispõem de tempo para cuidar dos idosos que precisam de cuidados diários e específicos” (CAMARANO, 2011, s/p.). No entanto, não é porque o idoso está em uma instituição que ele não precisa mais dos cuidados familiares. Ao contrário, “o idoso deve e precisa manter relações com a família quando está em um asilo” (idem). Este é um ponto importante para pensar nas duas mortes apresentadas por Lacan (1959-1960/2008) por meio da Antígona.

Considerado isto, reconhecemos que o Estado promulgou uma Lei, que dispõe sobre a organização da Assistência Social (BRASIL, 2011). Em seu Artigo 2º, ela traz a garantia de direito ao idoso e à pessoa portadora de deficiência, que não é capaz de se manter economicamente sozinha, de receber um benefício equivalente ao valor do salário mínimo. Ainda assim, minha experiência indica que há muitos idosos com boas condições físicas e emocionais e más condições financeiras, ocupando leitos de ILPIs, portanto não se utilizando deste benefício. Parte considerável deles ocupa leitos de instituições públicas e/ou filantrópicas e são idosos independentes (CAMARANO; KANSO, 2010; IPEA, 2011).

Nesse cenário, a maioria das instituições precisam de parcerias com prefeituras e empresas privadas para se manter, além de auxílio da família dos internos, de suas aposentadorias e de doações da sociedade civil. Sob tais condições muitas ILPIs passam por necessidades econômicas e vivem à beira da impossibilidade de continuarem com as portas abertas (CAMARANO; KANSO, 2010). Além disto, muitos idosos encontram-se abandonados nas instituições, sem contato com familiares ou amigos, o que denota que haja a vivência de um grande empobrecimento nas ILPIs públicas e/ou filantrópicas brasileiras, o qual diz sobre diversas ordens, para além da financeira. Inclui-se aí o empobrecimento de laços sociais e afetivos.

2.4 INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS E FORMAÇÃO DE LAÇOS SOCIAIS E AFETIVOS

Conforme já discorri, os processos de instituição exigem a existência de um estatuto vigente consensual, uma vez que a garantia da coesão institucional se dá pelo cumprimento de normas de conduta e arranjos administrativos, como horários e regulamentos para entrada, saída e visitas. Essas normas são eficientemente repetidas, pois fazem parte da rotina habitual sem que internos e funcionários se questionem a respeito delas. Ou seja, muitas vezes não há uma documentação clara estipulando-as, mas todos obedecem a normas socialmente reconhecidas. Isto pôde ser verificado de forma empírica nas instituições em que atuei.

Em contrapartida a isso, com frequência é possível verificar o empobrecimento subjetivo a que os residentes de ILPIs estão submetidos, desde sua entrada até a saída da instituição. Como exemplo, trago os idosos que participaram de minhas pesquisas em

uma ILPI: ao chegarem à instituição, os idosos possuem características próprias marcantes, alguns por falarem muito, outros pelo cuidado com a aparência física, alguns ainda se destacam pelo grande conhecimento em economia, política e/ou literatura (MAGNABOSCO-MARTINS, BALDIN; MACARI, 2014; BALDIN; MARCOLINO-GALLI, 2014).

O empobrecimento subjetivo é caracterizado como um desinvestimento libidinal. Pelo corte de relações com o mundo externo, além da perda de objetos significativos para si, como são as pessoas familiares, a casa, as roupas, os objetos de uso pessoal, as atividades outrora exercidas e aspectos mais específicos da rotina, como horários para executar atividades e mesmo a ingestão de uns ou outros alimentos preferidos; são marcantes na subjetividade do sujeito. São perdas que muitas vezes não podem ser supridas com a nova realidade, a da instituição (LACAN, 1959-1960/2008).

De forma clara isso pode ser observado quando se acompanha a trajetória de idosos em uma ILPI. Com o passar de alguns meses e mais fortemente após alguns anos, é comum que os idosos deixem, gradualmente, de mostrar de forma clara suas características, outrora marcantes, sobressaindo o que já trouxe com relação às duas mortes da Antígona, conforme a leitura de Lacan. Parece que a vida institucional exige uma especificidade de subjetividade a ser seguida, a qual não permite investimento no desejo do eu sobre objetos significativos para o sujeito. Há uma falta que vai para além da falta estruturante, trata-se de um isolamento que favorece o apagamento subjetivo, a morte simbólica, conforme já descrita com Lacan (1959-1960/2008) e Castilho (2011).

Deparo-me, então, com a seguinte questão: que sujeito emerge como efeito do processo de institucionalização em se tratando de ILPIs? A experiência tem nos dito que, de alguma forma, a ILPI promove um desinvestimento libidinal no eu do sujeito, contribuindo para a restrição da formação e manutenção de laços sociais significativos.

Assim como aconteceu com a Antígona, o corpo físico, desinvestido do olhar de outros, morre quando perde a capacidade de ser afetado pelos acontecimentos do mundo, torna-se apenas um corpo, desprovido de afeto e já derrotado pela morte simbólica quando deixa de ser investido e desiste, em certa instância, da formação de laços sociais significativos. Embora essa restrição aconteça com o velho em geral, é mais presente em processos de institucionalização, uma vez que a perda de laços com as pessoas que foram familiares a vida toda é mais acentuada.

Com relação a isso, são palavras de Freud sobre a sua própria velhice, permeada pelo contato com o outro:

A velhice, com suas agruras, chega para todos. Eu não me rebelo contra a ordem universal. Afinal, vivi mais de setenta anos. Tive o bastante para comer. Apreciei muitas coisas - a companhia de minha mulher, meus filhos, o por do sol. Observei as plantas crescerem na primavera. De vez em quando tive uma mão amiga para apertar. Vez ou outra encontrei um ser humano que quase me compreendeu. Que mais posso querer? (FREUD, 1926/1976, s/p.)

Diante das experiências já vividas, busco orientar meu trabalho na direção de não apenas visar o não-adoecimento do sujeito, mas também auxiliá-lo na busca por atribuir sentidos para a existência (MUCIDA, 2004; 2009). Um dos canais para isso seria justamente o de criar e manter laços que lhe sejam significativos ao longo da vida.

Várias obras abordam a importância da manutenção de laços na velhice, mesmo sem tocar especificamente na questão da velhice institucionalizada e outra obra sobre a qual gostaria de tratar é *Solidão dos Moribundos*, de Norbert Elias (2001). Este autor parte de uma perspectiva sociológica para tratar da morte, contextualizando historicamente o papel de pessoas próximas, pessoas que “façam sentido” na vida do moribundo, seja ele velho ou não. Em *Envelhecer e morrer*, segunda parte da obra, dá encaminhamento para o moribundo institucionalizado, analisando-o sob o ponto de vista subjetivo. Atento à distância emocional que a atual conjuntura social estabelece, de valorização da vida privada e responsabilidade assistencial do Estado com o sujeito.

Hoje, nas sociedades industrializadas o Estado protege o idoso ou o moribundo, como qualquer outro cidadão, da violência física óbvia. Mas ao mesmo tempo as pessoas, quando envelhecem e ficam mais fracas, são mais e mais isoladas da sociedade e, portanto, do círculo da família e dos conhecidos. Há um número crescente de instituições em que apenas pessoas velhas que não se conheceram na juventude vivem juntas. Mesmo com o alto grau de individualização que prevalece, a maioria das pessoas em nossa sociedade forma, antes da aposentadoria, laços afetivos não só com a família, mas com um círculo maior ou menor de amigos e conhecidos. O envelhecimento geralmente é acompanhado pelo esgarçamento desses laços que ultrapassam o círculo familiar mais estreito. Exceto quando se trata de casais velhos, a admissão em um asilo normalmente significa não só a ruptura definitiva dos velhos laços afetivos, mas também a vida comunitária com pessoas com quem o idoso nunca teve relações afetivas. (...) A separação dos idosos da vida normal e sua reunião com estranhos significa solidão para o indivíduo. Não estou pensando apenas nas necessidades sexuais, (...) mas também na proximidade emocional entre pessoas que gostam de estar juntas, que têm um certo envolvimento mútuo. Relações desse tipo em geral também diminuem com a transferência para um asilo e raramente encontram aí uma substituição. Muitos asilos são, portanto, desertos de solidão (ELIAS, 2001, p. 85-6).

Em complemento, em sua tese de doutorado, Castilho (2011) traz o papel dos laços sociais na vida do idoso, destacando a sua necessidade para superação de lutos difíceis e de situações que evidenciam a precariedade da condição humana diante da, inevitável, vivência de solidão. Especialmente no idoso, é comum sentimentos de abandono e solidão, trazidos com a experiência de “não ser mais útil”, ou conforme a expressão utilizada pela autora, quando o idoso começa a dizer que “eu não faço falta”. Juntamente com Freud, a autora diferencia isolamento de solidão e alerta que, enquanto esta é inerente à existência humana, o isolamento, por sua vez, resigna o sujeito a uma vida fechada e cuja inexistência de laços causa dor e sofrimento. De encontro a isto, Lacan (1982/1972-1973) aponta para a possibilidade da formação de laços significativos para o sujeito mesmo nas fases mais avançadas da vida. A institucionalização favoreceria, então, a experiência do isolamento, uma vez que é inerente a todo sujeito ao longo de sua existência.

O que muda nesse contexto? Talvez a noção de sujeito que se sustenta enquanto sujeito do desejo. E para pensar esta relação resgato a tragédia da Antígona, explorada por Lacan (1959-1960/2008): enquanto houver desejo há possibilidade de intervenção e, por consequência, possibilidade de abertura de novos laços sociais, de encontro com a solidão, mas não com o isolamento, ou seja, há pulsão de vida.

No entanto, na sociedade atual, parece ser cada vez mais difícil vivenciar a solidão de forma positiva. Tantas vezes ela está ligada ao rótulo da depressão e do Alzheimer, termos que permeiam diagnósticos, especialmente na velhice. Muitas vezes a solidão vem como consequência da vivência de lutos, mas não há permissão para vivê-los já que representa tristeza e a tristeza não é bem aceita. O paradoxo de tal situação é que atualmente a solidão é algo comum, marca da expansão populacional, tecnológica e científica, que oferta inúmeras formas de satisfação e conforto (CASTILHO, 2011; MUCIDA, 2004; 2009).

Mas então, como é possível estados depressivos e queixas de solidão se tudo convida o sujeito ao gozo sem limites? Que promessa de felicidade é esta que nos é imposta? Com relação a isso, Mucida observa que “de um lado encontram-se as queixas frequentes de solidão e isolamento e de outro o anseio pelos retiros, forma moderna de isolar-se do outro” (2009, p. 110), tal como os spas, casas de repouso e hotéis-fazenda.

O homem moderno, parece, está cada vez menos aparelhado para estar só e encontrar uma boa solidão, malgrado todo discurso em torno do rechaço de relações amorosas e do contato mais íntimo com os outros. Estar só torna-se também sinônimo de abandono e falta de amor (MUCIDA, 2009, p. 111).

A autora continua:

Nem sempre é fácil suportar esse estado, se ali o sujeito não encontra um bom momento para organizar sua vida, fazer projetos, refletir, meditar... A solidão como escolha, desejada e propícia à reflexão, à criação ou associada a outros estados de espírito como a meditação e a oração difere-se da solidão muitas vezes presentes na velhice, na qual o isolamento e, tantas vezes, a carência de laços afetivos e sociais levam a um estar só penoso, dolorido, no qual se demanda a presença do Outro. Todavia, nesses casos, observa-se muitas vezes que a demanda dirige-se a uma presença afetiva, seja de filhos, seja de outro familiar, cuja ausência o sujeito não consegue conduzir. Aprender a estar só e bem consigo não é uma tarefa fácil (MUCIDA, 2009, p. 112).

Então, o que dizer de quem se encontra institucionalizado?

Lidar com a solidão, tantas vezes presentes nas ILPIs, só é possível quando o sujeito pode viver a perda de objetos significativos e, assim, elaborar seus lutos. Por isso, acredito que mesmo em instituições em que o idoso é privado de sua liberdade e da vivência de relacionamentos que há algum tempo lhe são significativas, é possível construir novos laços e sustentar a posição de um sujeito do desejo. Aponto para os benefícios que a participação de grupos e o convívio social têm trazido para os idosos, no sentido de sublimar e elaborar os lutos, ao mesmo tempo em que possibilita o encontro com si mesmo, em uma visão mais introspectiva da vida (MUCIDA, 2009).

E o que seria a vivência desse luto? O luto se trata de um trabalho de elaboração, diante de uma perda real ou imaginária, que o sujeito sofre com relação a alguém ou a algum ideal, ou mesmo a algum papel que ocupa. A elaboração se dá por meio de choro, lamentações, sentimentos de culpa, de tristeza e de revolta. Evidentemente que não são sentimentos agradáveis de serem sentidos, mas após passar por este processo, o sujeito pode usufruir de outras possibilidades em sua vida. Apesar do luto perpassar nossa existência, desde que nascemos – estamos sempre a perder algo – na velhice ele é um imperativo: não existe velhice sem trabalho de luto. Ou seja, o trabalho de luto é feito ao longo de toda a vida, mas a velhice trata-se de um momento que merece maior atenção, pois conforme envelhecemos, perdemos mais pessoas queridas e há, ainda, a perda do corpo jovem, modificações na imagem e, comumente, na memória. É um processo intenso e contínuo (MUCIDA, 2009).

Não é possível fugir destas vivências, mas é possível amenizar a dor que traz, por meio das palavras: “falar, chorar, contar e recontar histórias em torno do que se perde são maneiras de tratar o avassalador” (MUCIDA, 2009, p. 99). Se não vividos com a devida atenção, os lutos podem tornar-se estados depressivos e sentimentos de mágoa com relação ao mundo. “Perdas muito fortes na velhice, sem o trabalho de luto, podem levar à retirada maciça dos laços com os outros, com efeitos diretos sobre a memória” (idem, p. 100), lembrando que perda não diz respeito somente à morte de uma pessoa querida, mas qualquer frustração ou decepção diante de um ideal ou de um laço importante para o sujeito.

Outra questão, complementar à da “perda” de memória, refere-se à própria morte subjetiva, consequência de lutos não elaborados. Conforme Castilho (2011, p. 4), “especialmente na velhice, nem sempre ocorrem os investimentos necessários à sustentação dos laços sociais: a capacidade de substituição encontra algo do limite, o isolamento predomina sobre a criação de novos laços e a dor prevalece”. Isto porque o sujeito deixa de desejar, perde seu objeto de investimento libidinal. A consequência é o isolamento gradual que, quando não escutado, inevitavelmente o levará à morte simbólica. Sem escuta, há o apagamento do eu.

Ao estudar os idosos em situação de institucionalização, muitos deles sem contato com familiares e amigos, e nem mesmo com vínculos significativos estabelecidos com outros moradores da instituição, sinto-me tocada pelas questões de Mucida (2009) e Castilho (2011). Não me reporto essencialmente à falta, uma vez que é constituinte e precede o sujeito, além de ser justamente a causa do desejo (o sujeito dividido frente ao objeto a), mas “para que o sujeito possa trabalhar a partir da perda é preciso que possa apreender-se como falta” (CASTILHO, 2011, p. 13). Ou seja, quando não se deixa alienar completamente pelos significantes do Outro ele consegue exercer seu papel de direito, consegue se posicionar diante da vida e, assim, não fica completamente preso aos significantes do Outro. É assim que a falta opera.

Poeticamente, Carlos Drummond de Andrade tratou do tema ao falar de “ausência”.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.
(ANDRADE, 1984, p. 25).

Na Psicanálise, porém, falamos de ausência ao tratar da condução de uma falta que é intrínseca à vida: aquela que contempla nossa estrutura, escrita pela presença do Outro e das suas marcas. Uma falta que não pode ser preenchida jamais e de nenhuma forma, já que o Outro também falta (MUCIDA, 2009). Logo, não é esta a falta que tira a vida, mas aquela que remete à ausência de desejo. Ao olhar para o idoso abatido, em processo de empobrecimento subjetivo, percorrendo o caminho da morte simbólica, como a da Antígona que é tirada da presença dos vivos para sobreviver na escuridão do subterrâneo; não é possível esperar outra coisa que não a vivência, por parte deste sujeito, da segunda morte – a morte do corpo. A primeira já se inscreve ali.

É tentando responder aos ideais que prescrevem uma relação asséptica com a dor, que muitas vezes um ‘idoso’ encurta a conversa. Não há muito o que falar, porque o que há para falar requer uma escuta que lhe permita alguma leitura, a partir de suas perdas. O que terá perdido? Terá sido uma localização no campo do Outro? Este contexto convoca a um trabalho a partir da perda que, entretanto, nem sempre se realiza, fato que não é sem consequências para o sujeito (CASTILHO, 2011, p. 7).

Porém, precisamos estar atentos também a casos de pessoas que se isolam do convívio e da vivência de afetividade, sob a posição estereotipada da velhice. Para esses, ela serve como justificativa para o isolamento e a solidão, mas não podemos deixar de lembrar que não há velhice sem um sujeito e que assim é possível criar estratégias de acolhimento para as mudanças decorrentes da velhice. Ou seja, juntamente com Mucida (2009), não me limito a uma leitura de velhice que inevitavelmente leva à solidão, mas que esta é também uma posição do sujeito diante da vida e de si próprio. Aceitando-a como parte si é mais possível transformar a falta essencial e constitutiva em criação e prazer. Seria isso o mais bonito de nossa constituição enquanto sujeito, “podermos, pelas palavras, pensamentos, devaneios e

lembranças, tornar presente uma ausência, (...) recriar enredos, transitando em outros espaços e tempos” (idem, p.115). Isso, nada mais é que efeito de dar voz ao velho.

Outra situação, relacionada com a vivência de lutos na velhice, é apresentada por Elias (2001). Ele aponta que a maneira como cada pessoa percebe que envelhece e lida com isso é particular, dependente de todo seu curso de vida e estrutura do eu. No entanto, muitas atitudes que passamos a ter quando velhos diz respeito ao medo de **perder**. Perder a independência física e também mental – acima de tudo a mental. O medo de perder o controle sobre si mesmo. Uma tentativa de lidar com esta situação seria a regressão ao comportamento infantil.

Não tentarei decidir se isso é simplesmente um sintoma de degeneração física ou uma forma inconsciente da crescente fragilidade desses idosos em direção aos padrões de comportamento da primeira infância. De todo modo, também representa uma adaptação a uma situação de dependência total que tem seu sofrimento, mas também suas vantagens. Há pessoas em muitos asilos hoje que têm que ser alimentadas, postas no vaso sanitário, limpas como crianças pequenas. Também enfrentam o poder como crianças. Uma enfermeira noturna que os trata um pouco bruscamente pode ser chamada de hora em hora durante a noite inteira. Este é apenas um dos muitos exemplos de como a experiência das pessoas que envelhecem não pode ser entendida a menos que percebamos que **o processo de envelhecer produz uma mudança fundamental na posição de uma pessoa na sociedade, e, portanto, em todas as suas relações com os outros** [grifo meu] (ELIAS, 2001, p. 82-3).

Então, que lugar ocupa esse outro?

O que tentei mostrar até o momento é a importância do trabalho sobre os lutos difíceis, especialmente nos períodos mais avançados da vida. O objetivo é o de que a solidão recorrente em situações de institucionalização não se torne essencialmente isolamento, nem dê espaço para a perda do desejo, mas que permita outras construções e investimentos no ambiente das ILPIs. Por fim, questiono: o que no processo institucional torna tão intenso a perda de laços afetivos e o desinvestimento no eu?

Capítulo III

O PROCESSO DE TRABALHO

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, desenvolvendo-se essencialmente em uma ILPI filantrópica localizada no município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro. Digo “essencialmente” porque a tessitura desta dissertação não deixa de ter forte influência de minha experiência como pesquisadora, estagiária e extensionista em outras instituições, ao longo de minha formação profissional no estado do Paraná, sejam elas de Longa Permanência ou não.

O primeiro contato com o Abrigo do Cristo Redentor aconteceu em novembro de 2014 e passei a acompanhar as atividades em maio de 2015. Entre o primeiro contato com a psicóloga e a entrada para acompanhar as atividades desenvolvidas no Abrigo foi providenciado o material necessário para encaminhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense, cujo projeto de pesquisa foi aprovado em setembro de 2015, sob o protocolo da CAAE nº 47567615.5.0000.5243.

O interesse pela ILPI em específico partiu de indicações da boa infraestrutura e qualidade dos atendimentos prestados no local, além de sua representatividade no município, uma vez que a ILPI é reconhecida pelos moradores de São Gonçalo e região. Em contato com a psicóloga do Abrigo, apresentei minha proposta e manifestei o interesse em participar de atividades ocorridas na ILPI. Inicialmente apenas acompanhei as oficinas desenvolvidas pelo setor de Terapia Ocupacional (TO) e em seguida desenvolvi outras atividades, sozinha ou com auxílio das estagiárias de psicologia na ILPI, uma vez na semana, por um período de aproximadamente três horas. No total, tivemos 23 dias de atividades. Após cada encontro mantemos uma supervisão conjunta entre a psicóloga do Abrigo, suas estagiárias e eu, como pesquisadora. Além disso, desenvolvi diários de campo de todas as atividades, os quais foram utilizados nas reflexões finais da dissertação.

Até o momento de início da pesquisa propriamente dita, além de acompanhar as oficinas do Setor de TO, também participei da organização de dois eventos idealizados pelo Setor de Psicologia do Abrigo. Quanto às atividades promovidas pela TO, foram diversas, indo desde atividades internas, nos distintos residenciais, até passeios fora da ILPI, como uma visita guiada a uma exposição artística. Em sua totalidade, as atividades foram compostas por oficinas de contação de histórias, dinâmicas, relato de

atividades com a psicóloga do Abrigo e troca de experiências com três estagiárias de Psicologia, além de atendimentos e conversas informais com residentes e funcionários.

Além das atividades internas e externas, que aconteciam com frequência regular, desenvolvi em conjunto com o Setor de Psicologia dois eventos, o primeiro em comemoração ao Dia Mundial da Saúde, em outubro de 2015, e outro em novembro de 2015. O primeiro deles consistiu na organização de oficinas de música, com as quais priorizamos atividades de sensibilização musical, envolvendo um grupo de aproximadamente oito residentes com participação regular e outros 10 que transitaram por uma e outra atividade. Por fim, promovemos o ensaio de uma música composta e produzida por um residente do Abrigo cuja temática é a vida no Abrigo, além de outras duas composições de outro residente, com temas aleatórios.

A segunda atividade, o evento de novembro, por sua vez, foi no qual tive participação mais ativa, auxiliando as estagiárias de Psicologia com um projeto idealizado pela psicóloga e que foi denominado “Páginas da Vida no Abrigo”, cujo objetivo foi dar voz aos residentes da ILPI, criando e coletando com eles “cartas” que gostariam de enviar a alguém, mas sem o objetivo de entrega-las realmente: a ideia era dar voz ao residente e favorecer um processo de catarse, entendida por Freud como a liberação de conteúdos psíquicos que causam algum tipo de mobilização no sujeito. Logo, fomos ao encontro da proposta psicanalítica da cura pela fala, entendendo que o espaço não consistia em um espaço de psicoterapia. Minha participação, com relação a isto, foi a edição do material coletado pelas estagiárias e por toda a equipe em atividades cotidianas na ILPI, e a produção de um documentário chamado por nós de “Páginas da Vida no Abrigo”, o qual, após finalizado foi passado em uma “sessão de cinema” direcionada aos idosos e seus familiares e convidados. Este encontro reuniu um público acima do esperado na ILPI e trouxe repercussão muito positiva nos participantes e suas famílias.

Por fim, o principal material coletado para o desenvolvimento desta pesquisa foram entrevistas semiestruturadas. Entendo que todo o processo de acompanhamento das atividades e dos residentes desde o mês de maio de 2015, quando comecei a participar das oficinas da TO, foi fundamental para a construção de um vínculo com os idosos, principalmente com os que participaram das entrevistas na reta final da pesquisa.

Foram selecionados e são aqui apresentados os relatos de oito residentes do Abrigo selecionados intencionalmente, por minha proximidade com eles e por saber que

possivelmente estariam dispostos a falar sobre suas vidas dentro e fora do Abrigo, assim como por indicação da psicóloga do Abrigo, a qual ao longo de toda a pesquisa se mostrou muito aberta para diálogos e supervisões. Dos oito participantes, quatro são mulheres e quatro são homens, com idades entre 66 e 89 anos e o período de institucionalização entre dois e sete anos. Cinco deles são oriundos do estado do Rio de Janeiro (quatro vindos da Grande Rio) e três de outras localizações, mas que estavam morando na Grande Rio quando da institucionalização.

Além da disponibilidade para falar, foi critério de seleção estar há pelo menos dois anos na instituição, tempo que considere suficiente para compreender de forma mais ampla as normas e estar adaptado à vida institucional.

As entrevistas aconteceram nas instalações do Abrigo do Cristo Redentor, em horário previamente acordado e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que tivessem ciência da pesquisa de que estavam participando. Além do conhecimento dos objetivos do estudo, os idosos tiveram acesso à informação de que receberiam um *feedback* da pesquisadora quanto aos resultados da pesquisa e a abertura para a possibilidade de desistência, caso assim desejassem, ou de não responder a uma ou mais questões, caso não quisessem. A pesquisa aconteceu de forma voluntária e sem qualquer pagamento, sob a responsabilidade da pesquisadora quanto a possíveis danos aos participantes, que poderiam ser somente de ordem emocional, caso se emocionassem com memórias ou percepções, cujo acolhimento aconteceria no momento e posteriormente, caso necessário.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para acesso aos dados posteriormente. O conteúdo foi analisado sob a ótica da Psicanálise, compreendendo que cada entrevista, integralmente, é representativa da verdade de cada sujeito.

3.1 A ENTREVISTA

Quaresma da Silva (2013) considera a entrevista e a investigação narrativa em Psicanálise como uma contação de histórias, que não se propõe a ser única, universal, sequer vinculada à realidade, mas similar a um caleidoscópio. Por isso, dependendo da forma como se vira o objeto e se permite que a luz adentre os espaços alterando-os continuamente, também a fala muda, porque a vivência já não é a mesma e jamais será compreendida de forma absoluta. O que poderia tornar a pesquisa em Psicanálise

questionável e duvidosa para outras ciências, dentro do seu ponto de vista a torna ainda mais rica, pois aborda o sujeito de forma idiossincrática. É deste tipo de história a que me refiro nesta dissertação, histórias que retratam vivências, percepções e sentidos próprios de cada sujeito, apenas percebidos “caso a caso”.

Especificamente a entrevista na pesquisa psicanalítica toma a proporção de uma rua de mão dupla, já que tanto o pesquisado quanto o pesquisador são envolvidos em um processo produtor de subjetividade, uma vez que “aquele que ocupa o lugar de entrevistador fala de um lugar de saber e poder, produzindo efeitos sobre o(a) entrevistado(a)” (QUARESMA DA SILVA, 2013, p. 38), assim como se deixa surpreender ao ser pego por uma resposta que não esperava, pelo questionamento de suas certezas e hipóteses. Há, portanto, não apenas troca de saberes, mas também intercâmbio de afetos durante a entrevista, que vão para além das palavras, embora não se negue o papel fundamental destas, uma vez que são o principal instrumento da Psicanálise. Conforme Freud (1926/1976, p. 116), “não desprezemos a palavra. Afinal de contas, ela é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas. As palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas”. A sua representação, por sua vez, no sentido teatral de uma narrativa, é instrumento de cura (ARTAUD, 2011). Por isso o cuidado com elas, que devem ser recebidas como o próprio sujeito da pesquisa, uma vez que não deixam de fazer parte do objeto, em instância maior.

Ressalto enfaticamente as outras pistas deixadas pelo pesquisado, ao longo do caminho de construção da entrevista: suspiros, pausas prolongadas, choro e risos são indícios da forma como o entrevistado lida e encara o tema sobre o qual responde em uma entrevista. Conforme Quaresma da Silva (2013, p. 38), “há um sujeito racional que narra entendimentos e compreensões, e há a verdade inconsciente, que por vezes, metaforicamente falando, escorrega e sai pela janela, contrariando o orador que relata uma suposta verdade que deveria sair pela porta...”. Particularmente, essas verdades inconscientes também nos interessam, tanto quanto as verdades que saem pela porta, de forma mais ou menos bem articulada e elaborada.

Embora se deva levar em conta em uma pesquisa acadêmica que as informações recebidas e interpretadas em uma entrevista não expressam com exatidão a verdade sobre a questão pesquisada, também não se pode perder de vista a questão acerca de quem é este sujeito que nos fala. E que nos fala a partir de que outras vozes?

Após dizer isso, finalizo este esclarecimento sobre a pesquisa em Psicanálise apontando que ser pesquisador é fazer parte da pesquisa, é ser parte do relato, é permitir que cada colocação de um entrevistado passe pelo seu mundo interior e se transforme em conhecimento e saber provisório e inexato, sem deixar de ser uma verdade construída a partir de relações. No caso desta pesquisa, a relação do eu com o outro.

Levando em conta a proposta psicanalítica de pesquisa, a qual visou compreensão mais aprofundada do sujeito que vive e se relaciona na e com a ILPI, a entrevista semiestruturada significou a possibilidade de construção de um espaço de trocas entre pesquisadora e residentes. Um roteiro de perguntas norteou nossa “encenação” sem, no entanto, engessá-la. As questões foram pensadas de forma a investigar a seguinte questão: o que sustenta o posicionamento do sujeito em uma instituição cuja literatura aponta para normas rígidas e cujas consequências promovem processos de empobrecimento do eu? Com tal questão em mente, as perguntas da entrevista serviram apenas como roteiro de investigação, não menosprezando outros conteúdos trazidos pelos entrevistados.

Quanto ao seu conteúdo, além de dados demográficos, como nome completo, idade, tempo de institucionalização e cidade de origem, primeiramente busquei apreender fragmentos das histórias de vida dos entrevistados, progressa à ILPI, com relação a família, amigos e trabalho. Após isso, quis conhecer como aconteceu o processo de institucionalização (se escolheu viver na ILPI ou foi levado, se recebe visitas e de quem, as atividades que desempenha e participa dentro e fora da ILPI atualmente e aspectos relacionados ao dia a dia na instituição). Por fim, solicitei seus posicionamentos com relação aos termos “idoso”, “velho” e “velhice”. Acreditei que, com essas questões, seria possível compreender aspectos mais profundos da institucionalização enquanto escolha ou falta de opção e, a partir daí, pude aprofundar para as formas de relações mantidas com outros (situações e pessoas) e consigo próprio na ILPI.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, conforme orienta Quaresma da Silva (2013), assim como foram elaborados diários de campo após cada uma delas, a fim de que não se perdessem detalhes não verbais da entrevista, importantes para uma compreensão mais ampla do sujeito que se apresenta como ator principal de sua encenação. Há uma aposta de que as percepções subjetivas apontadas também tragam

indícios do tema pesquisado, por evidenciar pistas mais profundas da questão da velhice institucionalizada a partir daquilo que não é dito, mas ainda assim manifestado.

3.2 O ABRIGO DO CRISTO REDENTOR, O CAMPO DAS INTERPRETAÇÕES

Esta pesquisa busca refletir questionamentos no espaço em que eles acontecem, portanto, compreende uma prática em campo de pesquisa. A ILPI escolhida para desenvolvimento da pesquisa está localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, no município de São Gonçalo, cuja fundação data do final da década de 30, a partir de incentivos da sociedade civil. Assim como a de tantas outras instituições brasileiras do gênero, sua história surge com o propósito de atender idosos carentes e abandonados de forma integral, suprimindo-lhes demandas com relação a segurança física, emocional e social. O objetivo principal é fornecer assistência e moradia a pessoas idosas com poucas condições financeiras. Como é uma instituição filantrópica, a ILPI depende de doações, uma vez que recebe ajuda da prefeitura do município e de uma fundação, mas não o suficiente para mantê-la integralmente. Assim, a receita da instituição é obtida por doações também de sócios contribuintes, sócios cooperadores e dos próprios idosos, em caráter particular.

Atualmente a capacidade é de 200 leitos, distribuídos em quatro pavilhões de construção horizontal, para pessoas de ambos os sexos, além de uma casa, independente, custeada pelos idosos residentes (particulares). Há aproximadamente 180 internos vivendo na instituição no momento, sendo em torno de 90 mulheres e 80 homens e o quadro de pessoal é de aproximadamente 130 funcionários, entre a equipe técnica e os setores de cozinha e serviços gerais.

Dentre as competências da ILPI estão oferecer moradia e pelo menos cinco refeições diárias que podem ser adaptadas conforme necessidades particulares de reforço alimentar de cada idoso. A rotina, porém, é organizada com café da manhã às 7h, almoço às 11h, lanche às 14h, jantar às 17h e ceia às 20h. Além disso, empresas parceiras oferecem lanches em horários que podem variar.

Quanto aos cuidados médico e psicossocial, acontecem por meio de equipe profissional composta por médico, fisioterapeuta, psicóloga, fonoaudióloga, assistente social, terapeuta ocupacional, nutricionista, educadores físicos, enfermeiros e auxiliares de enfermagem. Além destes profissionais, que fazem parte do quadro de pessoal da

instituição, outros profissionais, como dentistas, prestam serviços dentro da ILPI, embora não vinculados a ela.

Com relação à entrada de novos moradores, a instituição exige que os candidatos tenham idade igual ou superior a 60 anos. Não há residentes não idosos, ponto muito positivo da instituição, que consegue se manter regular a esta norma, uma vez que, no Brasil, muitas das instituições para idosos não conseguem cumpri-lo com efetividade. Por se tratarem de órgãos públicos/filantrópicos muitas vezes acolhem moradores com transtornos psiquiátricos e/ou diversas deficiências, mesmo quando não idosos. Quando isso acontece, mesmo que a entrada na instituição tenha caráter provisório e de acolhimento, é possível que se estenda para uma institucionalização prolongada pela inexistência de serviços que melhor poderiam atender suas necessidades.

Além da ILPI atender apenas a pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, outras normas da Anvisa (2005) são cumpridas, como a valorização de estratégias que favorecem a autonomia e a manutenção da integração do idoso na sociedade, prestação de serviços e ações de assistência integral que cobram a presença da família com o idoso, respeito à liberdade de ir e vir, promoção de convivência mista entre idosos com diversos graus de dependência e a integração da sociedade civil com a ILPI por meio de atividades como festas e jantares. Há, ainda, a comemoração de outras datas festivas, como o Dia do Idoso, Dia dos Pais, Dia das Mães e aniversários mensais.

O quadro de funcionários também é adequado conforme as orientações da Anvisa (2005), mas ressalto a necessidade de profissionais na área da assistência, já que, por exemplo, há apenas uma psicóloga, para prestar serviço tanto de acolhimento, quanto de atendimento psicológico a um total aproximado de 180 idosos, bem como a descrição de relatórios e processos, e atendimento a suas famílias.

Quanto ao grau de dependência, a ILPI fornece a assistência adequada a partir da classificação da Anvisa (2005): o grau de dependência I diz respeito àqueles idosos independentes, que necessitam ou não de equipamentos de autoajuda, como óculos, aparelho auditivo, cadeira de rodas, etc. O grau de dependência II diz respeito aos idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária, leia-se alimentação, higiene pessoal e mobilidade, sem alto comprometimento cognitivo (entendido aqui como a capacidade de orientar-se no tempo e espaço e cuidar de si). Por fim, o grau de dependência III, aborda os idosos com comprometimento cognitivo ou

que necessitam de assistência para todas as atividades de autocuidado. A ILPI organiza os dormitórios e as equipes profissionais conforme esta classificação.

Algumas especificidades da instituição devem ser consideradas. Com relação às saídas, são permitidas, desde que a triagem realizada pelos profissionais da instituição avalie como possível, ou seja, que os idosos tenham condições efetivas de se ausentar da ILPI e justifiquem o motivo. No entanto, há horários: poderão sair entre o final do café da manhã e as 18h, pouco antes do jantar. Exceções como necessidade de outros horários ou dormir fora podem acontecer desde que sejam justificadas e previamente avisadas, para que sejam tomadas providências quanto à medicação. Quando estas normas não são respeitadas, o idoso é encaminhado ao Setor de Psicologia, para uma advertência e solicitação de justificativa pelo não cumprimento das normas.

Por fim, os idosos podem possuir objetos pessoais, mas nem tudo é permitido. Por exemplo, podem levar objetos pequenos, que não ocupem muito espaço, dado as limitações dos quartos, os quais são compartilhados e com pouco espaço entre as camas. Além disto, objetos como roupas, toalhas, lenços, devem ser identificados, para que não se percam ou extraviem na hora da lavagem, por exemplo. Esta é uma questão que eventualmente gera desentendimentos entre os idosos, com relação a objetos “tomados” por outros e a perda de objetos que não foram identificados. Percebo nesta instituição em específico, o apreço por guardarem fotografias de familiares e amigos, comum a vários idosos, assim como a posse individual de um rádio a pilha e de seu próprio cobertor.

3.3 HISTÓRIAS PARA SE CONTAR

É um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam (MARQUEZ, 2005, p. 14).

Neste momento da dissertação apresento cada um dos residentes que responderam às entrevistas que dão sustento a esta dissertação. Junto aos relatos individuais de suas histórias, busquei fazer inserções teóricas acerca do processo de institucionalização e suas percepções acerca de si e dos outros em termos de idoso, velho e velhice, além da própria noção de “idoso” e da vida institucionalizada.

3.3.1 CAROLINA TEM UM LUGAR PARA CHAMAR DE CASA

Carolina está com 80 anos e reside no Abrigo há sete anos, embora acredite residir na ILPI há mais de 10 anos. Sua fala é fluente e bem localizada temporalmente. Não demonstrou interesse em falar sobre sua vida pregressa à institucionalização, sendo sucinta diante de perguntas que fizessem referência a isto e se concentrando mais nas falas sobre o Abrigo. Sua visão com relação a ele é totalmente positiva, um lugar em que gosta de morar e que é considerado e chamado por ela de “casa”, um ponto de referência, como mostrarei nos fragmentos a seguir.

Vinda de outro estado, Carolina passou por várias cidades do Rio de Janeiro até chegar na última cidade, na qual viveu mais tempo, momento em que começou a trabalhar em casas de famílias e morar com elas. *“Eu limpava, cuidava das coisas, mas não tinha assim um emprego fixo, eu fazia assim, onde eu morava. Mas era muito bom, muito bom mesmo”* (CR10). Por conta disso não se casou nem teve filhos. *“Não tive filhos nem quero ter. [risos] (...) Tá ótimo. Eu sozinha, a gente sozinha já dá um trabalho danado, já tem que fazer bastante coisa...”* (CR12-13).

Antes de entrar no Abrigo morava sozinha. Foi o filho de uma das pessoas de que cuidava que manteve o aluguel de uma kitnet enquanto ela pôde viver sozinha. Foi ele também quem a levou para a ILPI. A idosa relata que morava sozinha e que passava por vários problemas de saúde, enfrentando dificuldades para cuidar de si. Esses problemas foram controlados com os cuidados recebidos na instituição. Com relação a isso, relata que *“eu vim porque o atendimento é muito bom aqui”* (CR4).

T13: Depois de você vir pra cá melhorou? Você sente que melhorou?

CR14: Hurum. O sistema nervoso abalado, a diabetes, nunca mais tive. Era muita coisa...

Resposta similar apresenta quando questionada sobre o que mudou em sua vida com a entrada na ILPI. Afirma apenas mudanças consideradas por ela como positivas, mais uma vez atreladas aos cuidados recebidos na instituição.

CR24: Foi só pra bom. Eu passei... Eu me tratei, que a diabetes não parava, e aqui parou um pouco. Eu tomo insulina e tudo. Mas mudou muito mesmo. A doença cessou mais um pouco, equilibrou aqui.

T24: É que você tem os cuidados né... De uma alimentação equilibrada pra você, né?

CR25: Sim, elas [funcionárias] **têm todo cuidado comigo, tomam conta de mim e tudo direitinho.**

Quanto à sua rotina, relata não fazer nada, mas que isto não a incomoda, pois entende que está ali porque precisa de cuidados, ao mesmo tempo em que entende que seus problemas de saúde a impedem de fazer atividades. Ela aponta que *“tem gente que faz”* (CR15).

T14: Como que é o seu dia a dia aqui dentro?

CR15: O meu dia a dia é o de não fazer nada. Eu não posso fazer nada, porque os médicos pediram exame e tudo e confirmei que eu não posso trabalhar. Então eu não faço nada, **já que tem gente que faz.**

T15: Mas você gosta assim, da sua rotina aqui dentro, ou isso te incomoda?

CR16: Gosto, eu gosto da minha rotina aqui dentro e passo muito bem. Muito bom mesmo.

Já com relação às atividades oferecidas pelo Abrigo, participa das excursões, mas quase não se envolve com as oficinas que acontecem dentro da ILPI, por apresentar dificuldade visual.

Sobre o contato com pessoas de fora da instituição, recebe visitas constantes de uma sobrinha. Além disso, relata: *“eu recebo muita visita. É conhecido daqui de dentro, é conhecido de lá de fora”* (CR18). Neste sentido, parece que ela considera como visitante as pessoas que circulam pela instituição. Visivelmente Carolina mantém boas relações com todos, comunica-se bem com residentes, funcionários e visitantes.

T18: Você tem, então, um círculo muito amplo de contatos, né? De pessoas que você conversa...

CR19: Tenho, tenho.

T19: E aqui dentro do Abrigo você também tem uma boa relação, né? Eu vejo que você se comunica com todo mundo...

CR20: É, tem a assistência social, as assistentes sociais, as enfermeiras... E aí eu vou indo... Esse povo que me colocou aqui é um povo muito bom, lá de [nome do bairro em que morava]. Nunca mais eles vieram aqui, porque eles são meio adoentados.

Em seguida, perguntei a Carolina se estar no Abrigo, embora ela tenha sido levada por outras pessoas, pode ser considerado como uma escolha sua e ela responde alegremente, exaltando-se ao dizer que o Abrigo é a sua casa.

T25: Embora, Carolina, tenham te trazido pra cá, você considera que viver no Abrigo é uma escolha sua?

CR26: **Eu considero aqui como a minha casa.** Que eu gosto muito daqui. [risos]

T26: Hum... Você não tem vontade de sair, então?

CR27: Não, **eu não tenho vontade de sair daqui de jeito nenhum. Que aqui é a minha casa e todo mundo sabe onde me encontrar aqui.**

T27: É a sua referência, né? O seu ponto de referência. Já se sabe que a Carolina está em tal lugar.

CR28: É, **meu ponto de referência é aqui. Eu gosto muito daqui mesmo.**

Em continuidade a isso e retomando a noção de cuidado, que para ela parece ser significativa para a vida institucional, relaciona cuidado à referência da ILPI como sua casa, conforme os fragmentos.

CR41: **Essa família daqui,** eu gosto muito deles, de todos, todos eles cuidam de mim e é muito bom. Cuidam de mim. Graças a Deus. **Achei uma casa boa, nem minha família não é assim.** Aqui não, aqui é diferente.

T41: Olha só... O que é que difere da sua família da sua casa, dessa família aqui, que você mora hoje?

CR42: **Eu quero mais antes morar aqui, do que morar com a minha família.** Família, eu não quero morar. Eu quero, mais antes, ficar aqui. Ficar aqui e tudo... Não morar com mais família nenhuma. Não quero saber disso.

T42: Você fala muito do cuidado que tem aqui dentro, né? **Na sua família você acha que não tinha tanto cuidado assim?**

CR43: Não, não tinha, não. **Lá eu morava sozinha e não tinha quem me desse um copo d'água e aqui, pelo menos, se a gente cair ali, eles estão juntando. Estão dando remédio, estão levando pro hospital, estão trazendo e tudo. É muito melhor do que a gente estar sozinho.** Eu adoro aqui, adoro aqui. Cuidam da gente muito bem.

(...)

CR44: Olha, eu tava com a minha boca toda ruim, de sapinho. E eles, mudaram a comida. Fizeram papa, papinha pra comer, pra não machucar a boca. **Se fosse em casa não tinha isso.** Aqui não, aqui tem. (...) Por isso que eu gosto deles. Muito bom, eu gosto muito.

Ela deixa clara a sua relação com a ILPI como ponto de referência. Provavelmente, se reconheça apenas neste local. Parafraseando Messy (1993), para a família, Carolina se sente objeto, e não sujeito, ao receber cuidados. Portanto o paralelo aí é significativo: não deseja, de forma alguma, retornar para uma casa, sozinha ou recebendo cuidado de outros com os quais não se percebe sujeito. Na ILPI, ao contrário, recebe cuidados que a ancoram no desejo do Outro. Conforme o autor, quando o velho é

Isolado ou mal tolerado na família ou na instituição, é porque, na sua relação com o outro, a pessoa idosa não é mais tratada como sujeito, mas se torna apenas objeto de cuidados. Não existe mais para ela uma âncora de seu desejo no desejo do Outro (MESSY, 1993, p. 79).

É importante, nesse sentido, discutir acerca do vínculo que pessoas institucionalizadas por longos períodos de tempo criam com o local. Talvez, se Carolina fosse tirada do Abrigo não se reconhecesse em sociedade. Ela criou uma forma de se relacionar com a realidade institucional, com as pessoas que por ali circulam e com a sua própria rotina, que parece ser um ponto de referência para si própria enquanto sujeito.

Messy (1993) aborda esta questão para pensar a senilidade, mais especificamente a demência. O velho cria uma relação com o ambiente com o qual convive que se torna ponto de localização. Na relação que estabelece com seu entorno, o sujeito cria uma borda para si próprio. Qualquer alteração ambiental lhe causa estranhamento e um desequilíbrio psíquico. Ao que parece, Carolina teceu essas bordas de acordo com o que vê de si no espelho do outro: é esta que precisa ser cuidada e que ali, na ILPI, recebe os cuidados desejados e necessários. Quando relata que “não faz nada”, Carolina parece tornar-se dona de si, é sua representação de sujeito do desejo diante do olhar do Outro.

Por fim, Carolina foi convidada a falar sobre o que pensa sobre “idoso”, “velho” e “velhice”. Em sua fala, ela oscila entre colocar-se como idosa (não como velha) e atribuir este significante apenas aos outros internos: *“o idoso que eu tenho consideração, é que eles são muito velhinhos. Aqui a gente tem que cuidar dos velhinhos, né?”* (CR33). Em outro momento, porém, atenta para o fato de que *“eu já tenho essa idade todinha”* (CR38).

Para ela esse idoso se difere do velho apenas em termos de características pessoais. O velho seria o idoso teimoso, conforme explana nos fragmentos abaixo.

T33: E o idoso é diferente do velho, pensando assim?

CR34: Tem uns que são muito teimosos, tem outros que não.

T34: Daí esse que é mais teimoso que é o velho?

CR35: **O mais teimoso é que é o velho, que não compreende nada.** Mas no mais, todos são bonzinhos. **Se a gente falar com eles, eles obedecem. Tem muitos que são teimosos, porque o velho, eu vou te contar, tem velho que é teimoso, que não quer escutar.**

Reflexões similares são trazidas por Debert (1999). Muitas vezes o idoso, quando levado a uma ILPI, sente abandono e rejeição. No entanto, ao chegar na ILPI e se deparar com tantas outras velhices distintas da sua e consideradas por ele como velhices “piores”, é esperado que se sinta em melhores condições, reforçando nele a

ideia de que o velho, na verdade, é o outro. “A impressão de que o momento de entrada no asilo corresponde à autoidentificação dos indivíduos como sendo velhos é desfeita logo após um contato mais demorado com os residentes” (DEBERT, 1999, p. 121).

Em sua pesquisa com idosos, Debert (1999) também traz a ideia de que o velho tem uma certa relação com o humor, “o velho vive reclamando da vida” (p. 121). Com seus entrevistados, “falar de sua vida era procurar demonstrar o não-enquadramento pessoal nesse modelo estereotipado” (idem, p. 121).

Já, com relação à velhice, questiona se minha pergunta diz respeito à velhice dela, o que denota que pode se compreender como vivendo a velhice, ao mesmo tempo em que na sequência de sua fala aborda-a em terceira pessoa: é a velhice do outro.

T35: E a velhice?

CR36: Velhice? A minha velhice?

É interessante também que Carolina se posiciona com relação à velhice. Qualifica-a como boa e valoriza o que a fez chegar até a idade que tem. “*Eu gosto dessa idade*” (CR39).

T36: O que a senhora entende por velhice? A senhora considera que vive a velhice?

CR37: **Eu considero que a velhice, a gente tratando dela, cuidando dela, a gente vive. Mas eu não acho que velhice é ruim.**

T37: Não?

CR38: Não, porque **eu já tenho essa idade todinha e nem tô aí. Eu gosto dessa idade.**

T38: A senhora considera que viver essa idade, hoje...

CR39: É muito bom! É muito bom. Eu saio, vou passear, vou passear com eles. Com eles, de carro. Não ando sozinha.

De alguma forma, a velhice não está integralmente vinculada ao velho, ao menos não ao “velho” de Carolina, pois não parece compreendê-la como finitude da vida, “*eu não acho que velhice é ruim*” (CR37), mas como uma etapa da vida do sujeito que necessita de olhar e cuidado.

3.3.2 CÁSSIO E A ESPERA POR OPORTUNIDADES

Cássio aparenta cuidado (ou receio) ao responder cada pergunta, com pausas longas e pouco aprofundamento no que lhe era perguntado (não pode ou não quer?), mas ao mesmo tempo se mostra aberto para falar sobre assuntos que em geral são

delicados de serem tratados, como sua relação com a bebida e o tempo em que viveu na rua, antes de chegar a uma Fundação de acolhimento e, posteriormente, ao Abrigo. Relata abertamente, também, que gosta de beber e não nega, mas que tem tentado não chegar embriagado ao Abrigo, pois sabe da possibilidade de ser transferido para outro lugar caso isso aconteça.

Cássio fala muito pouco sobre a vida antes da institucionalização. Com relação a isso, tenho percebido, até mesmo por estar ouvindo vários relatos semelhantes de histórias de vida permeadas pela violência e pobreza, que a vida antes da ILPI foi difícil e não se quer falar muito sobre ela. Este é um ponto importante, uma vez que se diversifica de minha experiência anterior, cujos idosos falavam mais sobre a vida antes da ILPI do que sobre vivências atuais.

Quanto ao conteúdo da entrevista, Cássio relatou ter nascido no interior do estado do Rio de Janeiro, mas mudado aos quatro anos para a baixada fluminense, onde cresceu e viveu com o pai e os irmãos até os 23 anos. Quanto à mãe, já era falecida. Atualmente está com 67 anos e mora no Abrigo há sete anos, portanto desde que sua idade permitiu a entrada na ILPI. Ele buscou a institucionalização antes, sendo acolhido em uma fundação de caridade e quando completou 60 anos foi transferido para o Abrigo.

Com relação à família, perdeu o contato após a separação com a esposa, que levou o filho com ela para outro estado. Depois de algum tempo perdeu completamente o contato com eles. Não se demora ao falar sobre isso, mas coloca ênfase na afirmação de que gostaria de ter a sua casa e viver com sua família, o que lhe parece ser mais agradável do que a vida no Abrigo.

Eu gostaria mesmo é de ter a minha casa, ter a minha família, ter a minha casa. É diferente, né, do que viver assim. Então eu gostaria de ter a minha casa, junto com a minha família, entendeu? Eu gostaria disso. Mas já que estou aqui, o que eu vou fazer? (C30).

Profissionalmente, trabalhou em quatro ocupações distintas: como auxiliar de cozinheiro em restaurante, em fábrica, em bar e realizando as apostas de clientes no jogo do bicho. No último, permaneceu a maior parte do tempo de trabalho. Embora só tenha falado quando questionado, Cássio é habilidoso com a música. Compõe, toca e canta. Inclusive, escreveu uma música com o tema do Abrigo, a qual é utilizada em vários eventos da instituição. Além dessa, tem outras, de sua autoria.

Não podemos deixar de observar que essas pessoas, nascidas nas décadas de 1930 e 1940, tiveram suas vidas marcadas por uma sociedade essencialmente industrial. Trabalharam muito, principalmente nas fábricas e indústrias. Com relação a isso, a obra *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi (1994), é representativa dos resquícios da era industrial no Brasil. A principal fonte de renda dos cidadãos jovens nas décadas de 40, 50 e 60 foi fruto do trabalho como operários, principalmente em se tratando dos grandes centros urbanos. Embora trabalhassem muito, raras vezes esses jovens conseguiam progredir em termos de classe social e, se “o que define a classe social é a posição ocupada pelo sujeito nas relações objetivas de trabalho” (BOSI, 1994, p. 11), com a perda da força de trabalho, perde-se também algo da subjetividade do sujeito enquanto trabalhador. Assim como veremos em outros casos relatados nesta dissertação, o trabalho, para Cássio, manteve-o em sociedade, inclusive sustentando seu vício com a bebida. No entanto, quando conseguir manter-se em um emprego não foi mais possível, foi para a rua e de lá só saiu para entrar em uma instituição, mesmo antes de ser formalmente considerado um “idoso” – levando em conta a idade legal (BRASIL, 1994; 2004).

Já, com relação à música, aponta para a falta de oportunidade em contraponto com sua falta de interesse mais profundo. *“Eu nunca tive a oportunidade assim, de ter um empurrão de alguém, de aparecer alguém pra gravar. Eu nunca procurei também. Eu nunca estive naquele meio, né? Pra ter alguém que gravasse e coisa. Então tá aí, no anonimato, né”* (C24).

A vida prosseguia até que precisou vender o terreno em que tinha sua casa. A partir disso, aponta que sua vida ficou mais difícil.

Pouco antes de vir pro Abrigo eu morei em [nome da cidade], eu tinha um terreno lá. Depois foi preciso vender o terreno, eu vendi. Aí fui morar em [nome da cidade], já pagando aluguel e coisa, sempre bebendo muito, né? E aí eu fiquei em situação sem poder pagar aluguel depois, aí eu acabei indo pra rua. Fui pra rua. Não tenho vergonha de falar não. Fui pra rua, porque tem muita gente na rua, entendeu? Principalmente no Rio. Tem mulheres, homens, até com crianças. E eu fiquei na rua durante algum tempo. Depois, fui lá na [nome de instituição de caridade], pedi pra ficar lá, e eles me botaram pra dentro (C10).

A bebida o levou à situação de rua, onde viveu durante algum tempo. Relata que foi um momento de grandes dificuldades: *“na rua eu passava sufoco. Passava frio. Comida sempre aparecia, né? Tinha lugares que a gente ia que ajudavam. Roupa,*

também. E, depois que eu vim pra cá, melhorou bastante” (C25). Cássio queria sair da rua e solicitar a institucionalização foi a solução que encontrou. Atualmente gosta de morar no Abrigo, embora deixando claro que não se trata exatamente de uma escolha. Relata-se grato pelos bons cuidados que recebe na ILPI. Ou seja, ele conforma-se com a institucionalização por acreditar que não pode escolher entre outras opções neste momento. Na primeira instituição ficou até completar os 60 anos necessários para entrar no Abrigo.

Cássio gosta de viver no Abrigo por conta da comodidade no recebimento dos cuidados. Sua posição quanto a isso pode ser verificada nos fragmentos C26 e C39.

T26: Tem alguma coisa que você não goste aqui dentro, que te incomoda?

C26: Não. Nada que me incomoda, **eu gosto de tudo aqui dentro do Abrigo. O Abrigo é muito bom.** De vez em quando eu vou lá fora, por aqui mesmo por perto, né? Eu gosto de beber uma cervejinha...

C39: O que eu tenho que falar é que faz sete anos que eu tô aqui, gosto daqui, né? **Gosto daqui. Os tratamentos daqui é bom,** 24hs de enfermagem, né? Tratando da gente, aí, o remédio vem na mão, aonde a gente tiver, eles levam o remédio, entrega na mão. Quer dizer, **o tratamento daqui é bom. Não é como em outros lugares que, às vezes, só fica jogado, né?** Tem lugares que a pessoa está e é maltratado, fica jogado por lá. Não tem tratamento, assim, não cuida das pessoas direito, né? Aqui por exemplo, estão ali acamados ali, né? Os enfermeiros estão sempre ali, na hora que precisa trocar uma roupa, uma fralda, troca. Na hora de dar banho vai e dá naquela hora certa, coisa que dão um bom tratamento, né, para os idosos aqui. **Eu gosto daqui.**

Mesmo agora, no Abrigo, enfrenta algumas situações com relação à bebida, como algumas vezes em que chegou embriagado e recebeu advertências e suspensões (proibição de saída por um período determinado). Dadas suas diversas reincididas e suspensões, já foi perguntado sobre ser transferido para outro local, com caráter de Lar, na qual os idosos respondem pelas suas atividades diárias, embora com supervisão de equipe profissional, portanto um lugar destinado a idosos independentes, sem caráter puramente institucional. Como Cássio não deseja a transferência relata que sai de vez em quando para beber, mas que não retorna embriagado e se o faz, vai direto para sua cama, evitando falar com qualquer pessoa.

C27: Eu não posso chegar embriagado aqui. Eles não gostam que chegue embriagado. Agora se eu for lá fora, tomar alguma coisa, e chegar firme, assim, entendeu, não dando demonstração de que bebi, tudo bem. Mas agora, se chegar embriagado, eles chamam atenção. Dá advertência e tudo.

T28: Hurum. Já aconteceu?

C28: Já, várias vezes. Andou uns tempos aí que eles davam suspensão na gente. Se a gente chegava embriagado, aí eles suspendiam, sem poder ir lá fora, um mês. Já cheguei a levar três meses sem poder ir lá fora. Davam uma suspensão. Mas depois pararam com isso, agora pararam com isso. Agora eles dizem que se chegar embriagado, vai ser transferido, daqui lá pra [nome de cidade]. Tem um lugar lá. Eles já foram, viram, e coisa e tal, diz que é muito bom, é a [nome do local]. É uma vila, casa de um lado, caso de outro, e cada casa só fica duas pessoas. Aí tem fogão, a cozinha, e na sala tem sofá, se quiser botar uma televisão, bota; uma geladeira. Mas eu prefiro ficar por aqui mesmo, não quero ir pra lá, né? Eles perguntaram, quer ir pra lá ou quer ficar aqui? E eu: quero ficar aqui. Então, procura não chegar embriagado, porque se chegar embriagado aqui, de qualquer maneira vai ter que ir pra lá. E tô aqui até hoje.

Ele relaciona suas saídas com o fato de ser idoso, mas não velho. Aponta para a necessidade de sair, dar uma volta pela rua, mesmo que perto da instituição, como algo bom para si e que demonstra que está ativo. Isso surge nos momentos em que fala sobre o idoso e o velho.

C30: Bom, o idoso, hoje em dia, é aquele que tem mais de 60, né? O idoso é aquele que tem mais de 60. Agora velho, o velho...

C31: Por exemplo, eu não sou velho, quem tem mais de 60 anos jamais se pode considerar como velho, porque **velho é aquele que não liga pra mais nada, nem mais lá fora, vai**; só quer ficar deitado e tal... Quer dizer, ele já tá desiludido da vida, já tá cansado da vida, não tem atividade nenhuma. Então esse é o velho, né? Agora tem o idoso. Todos somos idosos, mas que pode ter o espírito de jovem, né?

T32: Então o idoso me parece mais que é uma classificação legal, digamos assim, é isso? 60 anos, idoso...

C32: Da terceira idade.

T33: Isso, terceira idade. Mas a terceira idade, não necessariamente é composta por velhos. Isso?

C33: Não quer dizer que seja velho, porque às vezes, a pessoa é jovem e se torna, parece mais velha do que aquele que tem bastante idade. Não, porque, não liga pra nada, não quer atividade, né, não aproveita a vida, entendeu? **Quer dizer, tem idoso que é muito ativo, né? Que ainda tem espírito de jovem. Ele envelhece por fora, mas o espírito continua novo, né?**

Cássio sustenta sua posição de quem é o idoso pautada em uma caracterização em termos legais (BRASIL, 1994; 2004), conforme as políticas destinadas à pessoa idosa: o idoso é aquele que tem 60 anos de idade ou mais. Em determinado momento da fala, logo após dizer que “*todos somos idosos*” (C31), se apoia na noção de “terceira idade”. Eufemismo que parece distanciá-lo ainda mais do velho, uma vez que se coloca fora desta posição.

Retomo aqui as considerações trazidas por Debert (1999) sobre os “velhos propriamente ditos”. Para Cássio, ser velho é uma questão de posição: o velho é a pessoa com mais de 60 anos que perdeu o encanto pela vida. “*Quer dizer, ele já tá desiludido da vida, já tá cansado da vida, não tem atividade nenhuma*” (C31). Para ele é, portanto, um estado de espírito. Junto a isso, traz a noção do “velho com espírito jovem”.

Aqui podemos também resgatar as palavras de Freud (1915/1974): inconscientemente estamos convictos de nossa imortalidade, pois somos incapazes de atribuir representação para a morte. Neste sentido, Cássio se diferencia – e assim se distancia – dos demais idosos do Abrigo ao considera-los velhos e a si mesmo como pertencente à terceira idade. Esta parece ser uma tentativa de colocar-se fora das ameaças do tempo (MESSY, 1993). Em sua fala, ainda, Cássio retoma a vivência desse velho a que se refere como repleta de perdas: “*ele já tá desiludido da vida*” (perda de um sentido para a vida), “*já tá cansado da vida*” (perda do ânimo, do desejo) e “*não tem atividade nenhuma*” (perda da capacidade de produzir).

Quanto à velhice, demora-se mais, reflete antes de responder, mas mesmo assim não aprofunda. Aborda a velhice como pertencente somente ao velho, repetindo o que já havia dito sobre este.

C34: Velhice... A velhice [pausa longa]. A velhice é isso que eu tô falando, né? **É as pessoas que não querem saber mais da vida, não tem atividade.** Apesar, **além de ser idoso ele se torna ocioso.** Tem muitos aí que anda, é até bom da cabeça, mas não vai lá fora pra dar uma voltinha e nada, coisa e tal.

É importante ressaltar que ele não conceitua “velhice” como uma etapa da vida, mas como o próprio sujeito. Seria uma forma inconsciente de distanciar ainda mais aquilo que legalmente se considera como “idoso” da noção que atribui ao “velho”? Afinal, ao que parece, Cássio só se autointitula idoso por conta de um Estatuto (BRASIL, 2004) oficial que o coloca em tal posição. Quanto a isso, sua fala mantém-se consistente. Em todas as questões, sobre idoso, velho e velhice, segue por uma mesma linha de pensamento, trazendo a categoria de referência legal para o “idoso” e a noção de finitude e desmotivação pela vida ao abordar o “velho” e a “velhice”.

Da mesma forma, a velhice vivida dentro ou fora do Abrigo abarca tais noções, sendo considerada por ele como igual – o velho institucionalizado seria, portanto o mesmo velho que hoje está em sua casa. Mais uma vez aponta para a vivência de

atividades com finalidade produtiva, daquele que “*está em plena atividade*” (C36), como sair e encontrar pessoas, como mantenedora do “espírito jovem” na pessoa idosa.

Seria a mesma coisa que aqui dentro. Porque tem o idoso que tá dentro de casa, mas ele tá naquela também. Quer dizer, **é um idoso sem atividade nenhuma, não dá umas voltas também, só quer ficar dentro de casa prostrado.** E ainda **tem aquele idoso lá fora, que é diferente, né, que vai lá fora, chega na praça, senta numa mesa, joga uma dama, né, joga uma sueca, um baralho, e coisa e tal, com os amigos, toma uma cervejinha e coisa e tal.** Quer dizer, esse tá em plena atividade né? (C36).

Ao final de sua entrevista mantém a diferenciação que acredita caracterizar “idoso” e “velho” como significantes distintos: “*é idoso, mas não é velho. Tem idade avançada, mas tem espírito de ativo ainda, né? Então não é velho. Velho é trapo, não é?*” (C37). Ou seja, o velho se atrela aquilo que não serve mais, que é jogado fora, “ao trapo”, mesmo significante apontado por outros entrevistados para tratar o “velho”.

3.3.3 CELIMAR E A IMPOSSIBILIDADE DA IMAGEM NO ESPELHO

Quando recebeu o convite para participar da entrevista, Celimar foi acolhedora, levantou da cama em que estava deitada vendo televisão e nos convidou a sentar. Ela pareceu contente com o convite e disponível para as questões, como aparenta ser no dia a dia do Abrigo, bastante receptiva e acolhedora, principalmente com visitantes e funcionários.

No entanto, Celimar tem dificuldade em se expressar. Falou pouco sobre si, com respostas curtas e evasivas, fixou seu discurso na irmã e na boa relação que mantêm com ela, além de manifestar diversas vezes o desejo de ir morar com a mesma, embora goste de viver no Abrigo. Relatou que tem chorado quando a irmã a visita e quando pensa sobre seu desejo de sair da ILPI, o que acredita que acontecerá em breve, e ao que parece é um elemento que a sustenta enquanto sujeito, o retorno para casa.

Sobre sua família falou pouco sobre o marido e apenas após ser questionada. Relata que teve filhos e que eles não a perdoam por ter saído de casa sem avisar, que não querem encontra-la e que ela gostaria de revê-los.

O que mais chama atenção na forma como Celimar se porta na entrevista é na não-apropriação de si como idosa. Diversas vezes se refere a ela como “garota”,

inclusive afirmando ter 49 anos de idade, e não sendo capaz de definir de forma clara conceitos para “idoso”, “velho” e “velhice”, muito menos se considerar parte disso.

Quanto aos seus dados, Celimar tem 68 anos, mas afirma ter 49. Mesmo quando questionada uma segunda vez sobre sua idade repete, “49 anos”. Da mesma forma, ao longo da entrevista, é possível perceber que ela não se considera idosa, fazendo referências a si como “garota” e aos demais residentes como “os idosos que moram aí”. Paciente psiquiátrica, com fortes traços de esquizofrenia, nasceu em uma comunidade do município do Rio de Janeiro e está no Abrigo há 4 anos.

Acerca de sua história pregressa ao Abrigo, relatou ter sido casada e ter 3 filhos. Sua fala não nos permite verificar com precisão como viveu, pois ela circula entre os momentos em que morou com a mãe, a irmã, o marido e em uma instituição de caridade (antes de chegar ao Abrigo), com idas e vindas pouco claras. Relata que morava com a mãe, depois foi morar com a irmã. Casou-se e separou-se do marido, de quem sofria agressões físicas e verbais. Depois de diversas situações de violência pede ajuda judicial e separa-se do marido, ficando com os três filhos, que embora sejam referenciados pelo substantivo “crianças” já são adultos⁶, uma vez que ela sai de casa e eles saem também, cada um optando por algo diferente para si. Essas informações podem ser verificadas nos fragmentos C10 e C11.

CM10: (...) Não sei o que me deu na minha cabeça, no meu estado de nervos, aí eu falei ó, eu vou pegar as minhas coisas e disse, vou-me embora daqui, eu vou fugir. Aí eu fugi, fui parar em [nome do bairro].

T11: E as crianças?

CM11: **As crianças falaram, olha mamãe, se a senhora for embora daqui eu vou também.** E aí foram embora, não falaram pra onde que ia, pra onde que foi. Não sei se estão morando aí perto, se estão... Um disse que ia pra Bahia, lá pra Brasília, sei lá. Aí fui saber, uma vez minha irmã veio aqui e disse, ‘Celimar, um vez encontrei com teu filho’. E eu falei, aonde? Ela disse, ‘ah, foi por aqui, aqui no Rio, veio passear. Aí perguntou assim, ô tia, fala com a minha mãe, que eu não vou ver nunca mais ela. Eu fiquei com raiva dela’, que eu fugi de casa e não falei nada pra onde que ia. Então eles não querem saber pra onde que eu fui.

Celimar aponta que, nesta situação do fragmento CM11, a irmã passou para o filho o endereço do Abrigo, mas que nunca foram vê-la, e que a última vez que se viram foi há mais de 11 anos. Além disso, 11 anos também é o período que relata estar na

⁶ Mesmo para falar de seus filhos na atualidade chama-os de “crianças”. Esta pode ser uma forma coerente que encontrou para colocar ela própria na situação de mãe jovem. Ela fixa-se em um momento específico de sua vida.

ILPI, quando na realidade adentrou no local em 2012, portanto há menos de quatro anos. Ela chegou na ILPI após essa saída de casa, quando saiu sem falar com ninguém, e foi acolhida em uma fundação de caridade, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Posteriormente, foi levada ao Abrigo.

Com relação à vida institucional, Celimar participa das atividades externas promovidas pela ILPI, como passeios e excursões, mas não gosta das oficinas. Dentro do Abrigo, participa apenas das confraternizações. No dia a dia, sua rotina “*é só comer, dormir aqui e ver televisão*” (CM20), o que não parece lhe incomodar. De certa forma, entende que é um momento de passagem, pois sairá do Abrigo para morar com a irmã, e esse desejo, atrelado a uma certeza do acontecimento, sustenta sua vida.

CM41: Ó, eu tô nesse Abrigo aqui porque eu tô precisando, né? Mas, por mim, eu ia embora, com a minha irmã. Esses dias eu cheguei até a chorar por causa da minha irmã. ‘Irmã, resolve essa casa, pra mim ir embora com você’. Eu já tô com a minha cabeça cheia, sabe? Se uma pessoa brigar, eu fico nervosa, começo a chorar. Se acontecer alguma coisa comigo, eu começo a chorar. Eu choro à toa, sabe? E é isso.

T42: E você acha que é porque você está aqui dentro do Abrigo e porque você não queria estar?

CM42: Não, no Abrigo eu posso ficar, mas tem hora que vem um pensamento assim, na minha cabeça, de coisa que diz assim, ‘vai embora pra sua casa, vai embora pro seu canto’. Aí é isso que eu fico pensando.

Ou seja, Celimar não acha ruim viver no Abrigo, inclusive, relata que “*no Abrigo eu posso ficar, mas tem hora que vem um pensamento assim, na minha cabeça, de coisa que diz assim, ‘vai embora pra sua casa, vai embora pro seu canto’*” (CM42). Embora não seja ruim e ela não faça queixas com relação à ILPI, não condiz com seu desejo ficar e, ao que parece, está entrando em um quadro depressivo por conta de seus sentimentos com relação à institucionalização. Em outro momento, quando questionada sobre com quem moraria caso sáísse do Abrigo, aponta para a irmã e esse residente, mas jamais para morar sozinha.

T43: Você sente vontade então de ter uma casa sua, um lugar seu... Mas você fala muito da sua irmã, né? Se fosse pra sair daqui e morar sozinha, você iria ou não?

CM43: Ah, eu tenho medo. Sabe por que que eu tenho medo? Porque uma vez, uma moça morou sozinha e um cara arrombou a porta lá e matou a mulher dentro de casa. Eu tenho medo. Ou é com esse aí que falou que vai resolver, ou é com a minha irmã, né? Um dos dois. Eu já falei pra minha irmã, a minha irmã não conhece ele, não sabe quem é ele, aí eu falei pra minha irmã, ‘ô [nome da irmã], eu **tô gostando de um rapaz aí**’ e ela me falou, como que ele é, ele é novo? E eu falei, não, ele é meio idoso... Mas ele... Eu, quando tô lá fora, tomando chá, ele fica me esperando assim lá fora, eu bato um papo com ele e entro pra dentro.

Anteriormente já havia ressaltado que gosta de morar no Abrigo, mas sente falta de algo que referencia como “a sua vida”, diferenciada da coletividade institucional: *“morar eu gosto, mas eu queria sair daqui pra morar com a minha irmã, certo? Ter a minha vida”* (CM29).

Além da irmã, única referência externa, dentro do Abrigo mantém relações próximas com outra residente, sendo que ambas sempre estão juntas, no quarto ou pela área aberta da ILPI. Além desta colega, Celimar relata envolvimento com um interno e pensa na possibilidade de deixar o Abrigo para viver com ele.

Aí eu digo sabe o quê? Que eu vou arrumar um coroa aqui, mas ele é daqui do lado, ele é bonzinho, sabe? Ele é carinhoso, ele é bonzinho, só que ele é ciumento. Ele diz, ‘Celimar, você é uma garota tão bonita, não tem ninguém, não tem namorado, não tem ninguém?’. Aí ele ficou com olho em mim, me chamou num canto e disse ‘eu amo você, eu gosto de você a beça’. Vamos ver se vai dar certo, né? Se der certo, eu caso com ele. Aí ele diz que arruma um cantinho pra mim [risos] (CM16).

É possível que o que lhe faça sofrer em estar na ILPI é o fato de não se identificar com ela, não haver uma referência clara de porque é que está ali, até mesmo porque ela não se considera idosa. Para ela, é simplesmente o fato de ainda não poder ir morar com a irmã. Essa não identificação com a ILPI e também com a condição de “idosa” fica clara nos momentos em que é solicitada a falar sobre o idoso, o velho e a velhice. Da mesma forma, não há identificação entre Celimar e o ambiente em que vive, uma “instituição para idosos”. Talvez até mesmo sua estrutura egóica não a permita se localizar frente à ILPI, onde tudo é coletivizado. Só há identificação com o lugar em que gostaria de viver, aquele que é capaz de simbolizar – um espaço dividido com a irmã.

T38: E aí tem uma terceira palavra ainda, que eu queria que você me falasse um pouco sobre o que você pensa sobre isso, sobre o que é a velhice.
CM38: Eu não tô entendendo essa não.
T39: Você já pensou sobre velhice?
CM39: Ah, quando fica velha?
T40: É, eu tô perguntando o que você pensa, qual é a sua ideia disso, o que é velhice pra você.
CM40: Nada.

Já, com relação ao idoso, Celimar discorre em terceira pessoa e como algo que ela virá a ser um dia (fragmento CM32). Demora a responder, sendo preciso que a pergunta fosse repetida. Por fim, sua resposta aponta para uma diferenciação entre ela e as demais pessoas que vivem no Abrigo: “*tem uma porção de idoso aí*” (CM33), não se incluindo na categoria.

T32: E aí, Celimar, o que eu queria te perguntar é algumas palavras e eu queria que você me dissesse o que você entende por isso. Então, hoje a gente está aqui no Abrigo, que é uma instituição para idosos, né? Quem é idoso? [pausa longa] O que é o idoso pra você, o que você considera um idoso?
CM32: Ah, o idoso... **É só que eu vou ficar um dia velha, vou ficar idosa.** (risos) Que toda pessoa que vem aqui fala assim, ‘Celimar, você é tão bonita, nova, e aqui nesse Abrigo? O que é que você vem fazer aqui no Abrigo?’ e eu falo, ué, me botaram aqui, me mandaram aqui e eu vim pra cá. Eu tenho meu ex-marido que botou eu aqui. Eu não tava mais aguentando ficar lá, naquele barraco lá, me aborrecendo, sabe? Aí, vim pra cá e tô aqui até hoje.
T33: **Mas quem é esse idoso que está aqui no Abrigo?**
CM33: **Ah, tem uma porção de idoso aí.**
T34: Quando eu falo idoso, o que é que vem na sua cabeça? Qual é a primeira coisa que você pensa?
CM34: Nada, nada.

Com relação a “velho”, em um primeiro momento usa como equivalente a idoso, no fragmento CM32, “*eu vou ficar um dia velha, vou ficar idosa*”. Porém, em seguida afirma ser diferente de idoso, mas não consegue aprofundar e personifica o termo na imagem do residente com quem está se relacionando, que para ela “*ele é meio idoso. Mas ele não é velho*” (CM35).

T35: E o velho, é diferente de idoso?
CM35: É. **Velhinho é velhinho, né? Idoso é idoso, né?** Esse rapaz que eu arrumei, ele gosta de mim, ele é meio idoso. Mas ele não é velho, velho, não, ele é mais ou menos. Ele tem cabelo bom, tem um rostinho bom, mas...
T36: Está relacionado com idade ou não?
CM36: Não, não. Tudo o que eu falo com ele, ele fala sim, sim, você tá certa, você tá certa. Se fosse outro não, se fosse outro xingava, brigava, falava. Mas ele não, ele tem um gênio assim, meio calmo, sabe?

Parece, mas não fica claro, que o velho, para ela, estaria mais atrelado a um temperamento, como se o velho fosse aquela pessoa que “xinga e briga”, o ranzinza, irritado, por isso para ela o residente em questão não é velho, embora seja idoso, pois concorda com ela em tudo o que diz: “*tudo o que eu falo com ele, ele fala sim, sim, você tá certa, você tá certa*” (CM36).

De forma geral, alguns pontos de discussão podem ser levantados com relação à entrevista com Celimar. O primeiro deles é que quando questionada a pensar a “velhice”, ela mostrou-se surpresa, como se nunca tivesse ouvido tal palavra. Celimar não se reconhece ou cria uma imagem para si que não é visualizada por outros, não é capaz de se reconhecer na imagem que vê no espelho. “Velhice” é uma palavra que não consegue reconhecer, não soube sequer definir na entrevista. Ou seja, ela não pensa sobre a velhice. Conforme Messy (1993, p. 33) “*todos somos o velho de alguém*”, mas ela não nós dá a entender que tenha essa percepção com relação a qualquer pessoa. Talvez a forma de apontar para a sua idade, “49 anos”, seja uma defesa egóica na qual se ampara para fugir do sofrimento de deparar-se com as perdas que vive e viveu, muitas delas relacionadas com a entrada no Abrigo. Refiro-me ao corpo fragmentado, mas também ao rompimento com a vida familiar, com o marido, já morto, e os filhos, que não querem vê-la, além da irmã, que embora a visite não a leva para morar consigo.

Em certa medida, ela pode, inclusive, sentir medo das outras perdas que possa vir a sofrer com a entrada da velhice. Messy (1993) considera uma escuta mais profunda de “*pessoas idosas*” e, com relação às perdas, acredita que “*não se trata mais do medo de perder a vista, a audição, o equilíbrio, a memória, a cabeça, ou ainda de ser roubado, de ser despossuído, defraudado*” (p. 33). Ao contrário, podemos deflagrar duas ameaças, uma delas com relação ao corpo e outra à perda de objetos investidos. Com relação à primeira, Celimar esforça-se em reforçar que é vista pelos outros como uma pessoa jovem e bonita, uma “*garota*” (CM16). Até aponta para um interno como “*velho, mas de rostinho bom*” (CM35), ao contrário dela, que é bonita, sem atrelar isso a qualquer outra identificação. Quanto ao medo da perda de objetos investidos, a única relação que vivencia com profundidade, ao que relata, é com a irmã, de quem deseja fortemente estar próxima. O choro que vem quando das visitas e quando pensa em sair do Abrigo, talvez venha também para expressar isso que não pode ser simbolizado de outra forma e que aparece pela atuação.

Cabe aqui retomar a relação R-S-I, já explanada em capítulo anterior conforme Lacan (1972-1973/1985). Celimar é um exemplo claro da velhice sem representação, da velhice no plano do Real, no plano do que não se pode nomear. Embora a princípio negue, compreende-a do ponto de vista do Imaginário ao atribuí-la a outro interno. No entanto, a simbolização efetiva não existe, ela não é capaz de transmitir ao outro a sua experiência singular talvez mesmo por não se identificar com ela. “Velhice” não faz sentido para ela.

Não foi possível aprofundar nas questões com Celimar e a entrevista durou apenas 20 minutos. Além de ser difícil de explicar para ela as perguntas, o encadeamento de sua fala é inconsistente, com muitas idas e vindas e, ao que me parece, há uma fuga de falar sobre si, mesmo que seja sempre tão disposta a receber as pessoas e a falar sobre assuntos corriqueiros.

3.3.4 ELTON E UMA VELHICE QUE NÃO EXISTE

Elton é um dos residentes mais antigos do Abrigo, habitando-o há 8 anos. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro e está com 66 anos de idade. No dia a dia da instituição é bastante participativo, atuando de uma forma ou de outra, seja propriamente na apresentação de atividades, seja como expectador das atividades apresentadas por outros internos e funcionários. É ativo e falante, além de com frequência sair da ILPI para visitar familiares e, principalmente, passear: *“eu vou para passear, pegar um cineminha, porque eu gosto do cineminha de lá [local em que morou], dou uma paqueradinha [risos]”* (E20). Além disso, apresenta gosto pelos esportes, como futebol e atletismo, e jogos de mesa, como sinuca e ping-pong.

Chama atenção em sua fala a influência espiritual. Declara-se *“muito católico”* (E3), embora também tenha interesse na doutrina espírita e outras religiões que possuem forte ligação com a noção de preservação do corpo, sendo contra a doação de sangue e qualquer procedimento cirúrgico.

O corpo é significativo na fala de Elton, bastante presente e com três direcionamentos distintos, o cuidado com a “saúde”, o cuidado com a “alma” e o exercício de uma “espiritualidade”. Com relação ao cuidado pelo motivo de saúde, verificamos sua posição em: *“por isso que eu me cuido da saúde, sabe, faço um cooper. Tenho lá um energético... (...) Quem faz academia tem que [usar um energético]”*

(E32). Quanto ao cuidado com relação à espiritualidade, fica claro com o fragmento “*eu penso assim, a gente tem a alma, aí vai fazer a operação, principalmente vocês, mulheres. Não corta a alma, não? Fazer a cesariana? Aqui. Aí passa a faca aqui e vão cortando. Se faz uma operação também, vão cortando. Eu penso assim. Eu sou muito católico, é por isso*” (E3). Já, com relação à espiritualidade, aponta para seu lado “positivo” (E46), quando ajuda outras pessoas mesmo sem que elas saibam. Isso pode ser percebido nos fragmentos abaixo.

E45: Eu sei botar a mão na cabeça da pessoa e tirar o coisa ruim, até apertando a mão assim ó. Eu ajudo aí velho sem saber. Quando eu vejo que eles tá cheio de neurose eu vou ali conversar ali, ‘não é assim, não é não’, aí eu tiro a encrenca da ideia deles.

T43: Entendi. Então aqui dentro você tem esse lado... Espiritualista, eu acho, né?

E46: Positivo. Isso. E positivo também.

Todo esse cuidado de Elton com relação ao corpo pode fazer menção a um cuidado que vai além do estético. Ele parece trazer para si a imagem refletida no espelho do outro e faz um esforço gigantesco no sentido de manter uma imagem que possa ser reconhecida por ele. Seria uma tentativa de não permitir que o que vê no espelho do outro esteja fragmentado? Conforme aponta Messy (1993), isso é possível, uma vez que a velhice não necessariamente é alcançada ao fim da vida. “Podemos morrer sem termos atravessado essa etapa. É o sentido psicanalítico que eu dou a essas noções, desligando-as do campo social e do médico” (p. 47). Se, na velhice patológica, “o indivíduo retira seu interesse do mundo externo para fazê-lo recair sobre uma doença orgânica” (idem, p. 47), Elton mantém-se para além dessa situação ao direcionar para o mundo externo a imagem refletida que é capaz de ver. No entanto, embora toda essa relação “positiva” de si, é preciso um olhar mais atento para perceber que ainda assim ele não deixa de localizar o outro como o “velho”.

Ao longo da entrevista Elton retoma diversas vezes sua ligação com o espiritualismo, o que nos dá indícios para crer que essa relação que estabelece consigo, com o seu corpo e com as outras pessoas favorece a manutenção de sua posição enquanto sujeito, mesmo com oito anos de institucionalização. De toda forma, há outras relações que Elton estabelece com o mundo que parecem ser essenciais para sua sobrevivência enquanto sujeito no processo de institucionalização, como a relação que mantém com o trabalho. Atrela-se a isso a manutenção de uma vida produtiva,

conforme experiência. Ele pode não trabalhar enquanto atividade formal, mas destaca que assume diversas tarefas em seu dia a dia, como as saídas, as atividades físicas, os encontros da seresta, da qual também é membro, e as demais atividades promovidas pela ILPI. Ou seja, de certa forma, ele se “acomoda” ao que lhe é possível fazer.

Com relação a isso, Mucida (2009) discorre acerca das escritas possíveis de serem feitas no corpo e como elas se mantêm para o sujeito mesmo diante de novas necessidades e significações. A autora chama atenção para um entrelaçar de três fitas acerca do corpo, as quais se sustentam ao longo da existência do sujeito e não apenas a existência em vida, mas também o que fica dela após a morte. Nesse sentido, a primeira fita representa o corpo com o qual se nasce, a segunda representa as imagens e referências que estruturam e nomeiam um corpo, as inscrições anatômicas e traços genéticos; e a terceira fita são as palavras que nomeiam esse corpo. O entrelaçamento entre essas três fitas apontam para um corpo que se é e que se tem e permite que sejam feitas inscrições neste corpo, as quais continuam representativas do sujeito mesmo após a sua morte. O corpo acaba se tornando, então, a própria lembrança do sujeito.

As palavras oferecem ao corpo uma forma, um nome e outros designativos, tornando-o diferente de outros. As palavras fazem o corpo se incorporar de maneira singular. Dissemos que “este é fulano, e aí se encontra um corpo, revestido de uma imagem e nome próprio”. Seus efeitos são tão significativos que mesmo depois de morta a pessoa permanece para além de sua morte pelo legado de sua história e as palavras que a nomeiam (MUCIDA, 2009, p. 72).

Considerado isso, quando Elton aponta para tantos cuidados com seu corpo, estaria ele cuidando da referência a ser feita para marcar a lembrança de si enquanto sujeito?

Quanto à sua história progressiva à institucionalização, apresentou diversas situações relacionadas ao trabalho que exercia e ainda exerce esporadicamente, na ILPI e fora dela, relacionado à marcenaria e construção civil em geral. No entanto, teve vontade de cursar medicina, corroborando, em partes, com seu interesse pelo corpo humano e sua preservação. A relação com o trabalho é de forte influência para Elton e também importante para a sustentação do sujeito, conforme os fragmentos a seguir. Percebamos que no primeiro deles, aponta a impossibilidade do trabalho e o quanto isso o deixa chateado, até hoje.

Roubaram minhas ferramentas, duas bolsas de ferramentas. Poxa. Duas bolsas, eu tô chateado até hoje. Tentaram me botar na carpintaria aí, mas sem ferramenta, como é que eu vou trabalhar, né? (E41).

Em seguida explica sobre o exercer de seu trabalho antes, e também a partir, do momento da institucionalização.

T51: O [curso] técnico foi em que área?

E56: Em marcenaria. Mas na área de marcenaria tem tudo, tem o lustrador, tem estufador... Ali você abre a cabeça e aprende tudo. E entalho de madeira eu também sei, porque eu pegava o entalhe, mas dá muito trabalho. Vai lá na oficina, vê lá os colegas pegando, mas como é que é, é assim... Dá um trabalho do caramba. Mas hoje não usa mais assim.

E58: Tem a [nome de uma fundação] também, eu fiz jardinagem lá, mas ficou uma coisa que eu vou te contar, também... Porque eu pegava na enxada, aqui eu também pegava na enxada. Ó o calo [mostra mão]. Passa a mão. Como é que você vai querer um namorado com uma mão dessas, pra fazer carinho. Ôi, como é que eu vou fazer carinho com uma mão dessas? Uma mão pesada. Mas trabalhei de letreiro de luminária, isso aí ó, aquilo ali, tá vendo aquele letreiro da [nome], colocava também. Instalação luminária predial.

T54: “Você é pau pra toda obra”, né?

E59: Graças a Deus. Graças a Deus. É... Hidráulica eu também conheço. Já tinha aquela [fala nome de lugar]. Fazia uma hidráulica, pedreiro sei fazer, fazia casa de madeira, de lambri, chalé... Chalé aqui, por exemplo, eu fui construir um chalé aqui, começava daqui... [explica como constrói chalé]. É um sistema de trabalho. Eu sei fazer qualquer tipo de telhado, eu faço. Quatro águas. Isso aí é quatro águas. Duas pro lado e duas lá na ponta. Eu já fiz muita mansão de praia, assim na praia. Lá em [nome de cidade] eu fiz muito, monstruosa.

E61: (...) Lá na [nome de lugar], então, fizemos umas três casas bonitas pra caramba, poxa. Fica um luxo mesmo. É porque não tinha... Eu tava querendo tirar foto. Trabalhava até 11 horas.

T57: Trabalhava muito.

E62: É, trabalhei muito, graças a Deus, trabalhei. Mas eu gosto, eu gosto de trabalhar.

T58: Você faz pequenos servicinhos hoje, por aqui, ainda?

E63: É...

T59: Aqui você faz né, porque eu já vi.

E64: Faço, eu ajudo aí.

E66: (...) Eu, com o que eu sei de profissional, qualquer país que eu vou eu arrumo serviço. Chego numa marcenariazinha, trabalho de lustrador, vendendo móveis... Eu me viro bem. Aquele móvel do salão nós lustramos tudinho, eu e os outros colegas. Deixamos sem nada de mancha de boneca, que a gente chama de boneca, aquele dedão, mas o móvel tava assim. (...) Num hotel ali em [nome de bairro] eu também trabalhei. Eles quebram os pés da cama. Eu conserto. Quebrou, eu conserto. Se eu comprar as minhas ferramentas de novo...

Já, com relação à família, mostrou-se resistente. Apenas disse que foi casado e que teve dois filhos com a esposa, mas está separado há 32 anos. Quando questionado a

falar dos filhos, disse apenas: “*eu tive filhos, mas eu estou tão desligado. Eles se mudaram... É porque, eu não gosto nem de falar, sabe? [emociona-se]*” (E12). Em seguida, emenda:

E13: Eu não gosto de falar.

T13: Não, tudo bem. Não tem, não tem problema. Se tiver outras partes da sua vida antes, que você tenha, se sinta a vontade pra falar...

E14: Eu não gosto de falar porque eu gostava dos meus filhos, meu casal de filhos, [nome dos filhos]. Gostava deles e gosto deles até hoje. Eles sumiram da minha vida e eu não sei, já procurei que nem um doido os dois aí pelo Rio de Janeiro todinho. Eles agora já devem estar com 40 e poucos [anos].

Com relação a outras pessoas, relata não receber visitas e que é ele quem vai principalmente na casa de uma irmã que mora na baixada fluminense, embora pouco frequente. A maior parte de suas saídas são para encontrar com amigos, beber cerveja e ir ao cinema.

T17: Você costuma sair bastante do Abrigo?

E18: Costumo, costume.

T18: Quais lugares que você costuma frequentar quando você sai daqui?

E19: Eu vou lá na [nome de bairro]. Eu já morei ali, na [nome de rua], eu já morei ali. Por ali, só.

T19: Você vai para passear então, né?

E20: Eu vou para passear, pegar um cineminha, porque eu gosto do cineminha de lá, dou uma paqueradinha [risos].

Dentro do Abrigo, joga sinuca com outros residentes, canta nas serestas promovidas pela ILPI, uma vez ao mês, e participa das atividades promovidas pelos funcionários, inclusive aquelas promovidas pelo Setor de Psicologia, nas quais ofertamos atividades relacionadas à música, um de seus principais interesses.

T20: (...) E aqui dentro do Abrigo, qual que é o seu dia a dia, o que você faz?

E21: Ah, o meu dia a dia é ficar jogando sinuca. Se tivesse ping-pong aqui, eu gosto também, mas jogo mais sinuca. Jogar sinuca e sexta-feira é a seresta, vou cantar uma música.

T21: Você canta também?

E22: Eu canto e componho também. Já tenho algumas composições.

T22: Você canta na seresta também?

E23: Eu canto.

Ao longo da entrevista cantou três composições suas, sambas ou marchas carnavalescas. Uma delas, inacabada, consiste em uma lista com diversas doenças, o que pode fazer direcionamento para a necessidade de cuidar do corpo, assim como seu interesse por medicina. Quanto às outras composições, duas delas já são bastante

conhecidas pelas pessoas que circulam pela ILPI, pois sempre que tem uma oportunidade canta-as com e para os residentes. Seu cuidado com a saúde parece ser, inclusive, um dos motivos pelo qual optou pela institucionalização. Depois de perder as ferramentas com as quais trabalhava, Elton acabou com o dinheiro que tinha, precisando de um lugar para morar, mas também encontrou na institucionalização um dificultador para o uso de álcool e outras drogas.

E42: Eu também estava pagando aluguel, né. Tinha ainda um dinheirinho no banco, aí eu ficava lá pagando aluguel, aí no centro da cidade. Pagava não sei quantos reais, aí de repente acabou o dinheiro, também porque eu estava bebendo muito, sabe? **Eu estava querendo sair da rua, sair daquela praça lá**, porque é chato. Aparece um e vamos ali Elton, tomar uma cerveja, aí não tomava uma cerveja só. Eu, graças a Deus, me comunico bem com as pessoas, sem problema. Aí tomava uma, duas, três, quatro. Ai, ai, ai. Bebia e almoçava, daí jogava uma sinuca, depois jogava sinuca. Aí mais cerveja e um fumo. Ô, desculpa, tá indo fumaça aí. Vocês não fumam, mas eu fumo...

T40: Tá tranquilo.

E43: **Não fuma não. Não faz bem não, cigarro mata. Causa câncer.**

T41: É, foi uma fuga então? Quando você procurou a Fundação você queria sair um pouco dessas possibilidades que você tinha na rua...

Outro motivo para a busca pela institucionalização foi se aproximar de um estado introspectivo relacionado à sua espiritualidade, conforme relata no fragmento E44. Ressalto que o Abrigo está localizado no mesmo terreno que uma igreja católica.

Voltei às minhas origens, eu me sinto aqui bem porque eu voltei às minhas origens. Porque eu comecei por um colégio de freiras com sete anos, aí eu estudava catecismo e, ao mesmo tempo, eu estudava o kardecismo, fazia as minhas orações pra São Francisco Xavier. Tem até o nome do Chico Xavier. E eu tenho um pouco de espiritualidade, graças a Deus.

Segundo Elton, a separação com a esposa também foi muito difícil e que a entrada no Abrigo foi um alento. Esta teria sido a principal mudança ocorrida em sua vida.

T44: (...) O que você considera, Elton, que mudou em sua vida com a sua entrada no Abrigo? Assim, em termos de perdas e ganhos, o que você sente que melhorou e que piorou?

E48: Mudou uma certa neurose que eu tinha, uma certa neurose, um nervoso...

T45: Com relação à bebida?

E49: Com relação à separação.

T46: A separação pra você foi difícil.

E50: Foi.

T47: Com a entrada no Abrigo você se distrai?

E51: Não. **Eu saí do esquecimento, do negativo**, assim... Você sabe, né. Muitos usavam maconha e nós criados juntos, então era aquele negócio que eu tinha que abandonar. Eu, os amigos e tudo. E muitos eram falsos, sabe?

T48: Pra você foi um divisor de águas então, optar pela instituição.

E52: É, e aqui eu tô mais perto do meu padroeiro, São José, que eu sou marceneiro, né? [aponta para a igreja].

Segundo ele, a ILPI não é uma escolha, mas é uma opção. É uma opção porque embora não estivesse sendo fácil sobreviver fora da ILPI, ele é capaz de “se virar” e poderia continuar morando fora dela, se assim desejasse: *“eu, com o que eu sei de profissional, qualquer país que eu vou eu arrumo serviço. Chego numa marcenariazinha, trabalho de lustrador, vendendo móveis... Eu me viro bem”* (E66). A ILPI é uma opção que faz ao ser questionado sobre a possibilidade por um funcionário da fundação de acolhimento em que estava antes de ir para o Abrigo. Elton não aponta nenhuma perda com a entrada na ILPI, mas relata ganhos em termos de cuidado físico, mental e espiritual. Ele introjeta em si a vida institucional. Seria toda a ideia de cuidado que ele tem com o corpo e a ILPI tem consigo?

Elton algumas vezes assume-se como idoso, mas na maior parte do tempo da entrevista se refere ao idoso e ao velho na terceira pessoa. Aliás, além de não se ver como velho, sequer se vê como idoso. Ele estabelece uma linha hierárquica entre o idoso e o velho, sendo que o primeiro viria antes do segundo e em nenhum momento de sua fala deixa indícios de que são momentos da vida pelos quais passará um dia. Quando indagado sobre quem é o idoso responde que *“o idoso é uma pessoa sofrida, sabe, eu vejo muito como sofrimento. Porque todos eles, e eu também, tenho meu lado de sofrimento, quando pensa no passado. ‘Ah, meus vinte anos, ah, meus quinze anos’ [risos]”* (E68).

E69: [risos] Aproveita, aproveita porque depois, já viu como fica essas velhinhas aí, as velhinhas, como é que ficam?

T65: Como é que elas ficam?

E70: É por isso que eu parei até de beber. Eu é que vou ficar igual a elas? Não, não, não vou ficar mesmo. Ah, mas **murchar é ruim pra caramba! Fica tudo murcho, fica murcho.**

T66: É, não é fácil de encarar essa imagem no espelho, né?

E71: É, e as cuidadora de idosos ali não têm paciência não. Teve umas aí que foram embora porque os idosos reclamavam dela. **Mas o idoso é isso. É a lembrança do passado.**

T67: Bonito isso.

E72: **Pra mim o idoso é a lembrança do passado.** Passado bom, passado ruim, passado sofrido. **Muitos sofreram por causa da enxada**, que eu converso aí... No cabo da enxada na roça, na fazenda, não tiveram aquela mordomia, era candieiro, mais para uns anos atrás, o meu pai nasceu em 1920. Nasceu em [nome de cidade] aqui, quase em Espírito Santo, então ele tava falando pra mim, que ele levantava cedo pra colher café, nos pés do cafezal. Trabalhava pra caramba, plantar... Hoje em dia tem maquinário, naquele tempo não tinha, no tempo dele.

Ou seja, além de não querer se parecer com os idosos do Abrigo, o “idoso” também remete ao passado, às vezes bom, às vezes ruim, mas sempre difícil. Além disso, ele faz também uma comparação entre si e os outros, não desejando ficar igual aos idosos do Abrigo onde, mais uma vez, emerge a noção de “corpo”, enaltecendo a emergência de um eu ideal, conforme abordou Messy (1993). No entanto, neste momento sim, apresenta uma defesa com relação à perda do corpo jovem. Não podemos verificar o quão grande é seu medo de perder esse corpo jovem, mas ele existe e é transcrito pela aversão impregnada na fala “*eu é que vou ficar igual a elas? Não, não, não vou ficar mesmo. Ah, mas murchar é ruim pra caramba! Fica tudo murcho*” (E70).

Elton busca afastar-se do ego feiura o máximo possível. “‘Não é belo envelhecer’, dizem-me com frequência os pacientes idosos” (MESSY, 1993, p. 23). Conforme Messy (1993), a velhice só é possível quando há ruptura com o eu ideal. Este não é o caso de Elton, que sustenta o eu ideal e não abre margem para a presença do ego feiura, representado pela queda do ideal. Interessante que ele não recorre a objetos do passado como forma de investimento presente. Ao contrário, parece acolher toda a libido em si próprio sem prejuízos para a psique.

O “velho”, por sua vez, vai para além do idoso, como se fosse um estágio avançado, o qual maximiza as dificuldades sentidas pelo idoso. “*O velho é aquele que carrega a bengala [risos]*” (E74). “*Por isso que às vezes eu digo que segurança de velho é a bengala. ‘E você tá falando do quê, velho? Tu não sabe de mais nada’ [risos]*” (E75). Ou seja, o velho perde sua credibilidade enquanto sujeito, inclusive

como ser social: ele demanda cuidados e não é estimado como alguém que detém conhecimento.

Elton faz duas observações sobre os velhos atuais. A primeira é de que as velhas, mulheres, têm dificuldade em assumir que estão mais velhas e sentem insegurança diante das mulheres jovens; e a segunda é que algo tem mudado com relação aos velhos atuais e os das gerações passadas. O primeiro apontamento pode ser visualizado nos fragmentos abaixo.

T71: O velho parece que vem depois do idoso, é isso?

E76: É. E eu até brinco, se eu te der a minha prima ela vai te dar até uma surra [risos].

T72: [risos] Por que vai me dar uma surra?

E77: **Tem velha assanhada, que tem mania de pensar que garotinha aparece, ou que velho vai arrumar uma garotinha,** [porque] as garotinhas querem a aposentadoria deles, come tudinho.

O segundo apontamento, de que há algo mudando na forma de viver a velhice, pode ser visualizado no fragmento E79 abaixo.

T75: Bom, o velho seria esse estágio depois do idoso, né?

E79: É, mas eu tô vendo uma coisa nos velhos que **acabou o cachimbo, acabou o charuto. Nenhum velho fuma um charuto não, nem cachimbo.** Nem na rua, ali na praça ali.

E, a velhice, não é descrita por Elton, mas é qualificada como algo que precisa ser aturado. Exemplifica a velhice e seu ponto de vista sobre ela com o exemplo de uma árvore imponente na entrada do Abrigo.

E80: A velhice, a gente tem que saber aturar ela, né? Tem gente que não se contenta, não. Ó, uma árvore não fica velha? Quantos anos tem essa árvore aí? **Ela é mais idosa do que qualquer idoso aqui. Eu respeito ela, eu respeito ela.** Eu chego ali, não mijo nela, não chego ali e não cuspo nela, não quero certas coisas não, **tem que preservar, agradecer à velha árvore.**

T77: A velhice então é essa fase que você recebe mais respeito. Deveria, pelo menos?

E81: Isso mesmo. No entanto tem muitos aí... Pegam as bolsas das velhas e saem correndo. São Paulo, aqui no Rio, lá na Central.

Com esse fragmento (E80) fica claro sua posição com relação à necessidade de simbolização trazida pela noção de velhice. Porém, fala de uma simbolização do outro: o eu tem que respeitar a velhice do outro. Em nenhum momento faz isso voltar para si. Há fortes indícios aqui de que a velhice para Elton, do ponto de vista do ego, só

pertence ao campo do Real. No entanto, ele dá também uma pincelada pelo campo do Imaginário, ao atribuir um sentido para a velhice do outro.

Por fim, Elton acredita que não há diferenças entre viver a velhice dentro ou fora do Abrigo já que ela está muito mais relacionada com aquilo que o velho deve receber do que com o que pensa ou vive por si próprio. No entanto, neste momento reconhece a possibilidade de chegar à “*terceira idade*” (E82), se coloca em dúvida. Seria esta um sinônimo de idoso? Conforme sua entrevista como um todo, suponho que não, não sendo entendida por ele como um eufemismo para velho ou idoso.

T78: E viver, essa velhice, dentro e fora de instituição, você acha que tem diferença?

E82: Não, não tem diferença. [pausa longa] Não tem diferença não. [pausa longa] Ali tem o clube da terceira idade, mas sabe que eu nunca apareci lá? Dizem que tem um baile lá, tem bailinho.

T79: Da terceira idade?

E83: **Eu levo minha terceira idade como se tivesse 18 anos, 15 anos, ih!**

T80: **Ah, pra você, de certa forma, não existe, então?**

E84: **Pra mim não, eu continuo o mesmo. No mesmo ritmo, no mesmo ritmo. No mesmo ritmo. É...** Eu gosto de dar uns beijos na boca e [som de beijo]. Beijar é bom. Dar um arrochozinho... Dar um arrochozinho, uma pegadazinha [risos].

Neste fragmento percebemos também o investimento que faz em situações que vivencia no dia a dia, ainda hoje. Ele não *fala* do/no passado. *Atua* conforme no passado. Ou seja, não há desinvestimento do eu ideal, conforme já explanamos por meio de Freud (1914/2003) e Messy (1993). Ele se mantém no que acha que “deveria ser”. Como não está desinvestido socialmente, não se depara com o corpo fragmentado, nem enfraquece seu eu ideal. Há, ao contrário, investimento em um estado de narcisismo primário, ou seja, ele torna-se seu próprio objeto de investimento.

Como o ego se sustenta como seu próprio ideal, os sentimentos negativos emergentes com o ego feiura conforme apresentei com Messy (1993) anteriormente não retornam aos olhos de Elton. Ele não apresenta, no momento atual, a necessidade de fixar-se em um discurso voltado para o passado, comum à fala de idosos. Ao contrário, a velhice não é entendida como algo que possa atingi-lo, pois acredita levar a vida da mesma forma que levava na juventude. Para Elton, **a velhice não existe**.

3.3.5 FRANCISCO E O RESSENTIMENTO PELO QUE FICOU PARA TRÁS

Francisco está sempre presente nas atividades propostas pelo Abrigo. Diante do convite para a pesquisa, sua reação não foi diferente. Pediu para participar do ensaio que estava acontecendo no Setor de Terapia Ocupacional e relatou que em seguida falaria comigo, o que fez. Chama atenção em sua entrevista o fato de que, como falava francês em seu país de origem, e em outros em que viveu, em diversos momentos de sua fala trazia palavras em francês e, no início da entrevista, apresentou-se em sua língua de origem.

Atualmente Francisco está com 68 anos e reside no Abrigo há três anos. Conforme dito, não nasceu no Brasil e aqui chegou pela primeira vez em 1975, a trabalho, no ramo de hotelaria. Permaneceu no país por quatro anos, tempo que durou seu contrato, retornando ao país em que vivia anteriormente. No entanto, manteve um relacionamento com uma brasileira, com quem se casou anos mais tarde e o motivo pelo qual voltou ao país, permanecendo aqui mesmo após o fim do relacionamento. Com ela, Francisco teve apenas um filho que nasceu morto. Relata que, com a separação, *“ela foi embora e eu fiquei só, com Deus e o povo brasileiro”*⁷ (F12). Após a separação, continuou morando no Brasil e trabalhando com hotelaria.

Atualmente mantém outro relacionamento com uma pessoa de fora da ILPI, justamente quem mais o acompanha no dia a dia e que parece ser o único contato que possui. *“Eu tenho, por exemplo, uma namorada, que eu passo o sábado, o domingo, na casa dela. Volto na segunda-feira e toda quarta-feira ela está me visitando. Eu levo roupa na casa dela, ela lava, faz comida pra mim, me leva no [nome de hospital]”* (F33).

Quanto à institucionalização, por meio do trabalho morou em diversas cidades do estado do Rio de Janeiro, até que em 1993 descobriu-se doente e precisou buscar tratamento, quando estava na região serrana. De lá foi levado para um hospital e em seguida para outros dois, um na própria capital e outro na região metropolitana do Rio de Janeiro. Atualmente faz tratamento neste último. Aponta que sua doença *“era um*

⁷ O entrevistado falou em francês em diversos momentos da entrevista, misturando a língua com o português. Por conta disso apresenta dificuldade na conjugação de verbos e tempos verbais e optamos por, neste momento da dissertação, reescrever as falas na norma culta. Na transcrição da entrevista a escrita é preservada conforme fala o entrevistado.

AVC” (F15) e foi assim que conheceu o Abrigo, pois ao ser encaminhado para uma instituição social por perder a capacidade de trabalho e conseqüentemente de se manter financeiramente e estando com idade para viver em uma ILPI, foi encaminhado ao Abrigo.

Daí eu estive lá [hospital], fiquei lá até... Era um AVC. [O médico] falou que eu tinha que me tratar lá. Aí, até hoje é isso que faz com que eu tenha conhecido o Abrigo. Porque não estava mais trabalhando e minha vida ficou difícil, então eu vim para o Abrigo para continuar tratamento e se Deus quiser eu vou me equilibrar, podendo decidir a continuação [de minha] atividade [a hotelaria] (F15).

Francisco parece entender que o Abrigo é uma instituição de tratamento e que está ali para ser tratado. Quando receber “alta” poderá sair da ILPI e continuar sua atividade profissional e viver com a companheira, com quem namora e que vive fora da ILPI. Isso é possível de ser verificado nas vezes em que aponta para a ILPI como o local em que tem “*cuidados de primeira espécie do cidadão que eu sou*” (F19): medicação, alimentação, abrigo, saúde mental. Falas com essas referências podem ser observadas nos fragmentos abaixo, como resposta para diversas questões.

Primeiramente, quando questionado sobre os motivos para a institucionalização:

T18: (...) O que é que você faz aqui dentro, Francisco? Me conta um pouquinho do seu dia a dia, o que é que você faz?

F18: O meu dia a dia é feito de conselho comunitário, assistência de saúde, que se preocupa com minha saúde, né? **Pessoas [que] se preocupam com minha saúde e minha alimentação, com a minha vivência dentro do Abrigo.**

T19: Então o seu dia a dia aqui são esses cuidados básicos que você... Que, na verdade, trouxeram você aqui.

F19: Sim, na verdade é isso sim, os cuidados básicos, o primeiro... *Assistance du premier*, cuidado de primeira espécie, do cidadão que eu sou né, então **eles se preocupam disso e me fazem bem, viver, continuar vivendo.**

Ele entende que a institucionalização é necessária para a manutenção da sua vida, ao lado da assistência hospitalar.

Eu tenho um médico no [nome do hospital]. Continua sendo. Assistência, desde 91, [quando] eu fiquei doente, ele continua a me dar assistência. Quer dizer, o [nome do hospital] continua me tratando, né. **Mesmo então aqui, eu tenho ganhado assistência hospitalar** (F34).

A mesma linha de pensamento com relação aos “cuidados” pode ser observada quando se refere às atividades de que participa no Abrigo. Ele compreende as atividades propostas pelo Abrigo como “reuniões” (F20) de um “conselho comunitário” (F18).

T20: E além desses cuidados de necessidade básica, digamos assim, você participa de outras atividades aqui dentro?

F20: Aqui dentro? Ah, de uma reunião, aqui dentro **desse instituto aqui**, de reuniões de diversas... Que abrange vários assuntos, assuntos pra despertar pra nós um conhecimento de nós próprios e das dificuldades da vida.

T21: E eu te vejo sempre também nessas atividades, do teatro...

F21: Sim, sim, *voila*.

T22: Você gosta?

F22: Haram. É através dessas atividades eu te conheci...

T23: Sim.

F23: Tô falando disso na sua frente mesmo, mas, você já é uma pessoa conhecida daqui. **Você cuida de nós aqui, de nossa saúde, você cuidou de nossa saúde, participou de vários problemas, podendo ajudar a nós que estamos aqui.**

Francisco personifica a instituição na figura da profissional (F23), em meu caso, da psicóloga que, embora estivesse presente na ILPI como pesquisadora, participei de diversas atividades propostas pelos setores de Terapia Ocupacional e Psicologia, assim como realizei alguns breves atendimentos individuais para resolver questões pontuais, a pedido da psicóloga do Abrigo. Ele ressalta também a necessidade do contato com outras pessoas e em especial com os profissionais do Abrigo. Entende o conceito de assistência em saúde como além da saúde física, do corpo, mas também como a relação “*vie a vie, a vida ao vivo*” (F40), ou seja, as relações com outros dão sentido à própria existência, relatado em intensidade no fragmento F27.

T24: É que saúde não é só física, né? Não é só cuidar a pressão, se está em dia, né...

F24: Não, não...

T25: Se a glicose está boa, né?

F25: Tem o conselho...

T26: Tem essa coisa do contato...

F26: Do contato, do conselho, né? Pessoal, ao vivo.

T27: Isso é importante pra você né? Isso me parece muito importante pra você...

F27: Sim, sim. **Isso é um contato vivo, é necessário, se não nós morremos rápido. Nossa existência não tem mais como sobreviver. Sem você, sem esse contato, nós sentimos que nós somos inexistentes, que nós também... Nós temos gosto da vida.**

Embora o contato com pessoas externas à ILPI seja apenas com a namorada, relata possuir relação com várias pessoas dentro da instituição. “*Eu tenho aqui no Abrigo, a partir de você própria, (...) tenho conhecido, como você, como o dirigente, o*

diretor daqui” (F28). E, continua, “o pessoal da saúde, a nutrição, nutricionistas, que se ocupam de nós... Copa, lavanderia, etc. O corpo médico, os amigos” (F29).

O cuidado com essas relações é essencial para ele, quando aponta que *“tudo isso proporciona pra nós um encorajamento pra poder... Para nós continuarmos a existir. E nós temos que saber que vocês estão acolhendo a gente, fora de nossa própria família. Você ficou no lugar de nossa própria família” (F30).* Com esse “você” do fragmento F30 percebemos mais uma vez a forte ligação que atribui entre a profissional e a instituição. No entanto, a forma falada no singular pode ocorrer por conta da diferença entre a língua que falava antes de chegar ao Brasil e o português. Talvez, Francisco queira expressar um “vocês”, ainda assim personificando a ILPI na figura dos profissionais.

Quando questionado sobre o que a institucionalização mudou em sua vida, aponta para os pontos positivos da entrada na ILPI, novamente abordando a noção de assistência, complementar à hospitalar, e de cuidado para além da noção de *“abrigo” (F35).*

Eu acho que me ajudou muito porque eu estava desorientado. Me faltava algo, algo que me faltava, eu quase... Através de você eu consegui. **Consegui um abrigo, consegui um tratamento, consegui [aprender] como me alimentar, eu consegui [aprender] como me vestir.** Quer dizer, o dia a dia, **você me facilita o meu dia a dia,** com a alimentação, uma assistência continuamente, podendo chegar aonde e quando Deus for me conceder em vida (F35).

Embora apresente apenas pontos positivos da institucionalização, também a reconhece como uma *“obrigação” (F36)* e não uma escolha, uma vez que entende estar ali por conta do tratamento.

Chegamos a um ponto que é uma obrigação, porque é lá que eu tiro a existência do resto de minha vida, atualmente. Sem o Abrigo, eu não estaria mais existindo. Então eu estou existindo, existindo na vida, hoje, graças a essas informações, a essa ajuda de vocês (F35).

Não posso deixar de destacar, por meio dos supracitados fragmentos levantados por Francisco, que a instituição é para ele uma forma de manutenção da vida. Não apenas em termos de saúde e doença, mas ele a considera como um local em que está para ser olhado. Quando personifica a instituição na figura dos profissionais parece, de alguma forma, exigir que a instituição o olhe enquanto sujeito. Sobre as instituições,

Lebrun (2009) ressalta que elas podem tanto estabilizar, ordenar e regular, quanto oprimir os sujeitos em seus desejos e anseios. Se a pergunta possível, nesse sentido, é de que forma é possível preservar a vivência de um sujeito do desejo em meio a tantos desejos de outros para si, podemos destacar a compreensão de uma temporalidade como algo importante para este sujeito. Francisco entende que sua vida se sustenta porque está na ILPI e, mesmo estando na ILPI, mantém vivas relações com um ambiente externo à institucionalização (a namorada e o desejo de retomar as atividades profissionais).

Ainda, é importante vislumbrar as falas de Francisco a partir da doença que aponta ter sido o motivo de sua institucionalização. Ao ser levado para a ILPI para tratamento, conforme relata, não parece sentir-se abandonado e sem perspectivas. Ao contrário, o sucesso do tratamento é justamente a sua maior expectativa, aquela que representa a saída. Estabelecer esse laço com a institucionalização permite a Francisco fortalecer seu corpo, do ponto de vista subjetivo – e por que não, físico também? – e trazer-lhe alguma sensação de prazer, conforme aponta nos momentos em que relata ser grato pelo cuidado recebido. Isso é fundamental para ver-se como sujeito, uma vez que troca a satisfação que não pode sentir com relação ao corpo físico (doente) pela satisfação e pelo prazer “diante de outro ganho advindo como signo de amor, carinho e outras formas de envolvimento com o Outro” (MUCIDA, 2009, p. 76). Dessa forma, sente que a ILPI o abraça.

Diante das últimas questões da entrevista, Francisco se mostrou reflexivo, agradecendo pelos questionamentos. Ele parece ter chegado a respostas reveladoras, inclusive para si. Ao final de nosso encontro, trecho não gravado, enquanto o acompanhava ao refeitório para o almoço, agradece e relata ter sido surpreendido pelas questões, questões importantes de serem refletidas. Para conceituar “idoso”, “velho” e “velhice”, Francisco se posicionou de forma a fugir do comumente explanado pelos idosos entrevistados.

Quanto ao idoso, seria alguém que *“já passou de sua juventude, enfrentando o lado crítico da vida dele. Ele não tem mais aquele vigor fresco podendo agir como ele fazia. Hoje ele é diminuído de força e seu conhecimento, como dizer, ele se esfaça”*⁸ (F39). Ao continuar, vincula esse ser que é deixado para trás, com a necessidade do

⁸ Utiliza esta palavra enquanto busca um termo em português que expresse melhor o que pensa. Tem sentido de “afastamento”, conforme complementa com o fragmento F40.

cuidado e às relações construídas dentro da ILPI, principalmente com aqueles que “cuidam”.

Ele se afasta um pouco de ser falso, dessa projeção, dessa *projecture*, desse futuro, né? Ele não tá tendo mais, tirando de seu futuro uma boa vida como antigamente. Então, a dificuldade da vida se apresenta no dia a dia. Então, essa ajuda, pra ele, é necessária. Esse *vie a vie*, a vida ao vivo, esse tudo, ele se sente bem. **Sem isso ele não existe**, então esse ao vivo, permite a ele continuar vivendo (F40).

Notemos que ele fala do idoso em terceira pessoa, “*permite a ele continuar vivendo*” (F40), mas em outros momentos se coloca como alguém que já “tem idade” e aí sim fala no plural, conforme verificamos no fragmento F43: “*é muito esforço hoje, tem que ser ajudado, se não, pra nós que já temos idade, que tem 60 anos, 60 e poucos, nós precisamos de ajuda de vocês que são mais novos que nós*”. Ainda assim, é uma “idade” comparativa, em relação a outros que são mais jovens, no caso a mim, a entrevistadora.

Já com relação ao “velho”, embora aponte ser a mesma coisa que “idoso”, aprofunda mais em sua fala. É a “*saudade do tempo passado*” (F43), contraposta com a juventude. Relaciona-se também com a perda do “*frescor*” e do “*vigor*” (idem). Vejamos na íntegra:

Idoso, eu acho que quer dizer a mesma coisa, idoso ou velho, quer dizer é saudade do tempo passado. **Chegou já a uma boa idade, que é desprovido de seu frescor, de sua juventude, que não está tendo aquela força da juventude. Já passou.** E tá se sentindo incapaz de enfrentar a vida de hoje que é um pouco mais vigorosa, **tem se debatido pra conseguir viver, pra continuar a viver.** É muito esforço hoje, tem que ser ajudado, se não, pra nós que já temos idade, que tem 60 anos, 60 e poucos, nós precisamos de ajuda de vocês que são mais novos que nós, porque **nós estamos quase se afastando da realidade de hoje e estamos chegando um pouco atrás. Não é atrasado, mas nós não estamos atingindo mais essas atividades, mais veloz, de mais conhecimento, devido à velocidade da vida, ao conhecimento. Nós somos já velhos pra atingir algum conhecimento, como de vocês que são novos** (F43).

Embora socialmente a velhice seja conhecida como o tempo da sabedoria, para Francisco o velho não é mais capaz de alcançar o conhecimento necessário aos tempos atuais. Aponta também para um afastamento da realidade. “*Não é atrasado, mas nós não estamos atingindo mais essas atividades*” e por isso a necessidade de ajuda dos mais jovens, assim como dos cuidados da instituição.

Um ponto a destacar com relação a isso é que Francisco, diferentemente dos outros entrevistados, equipara “idoso” e “velho”. Para ele não há diferença. Embora remeta os termos em um trecho da entrevista para a pessoa com 60 anos ou mais (F43), em sua fala esses termos estão muito mais relacionadas a um conjunto de perdas. Entre as palavras e expressões que utiliza para caracterizar o “velho” e o “idoso” estão: “*saudade do tempo passado*”, “*boa idade*”, “*desprovido de vigor e de frescura*”, “*perda da força da juventude*”, “*incapacidade de enfrentar a vida*”, “*necessidade de ajuda*” e “*atraso*”, todos esses no fragmento F43.

Embora aponte para tantas palavras e expressões que caracterizam o velho como aquele que “já foi”, Francisco não se queixa do que vive atualmente, mas de não ter aproveitado mais a juventude para se preparar para o que teria que viver na velhice, conforme veremos a seguir. Quero, no entanto, trazer algumas considerações de Mucida (2009) para abordar a riqueza disso que Francisco nos traz. Parece que ao olhar-se no espelho Francisco não se volta contra a perda do corpo ideal ou contra a saúde perdida, sequer contra possíveis marcas e flacidez. O que lhe toca e talvez angustie é, na verdade, a perda da possibilidade de ter aprendido ensinamentos valiosos para lidar com o tempo no presente, agora que vive a velhice.

A imagem odiada não se refere jamais ou unicamente àquela refletida pelo espelho, com rugas, possíveis marcas, flacidez, etc. A imagem que se odeia relaciona-se fundamentalmente com os laços com os outros e com o reconhecimento, incluindo laços sociais, familiares, de amizade, os projetos de vida e de como cada um conduz as mudanças e perdas, das quais a imagem no espelho é apenas uma (MUCIDA, 2009, p. 70).

O que fica para Francisco, essencialmente, se refere a um projeto de vida para o tempo futuro. Embora fale da ex-mulher e do filho perdido com um pesar que não pôde ser fiel na transcrição de sua entrevista (ele baixa o tom de voz e apresenta hesitação na voz, além de pausas mais longas), o que surge com maior força em suas palavras é o pesar por não ter se “*preparado de outra maneira*” (F46), conforme aponta em sua fala sobre a velhice, a seguir. Conforme Mucida (2009, p. 70), “há traços sobre o corpo e sobre a imagem que não se apagam. Não há como imobilizar a passagem do tempo e suas consequências. Torna-se fundamental suportar a falta” e isso Francisco faz com maestria, talvez baseado na esperança de que um dia saia da ILPI para reconstruir uma vida fora dela, com outros laços e escritas.

Por fim, a velhice, embora não declaradamente relatada, é vista por Francisco como uma etapa, um momento de e para reflexão, principalmente daquilo que passou e não pode ser apreendido pela existência. Em meio a pausas longas – talvez para pensar, talvez para encontrar as melhores palavras em português, talvez para ambas as coisas – Francisco aborda o conhecimento e o tempo passado: “*pode-se dizer que... [pausa longa]. Podemos dizer que chegar a esse tempo*” (F44), “*nós podemos dizer que se eu soubesse que chegaria a esse nível, porque não sabia que eu chegaria a esse nível*” (F45), “*se eu soubesse, eu teria me preparado de uma outra maneira. Porque eu não sabia*” (F46).

Embora difícil de ser apreendida a sua percepção de velhice dada a dificuldade na construção da frase, o idoso propõe-se a colocar a velhice como esse momento que não se espera chegar, mas que ele chegou, e então fica o arrependimento por não ter se apropriado mais de questões filosóficas acerca da humanidade, conforme apresenta nos fragmentos F47 e F48 para encarar a realidade que se apresenta neste momento.

T47: O que você acha que faria diferente se soubesse que chegaria neste momento?

F47: Eu sabia que eu teria que ser mais, eu teria que estudar mais. O que é Universo. O que é o próximo. O que é a vida. O que é a juventude, o que é a sabedoria. O que tem mais benefício entre A e B. O que é se alimentar e o que é alimentação, o que é comer e o que é se alimentar, que tem uma diferença. O que é jovem e o que é adiante, o que é maduro. O que não é maduro, o que é precoce?

T48: Você talvez teria refletido mais.

F48: Me envolver... **Teria refletido mais, me envolvido mais dos assuntos da mulher e do homem.**

Quanto à forma de vida na ILPI, dentro ou fora dela, seria a mesma coisa: “*sim, a mesma coisa [dentro ou fora da instituição]. Que pessoa desamparada como eu, estão aí recebendo também essa manutenção, esse **favor** de vocês, que são preparados para sustenir, como dizer, **suprimir a carência, nossa carência**” (F42). Destaco também sua percepção da assistência enquanto “favor”, um cuidado que as pessoas oferecem a ele, não como algo de seu direito.*

Ele encerra a entrevista questionando a verdade da realidade que pode vislumbrar e as possibilidades das quais não pôde usufruir. Quando lhe digo que as perguntas que faz são questões importantes, Francisco responde:

F49: É uma reflexão importante e que se eu soubesse [pausa longa] eu não estaria assim hoje.

T50: Assim, você fala...

F50: Atrasado.

T51: Hurum... O que você considera que está atrasado?

F51: Eu teria atingido o curar de outra pessoa, me alimentado de outra forma, comido de outro alimento, eu poderia, que eu estou imaginando, né? Senão, teria possibilidade de encarar a realidade de hoje.

T52: Você considera a realidade de hoje difícil de ser encarada?

F52: É difícil.

T53: O que...?

F53: Eu não tive a probabilidade [possibilidade?] de se preparar. Porque nós conhecemos a verdade de ser realidade. Na verdade se está sentindo que ela [a verdade] é uma realidade. Então, pra se viver, tem que conhecer ela antes, tem que conhecer ela pra alcançar ela. **Quer dizer, eu não alcancei tanto, mas eu só tive cheiro, não aproveitei tanto, não aproveitei tanto. Eu só senti o cheiro da verdade, mas eu não degustei tanto a vida, teve só cheiro.**

Embora não tenha sido objetivo desta pesquisa, portanto não aprofundado na entrevista, o idoso se questiona sobre o que construiu em sua vida, em suas últimas falas na entrevista, após todas as questões da pesquisa já terem sido feitas.

F54: Você que está me entrevistando poderá viver essa verdade, porque na vossa idade, quando eu estava com essa idade eu não tinha essa sabedoria que você tem em fazer a pergunta, se eu tivesse essa virtude, hoje eu seria outro. **Querida ter força de movimentar alguma coisa na *vie*, da vida, entendeu? Manter alguma coisa da *vie* na vida.**

T55: Manter alguma coisa da vida na vida.

F55: É. **Inventar alguma coisa, alguma coisa da vida na vida.**

O que Francisco gostaria de ter inventado da vida na vida? Que escritas sobre si ele ainda gostaria de ver no reflexo do espelho?

3.3.6 JONAS E A NECESSIDADE DO OLHAR DO OUTRO

Jonas tem 80 anos e mora no Abrigo há dois anos. No entanto, quando questionado, informou ter 70 anos e viver na ILPI “há um bocado de tempo”, sem saber precisar quanto tempo seria. Diante do convite para responder à pesquisa, mostrou-se disposto e comprometido, pois, quando abordado estava participando de uma oficina de desenho. Falei-lhe que o procuraria posteriormente, quando terminasse sua atividade, mas, enquanto entrevistava outro idoso, Jonas foi me procurar e sentou-se ao longe para esperar que eu terminasse e fosse a “sua vez”.

No dia a dia da ILPI Jonas participa de praticamente todas as atividades. É muito participativo e aparenta bom humor frequentemente. Participou de todas as atividades

com música que desenvolvemos na instituição. Além desta, não falta às aulas com a pedagoga, nas quais exercita a escrita e o desenho e pintura.

Quanto à sua vida antes da ILPI, falou apenas que trabalhava na construção civil e que vivia com conhecidos. Aponta ter trabalhado muito. Em sua fala, Jonas circulou o discurso em torno do quanto gosta de viver ali e do cuidado (principalmente no que diz respeito à alimentação) que encontra na ILPI. Falou pouco sobre sua vida pregressa à institucionalização, apontando apenas que vivia com outras pessoas que não o tratavam bem e que, um dia, uma conhecida falou sobre o Abrigo e disse que lá ele seria bem cuidado. Por conta disso procurou a ILPI.

Ó, eu vou falar a verdade, né? Eu morava na casa de um camarada aí, né? A filha dele tinha um bocado de macarrão e galinha e me dava arroz puro, macarrão... Aí, as irmãs dele, as irmãs desse camarada, ainda ontem ela esteve aí, ela disse, Jonas, vá lá praquele asilo que você fica muito bem. Aí eu vim. Foi ela que me mandou (J4).

Portanto, sua busca pela ILPI foi motivada pela necessidade de cuidados básicos, destacando a alimentação e roupas. Em diversos fragmentos aponta que não tem motivos para se queixar da ILPI e que discorda quando outros falam mal.

É, é muita fartura. Muita gente fala mal desse abrigo, mas eu não falo mal não. Eu falo bem. (risos) (J5)

Ah, eu gosto muito desse asilo aí. (J26)

Olha, muita gente fala mal desse abrigo, mas eu não falo, eu não falo mal não. Eu ganho muita roupa, sobremesa, eu posso repetir a comida. Muita gente fala mal disso aqui, do asilo. Eu não falo mal não. (J27)

Eu gosto. Ó, tem uma aí que eu encontrei aí, ela falou mal do asilo. Eu não falei mal, não, eu falei bem. [ininteligível] O asilo é muita fartura, muita roupa, passear, cinema de graça, beira mar... (J28)

Para Jonas a institucionalização parece ter sido uma alternativa para sair das diversas dificuldades que vivia morando na casa de conhecidos: carência de um abrigo satisfatório, de alimentação e, de forma mais geral, de cuidados. As ideias centrais trazidas por ele, nesse sentido, são com relação à alimentação. Se antes *“roubava manga e me lambuzava”* (J2) e *“tinha um bocado de macarrão e galinha e me dava arroz puro, macarrão”* (J4); no Abrigo *“eu ganho muita roupa, sobremesa, eu posso repetir a comida”* (J27), *“é muita fartura”* (J28). Muito provavelmente Jonas tenha

vivido até então passando por diversas dificuldades econômicas e a institucionalização lhe trouxe um alento nesse sentido.

Jonas fala principalmente sobre os cuidados de ordem mais “orgânica” e da felicidade que usufruir dessas situações lhe permite. No entanto, fala pouco de suas necessidades subjetivas. Ressalto, porém, que isso não parece lhe trazer qualquer incômodo. Ele relata que atualmente, recebe visita de familiares, mais especificamente seus primos, e que também costuma vê-los quando sai da ILPI, pois vai às suas casas para passear durante o dia, retornando para dormir na ILPI: “*eu vou lá pra casa do meu primo, no mesmo dia*” (J13). Não deixa claro se é apenas um primo ou se mais de um deles o visita.

Jonas relembrou sobre como era a instituição antes de tornar-se residente, lembrando momentos em que ele e uma prima iam até o Abrigo pegar mangas dos pés de fruta que existem em frente ao local.

T1: Como é que você conheceu o Abrigo?

J2: Ó, esse abrigo aqui, não tinha esse muro aí não, tá? Nem vigia não tinha. Nem aquele Papai Noel não tinha [apontando os enfeites de Natal]. Só tinha muita manga aí. [ininteligível] Um dia eu falei, vou lá pro Abrigo. Comi muita manga aí. Era manga desse tamanho, roubava manga e me lambuzava, eu e minha prima.

T2: Eita! Então você conhecia já de vista, é isso?

J3: Ó, não tinha esse portão, tudo era barro. Não tinha esse banco aqui, era tudo coisa diferente. Depois o [nome do presidente da ILPI] é que fez isso aqui.

Suas falas mais longas foram com relação às árvores de manga do Abrigo e, no final da entrevista, sobre como gostava de assistir aos shows de um palhaço, bastante conhecido na cidade em que morava.

J28: Nós fomos no teatro do [nome do palhaço]. [Nome do palhaço], quando eu era garoto, eu ia no circo dele. O circo dele era pobre, do [nome do palhaço]. Era pobre. O [nome do palhaço], ele morava ali dentro, né? Aí ele não queria morar em apartamento, não queria nada. Quando ele era novo, montava um palco do tamanho desse palco aí. Eu vinha. Parava carro de um lado ao outro, o [nome do palhaço]. Qualquer um que falasse aqui gostava do [nome do palhaço].

T28: O senhor conheceu ele pessoalmente?

J29: Ó, o nome dele não é [nome do palhaço], o nome dele é [nome da pessoa]. Apelidaram ele de [nome do palhaço]. Aí ele tinha uma máscara, bota aqui. Ele é todo cabeludo.

(...)

J30: [risos] É... Eu conheci o [nome do palhaço]... Tocava violão, fazia teatro...

Quanto aos conceitos de idoso, velho e velhice, Jonas teve dificuldade em desenvolver o pensamento e a fala, fazendo referência à “cabeça ruim”, conforme aponta no fragmento J19: “*ah, minha cabeça é muito...*”. Além disso, faz longas pausas antes de responder, talvez por ainda não haver refletido sobre tais questões em outros momentos. Com relação ao idoso, não soube caracterizá-lo com uma definição, mas distingue-o do jovem, desenvolvendo uma analogia interessante.

J15: O idoso? Ah, o idoso é... [pausa longa] Ó, eu, quando eu era novo eu era outra coisa, depois de velho... **É igual potro, né? O potrinho é que tá novo, agora, o cavalo é depois de velho. Fica igual o pai, velho.**

T15: O idoso então é o velho, é isso?

J16: É.

Essa fala de Jonas aponta que embora seja pouco habilidoso com as palavras e na construção de estruturas de pensamento consistentes, desenvolve seu posicionamento de forma concreta por meio da metáfora do potro e do cavalo.

Jonas não sustenta sua primeira resposta com relação ao “idoso” e o “velho”. Em um primeiro momento equivale os dois conceitos. No momento seguinte, no entanto, responde que “*há diferenças, né?*” (J17).

T16: Idoso é a mesma coisa que velho ou você acha que tem diferença?

J17: Há diferenças, né?

T17: Que tipos de diferenças? Você consegue me dar um exemplo?

J18: Ah, eu não sei...

T18: Não?

J19: Ah minha cabeça é muito...

Por fim, Jonas é convocado ao falar da velhice.

T19: (...) O que você entende por velhice?

J20: O que é velhice? Ó, eu, eu ando aqui, eu sento aqui, eu sento ali. Eu não aguento mais andar.

T20: Isso, você acha que é por conta de velhice?

J21: É, é mesmo.

T21: Velhice então, me corrija se eu estiver errada, você tá me dizendo então que é um pouco desse cansaço?

J22: É...

T22: Mais alguma coisa, mais algum exemplo pra me falar?

J23: Não. Só isso, só.

O que mais chama atenção nas falas de Jonas é seu carinho pela ILPI. Ele realmente gosta de morar ali e se identifica com o local, talvez simplesmente por ela

suprir uma necessidade que não encontrava fora, talvez por questões mais profundas que não puderam ser apreendidas com a entrevista.

T23: (...) Queria te perguntar se você acha que tem diferenças entre viver a velhice dentro de um abrigo e fora dele. Entre viver aqui, onde a gente tá e lá fora, numa casa, com familiares?

J24: Ah, não, **eu gosto de viver mais aqui.**

T24: Você acha que aqui é melhor?

J25: É melhor.

T25: Por que aqui é melhor, Jonas?

J26: **Ah, eu gosto muito desse asilo aí.**

T26: É o gosto que você tem pelo lugar, né?

(...)

J27: Olha, muita gente fala mal desse abrigo, mas eu não falo, eu não falo mal não. **Eu ganho muita roupa, sobremesa, eu posso repetir a comida. Muita gente fala mal disso aqui, do asilo. Eu não falo mal não.**

T27: Você gosta de morar aqui mesmo, né?

J28: Eu gosto. Ó, tem uma aí que eu encontrei aí, ela falou mal do asilo. Eu não falei mal, não, eu falei bem.

Diferentemente de outros internos, Jonas não tem expectativas de deixar a ILPI, mas esta também é uma escolha sua. Ele quer ficar ali e continuar com as atividades que desenvolve nas oficinas oferecidas pelos profissionais, a rotina de cuidados à qual está submetido e faz sentir-se sujeito, mesmo que assujeitado ao desejo do outro, o olhar que recebe sobre si, sua alimentação, suas necessidades; diferentemente da vida que levava antes de viver no Abrigo, na qual as faltas de ordem material foram supridas pelas ILPI.

Também para Jonas a institucionalização consistiu em uma opção. No entanto, para ele parece ser mais uma escolha. Ele não opta pela ILPI por não ter condições de se manter em outro lugar, em que se sinta melhor, mas pelo próprio Abrigo em si. Jonas é um exemplo claro da ineficiência das políticas voltadas à assistência do Idoso. Embora a Política Nacional (1994) e o Estatuto (2004) garantam o direito do idoso de manter-se em sociedade, desde que tenha condições para isso, em seu caso, é defasado pela pobreza que o idoso vive. Embora muito lúcido e orientado para tomar conta de si, não tem dinheiro para fazê-lo e prefere a vida no Abrigo às necessidades e os maus tratos que anteriormente passava na casa de conhecidos.

3.3.7 MARISA E AQUILO QUE SE PODE RELEMBRAR AOS 81

Quando foi convidada para a entrevista, Marisa se mostrou animada com o convite, relatando ficar contente porque gosta muito de falar sobre si e contar suas

histórias. Marcamos para a semana seguinte sua entrevista e quando nos encontramos, no dia combinado, foi ela quem perguntou se a faríamos.

Ao longo de toda a entrevista, que durou 1 hora e 20 minutos, Marisa manteve-se calma e ao mesmo tempo bastante alegre. Ria enquanto respondia, principalmente nos momentos em que afirmava o quanto se sentia satisfeita estando na ILPI. Sua fala é fluida, a entrevista transcorreu de forma agradável e as perguntas surgiam conforme falávamos, pois ela mesma articulava distintos assuntos.

Chama atenção o fato de que Marisa conta a sua idade, *“falta três meses para 81 anos”* (M4) como quem tem muito orgulho da idade que já viveu, o que se comprova no decorrer de sua fala, conforme veremos com seu relato. Com relação à velhice, apresenta postura crítica, se questiona, e aborda conceitos relacionados à temática de modo a não generalizá-los. Relata não gostar de se comparar com outros, mas faz apontamentos em que aborda a sua velhice como diferente daquela vivida por muitas pessoas que conhece, por isso termos como “idoso” não servem para todos.

As afetações que me provocou, enquanto pesquisadora, são notáveis. Sua forma de expor o que pensa e sente é bonita e profunda. Ela lida com o que viveu de modo a agradecer e não ficar presa a ressentimentos e ao que gostaria que tivesse sido diferente. Apenas ao tentar afirmar o quanto sua vida foi e é boa deixa-se escorregar em situações e vivências muito difíceis, segundo ela, no que diz respeito ao primeiro marido, por parte de quem sofreu violência física e emocional, e ao segundo filho, portador de deficiência.

Marisa tem 80 anos, mas *“já tô dizendo que eu tô com 81. E eu sou muito adiantada com esse negócio. E se eu disser que eu tenho 80, eu tô achando que tá pouco. É 81 já!”* (M5). Logo no início da entrevista chama atenção sua postura de gratidão pela idade que tem, o que é retomado ao longo de sua fala principalmente quando disserta sobre idoso, velho e velhice. *“Eu nunca diminui a idade. Muita gente diz ‘Marisa, você pode dizer que tem menos’ (...) Pra que... (...) Eu até tenho prazer de dizer que eu tenho 80, que eu vou fazer 81, porque os meus irmãos não chegaram a 80. Eu tive 10 irmãos, comigo 11, eu fui a última. (...) Nenhum deles, o máximo que chegou foi 78 anos. E eu, nessa geração de agora... Engraçado que dizem que a qualidade de vida tá melhor, né?”*(M6).

Ela não ignora os efeitos de uma sociedade que “envelhece”, acompanhando de perto os dados apresentados pelo IBGE (BRASIL, 2013) acerca da extensão da

expectativa de vida, conforme já apresentado e comemora esse avanço, talvez porque viva este momento da vida de forma bastante satisfatória: ela tem abrigo, alimentação adequada, é protegida por seus direitos sociais e não sofre problemas de saúde, além de ser muito satisfeita com seus relacionamentos e estar bem adaptada à vida no Abrigo.

Marisa nasceu na região metropolitana do Rio de Janeiro e ali passou a infância e a “*mocidade*” (M101, M110), com mãe, pai e dez irmãos. É a filha mais nova e a única ainda viva. Casou-se muito cedo, com 15 anos, e aos 16 teve o primeiro filho. Logo em seguida engravidou novamente, momento a partir do qual passou a sofrer violência doméstica por parte do marido. Durante esta segunda gravidez relata ter sofrido muitas agressões na barriga, o que acredita ser o motivo pelo qual o segundo filho nasceu doente. Quanto a isso apontou que ele nasceu com o cordão umbilical enrolado no pescoço e apresentava transtorno mental. A primeira internação em hospital psiquiátrico (foram 31 no total) aconteceu com 17 anos e prosseguiu até seu falecimento, aos 27. Marisa relata que esse foi o pior momento de sua vida, porque as questões com o marido foram resolvidas com a separação, mas o filho ela precisaria levar consigo.

Esse filho me deu muito trabalho. Eu digo que eu não esperava [ele] chegar a essa idade. Na época eu não fiquei doente mental porque Deus não deixou, sabia que eu tinha mais três, mas olha, foram 31 internações, em 10 anos. Eu não sabia se eu trabalhava ou se eu cuidava dele. Eu tinha que dar remédio a ele para dopar. (...) Ele se tornou um rapaz enorme de forte. (...) Muitas vezes ele ameaçava, ameaçava acertar a minha cabeça com vassoura, o irmão... Esse pedaço eu não contei, esse pedaço foi horrível na minha vida. Dez anos horríveis. Porque quando ele estava atacado era: ‘a senhora quer ver como eu arrebento a sua cabeça?’ Quando ele estava bom era: ‘mãe, a senhora é a melhor mãe do mundo’. Mas quando ele estava atacado... Era uma coisa horrível. (...) Então esse pedaço da minha vida foi o pior que tem, porque, por causa do marido, deu pouco tempo e nós separamos (M85).

Em dois momentos durante a entrevista aponta para o casamento com o marido, que aconteceu muito jovem, como um fator que, de certa forma, rompe com a felicidade que foi sua infância. O primeiro tema abordado por ela foi a não continuidade dos estudos: “*8ª série e parei. Eu ia continuar os estudos à noite, mas até isso... Esse traste [o marido] impediu isso tudo, né. Se eu não tivesse casado tão depressa, poderia estar bem melhor do que eu estou*” (M46). O segundo momento é quando fala sobre seu gosto por cantar, função que atualmente exerce na seresta do Abrigo.

Eu lembro que me perguntavam assim, gosta de cantar? Desde garota, nós tínhamos um teatrinho em [nome do bairro]. Tinha o teatrinho, e tinha a música e tinha peça teatral. Nós fazíamos esquete. Nós tínhamos até um ensaiador, um morador de [nome do bairro]. Por isso que eu digo que a minha vida de mocidade, até conhecer aquela, com o perdão da palavra, porcaria de marido, olha, minha filha... (M101).

Separou-se do marido com ajuda do irmão, após sucessivas situações de violência, segundo ela causadas por ciúmes, enquanto estava grávida do segundo filho. Criou sozinha as duas crianças, trabalhando em três profissões, em momentos distintos: como cobradora de ônibus, cozinheira de restaurante e cuidadora de idosos. Mais tarde conheceu seu segundo companheiro, com quem teve outros dois filhos, 10 anos após o segundo filho. Este marido faleceu quando ambos estavam com 50 anos e de lá para cá não se relacionou com mais ninguém.

Relata uma relação bastante próxima com os filhos e netos. Inclusive, mudou-se durante algum tempo para outro estado, onde ajudou o filho caçula a cuidar da filha recém-nascida quando de sua separação com a esposa. Viveu lá por oito anos, quatro deles em uma instituição para idosos. Aponta diferenças e aproximações entre a instituição em que esteve anteriormente e o Abrigo em que vive hoje.

Eu fui lá passear nesse lar, esse tal de [nome do lar], e lá é uma coordenadora, nem tem esse negócio de presidente, nem de enfermagem não. Tem só as casinhas. Meio salário, faziam cada um com seu banheiro, e o resto do salário eles gastavam. O portão aberto, nada de porteiro, né... Um lar mesmo. A coordenadora aceitava muita doação. Tinha duas cozinheiras, duas faxineiras. Fiquei lá quatro anos. É por isso que quando eu cheguei aqui e queria [uma vaga em ILPI]. (...) Aí esse tal de [nome do lar] era uma maravilha, que você entrava pra dentro do seu quarto, fechava a sua porta, as cozinheiras preparavam garrafinha ou de café ou de chá pra gente levar, tinha o nosso refeitório enorme, saía também... Ônibus especial pra gente passear, igual aqui (M82).

Com o falecimento do filho, voltou para sua cidade de origem com a neta de quatro anos, e morou com a sobrinha até conseguir uma vaga em uma instituição. No entanto, esta era clandestina. Levou um mês para conseguir contato com os familiares, que conseguiram encontra-la e tira-la do lugar. Voltou a morar sozinha em uma comunidade em município próximo ao que morava, até que conseguiu uma vaga no Abrigo. Marisa aponta que buscou o Abrigo por dois motivos principais: segurança e acolhimento. Com relação à segurança aponta que

Estava muito perigoso, na época, ali perto [de onde morava]. (...) Tinha um camarada lá, um rapaz, que ficava no meio de um matinho assim, mexendo. Se eu ia lá e sentava um pouquinho na varanda e quando eu sentava na varanda um cadinho pra dar um ar, imediatamente eu tinha que entrar e fechar a porta, que ele ficava de lá assim, mexendo comigo. ‘Mulher bonita quem é que não quer, quem é que não gosta’ [cantando], ele cantava. E eu ficava com medo. Via sempre a cara dele no meio do mato. E eu pensava, um dia ele pula esse muro, pois era tudo aberto, a varanda, pula esse muro e vem aqui e me ataca (M18, M20).

Já, com relação ao acolhimento, discorre sobre não querer “*atrapalhar*” os familiares.

Eu disse que **eu quero morar num asilo**, porque eu não queria morar mais com a família. Não que com a família seja ruim, eu acho que eu não gosto de atrapalhar. Eu tenho dois filhos, todos os dois estão casados, e todos os dois só têm a esposa, não têm mais filho pra cuidar. O caçula diz mãe, eu faço um quarto pra senhora aqui em cima, todos os dois são casados, e eu digo não, tem laje com banheiro e tudo, mas eu digo não, eu não quero atrapalhar a vida do casal. Às vezes o casal quer brigar um pouquinho, né, e a gente, sogra, se mete. Eu não vou me meter né? Eu já saí da casa pra não me meter na vida da sobrinha e da neta que eu trouxe. (...) **De forma que eu vim para aqui por isso**. Eu voltei lá [na Assistência Social] e falei, olha, lá aconteceu isso, assim e assado, e agora eu quero que vocês achem um outro lugar pra mim. Eu tenho vontade de ir pro Abrigo do Cristo Redentor, que há muitos anos que eu já conhecia aqui (M29).

Ao falar da sua própria sogra, com quem não teve uma boa relação, aponta novamente para o motivo que a faz não querer morar com os filhos.

Por isso que eu não gosto de ser sogra, não gosto agora, hoje em dia, de bancar a sogra. Porque eu posso ser uma sogra boa e posso também querer me envolver. Digamos, estão brigando. Se uma mulher quisesse maltratar o filho, a mãe não defende? Ou vice-versa? Mas a minha nora é boa, é gente boa. Ela tem lá o geniozinho dela ué, mas não é melhor ela lá e eu cá? Então pronto. Eu acho assim, eu penso assim (M63).

Com essa fala emenda a opção pela institucionalização: “*por isso que eu digo, aqui dentro eu tenho tido mais distração na vida, **mais liberdade**, e mais assim, penso menos, que não preciso me preocupar com nada com família... Eu já preocupei muito com família, demais*” (M63).

Essa noção de ter “mais liberdade” é central na fala de Marisa. Ao longo de toda sua entrevista ela volta para a ideia de que tem do Abrigo: ele é um local em que ela está porque quer e porque sabe que se quiser não estar mais, pode ir embora. É por isso que habita a ILPI com prazer. “Liberdade”, conforme ela entende, é significante de destaque em sua fala quando aborda o Abrigo e a institucionalização. O papel central

ocupado por esse significante em sua vida está no fato de que o Abrigo não se compara, em nada, com uma privação de liberdade. Ao contrário, normas claras pontuam a possibilidade dos residentes transitarem, irem e virem no Abrigo, desde que tenham condições para isso e sejam liberados pela equipe técnica, o que diz respeito ao residente apresentar condições de transitar sozinho pela rua, por exemplo. Da mesma forma, horários de entrada e saída devem ser respeitados e, em casos especiais, acordados diretamente com a equipe técnica, para que a medicação, já que vários fazem uso dela, possa ser organizada. Esse contrato é formal, assinado na entrada do residente na instituição, que mantém uma cópia consigo.

Freud (1930/1996) aborda essa noção de liberdade em *Mal-estar na civilização*. O autor considera que a liberdade não é um conceito inato à civilização. Ao longo do desenvolvimento da civilização foi preciso estabelecer limites a ela, até mesmo para que a vida fosse possível de forma organizada. Em outras palavras, à civilização, nem tudo é permitido. O desejo de liberdade pode ser favorável para o desenvolvimento da civilização tanto quanto base para a hostilidade. É necessária atenção, uma vez que o homem tende a reivindicar sua liberdade individual mesmo contra a vontade do grupo. O que nos interessa, no entanto, com relação aos estudos de Freud sobre a liberdade do homem é o que ele aponta acerca do conceito de “acomodação”.

Freud (1930/1996, p. 21) declara que “grande parte das lutas da humanidade centralizam-se em torno da tarefa única de encontrar uma acomodação conveniente — isto é, uma acomodação que traga felicidade — entre essa reivindicação do indivíduo e as reivindicações culturais do grupo”. Levando em conta um contexto microssocial, Marisa parece encontrar no Abrigo a acomodação conveniente que busca neste momento da vida, no qual os filhos foram criados e têm as suas vidas, assim como as netas, que inclusive ela ajudou a criar. Ela tem total clareza de que não é obrigada a estar na ILPI e que pode, caso decida, sair e procurar outro lugar para morar. Pontuações com relação a isso têm destaque em sua fala, nos trechos:

Ela [se referindo à senhora de que alugou a casa em que morava] falou ‘Marisa, agora tá bom pra você voltar’ e eu falei, não, eu estou bem onde eu estou. Tem que pensar muito bem antes de ir. Porque não tem motivo pra sair daqui. **Tem saída, né? Tem liberdade** (M23).

A palavra abrigo soa melhor do que asilo, né? Antigamente se falava muito em asilo, mas asilo era uma coisa muito complicada. Eu, mais nova, cheguei a ir num asilo visitar alguém, mas sei lá, era muito diferente. **Eu acho que aqui existe muito lazer, existe além da liberdade, existe os laços também de vão construindo**, né. Da comunidade (M34).

Por isso que eu digo, **aqui dentro eu tenho tido mais distração na vida, mais liberdade, e mais assim, penso menos, que não preciso me preocupar com nada com família**. Eu já preocupei muito com família, demais (M63).

M83: Aqui agora, você perguntou também sobre aqui, né? **Ah, essa liberdade que eu tenho, a gente sai muito. Tem muito lazer também, muito passeio**. Muitas vezes eu que recusei.

T81: Mas você tem essa oportunidade, se você quiser ir.

M84: Quer dizer, **eu sei que se eu quiser ir, eu posso**. (...) Eu vim por livre e espontânea vontade. Ninguém me jogou aqui, ninguém me trouxe enganada, **se eu quiser sair, no momento em que eu quiser sair, é só chegar no escritório** e dizer, olha...

Mudou muito, porque depois de mais idade, **depois de estar aqui, eu tenho mais chances de liberdade, de ação, de lazer, e tudo, e eu não tenho mais assim, compromisso com nada**, com... Não que eu não tenha com filho e neto, mas eu não tenho mais compromisso como eu tive anos e anos, porque criar quatro filhos homens não é fácil, e trabalhando! (M85).

Essas falas de Marisa com relação ao Abrigo como sinônimo de liberdade são de suma importância para pensar a questão das amarras institucionais e de como a noção de “poder ir e vir a hora que quiser” faz diferença em um processo de institucionalização. Mesmo que o sujeito não tenha condições reais de ir e vir, parece ser importante para ele saber que isso é possível. Transitar é uma palavra significativa na relação construída entre Marisa e o Abrigo, pois ela o habita, mas, acima de tudo, transita pelo espaço institucional. Deixa-se alienar por ele, mas não se sente sufocada com a restrição, trazendo as considerações de Lebrun (2009) sobre a institucionalização. E não transita apenas como residente, mas também como alguém que desempenha algum papel ali dentro, mesmo que seja apenas o de residente. Um papel que cabe a quem tem a possibilidade de sair, se assim o desejar.

Por fim, questionamos Marisa acerca de sua compreensão sobre os termos “idoso”, “velho” e “velhice”. Quanto ao idoso, questiona a legislação vigente, que classifica toda pessoa com a idade de 60 anos como idosa, uma vez que relaciona o “idoso” à pessoa que “*chegou numa certa idade*” (M92), a dos 60 anos. Para demonstrar isso, selecionamos os fragmentos:

Eu acho que idoso pra mim é quando ele já não pode mais... Não é pela idade tanto assim não. **É quando ele já não pode fazer o que fazia antes**, o que fazia com facilidade. Que agora já não permite fazer a mesma coisa que fazia anos antes. Então, aí sim, pode ser chamado até de idoso, mesmo assim, eu (...) não acho uma palavra muito adequada pra certas pessoas, não. (...) **Já me vejo como uma idosa, porque tenho a idade que eu tenho**. Então eu considero o idoso assim, de acordo com a capacidade que tem de fazer o que ainda pode fazer. Porque quando deixar de fazer aquilo que ele fazia antes, que ele não tiver mais possibilidade, aí ele já pode ser considerado idoso. Eu por exemplo, uma pessoa de 80 anos é idosa, né? De 70 é idoso (M93).

Tem pessoas que chega a 100 anos e que é idoso sim, por causa da idade, mas ele tem toda a lucidez ainda, né? Isso que eu fico imaginando... Conforme, a [diz nome de colega] (...) é uma pessoa que passou por tudo isso e tá viva aí né? Ela é uma idosa a beça, uma idosa que chegou a isso tudo aí, uma idosa mesmo com letras graúdas mesmo, porque ela aguentar tudo isso... (...) **Eu considero idoso de acordo com a capacidade que ele tem ainda pra fazer, poder fazer** (M94).

Ou seja, associa o idoso àquela pessoa caracterizada pelas políticas nacionais, aquela que tem “60 anos de idade ou mais” (BRASIL, 1994; 2004), mas acredita que essa caracterização “*não é muito adequada*” (M93) e “*não é para todos*” (M93).

Outra fala sua remete ao registro R-S-I laciano (LACAN, 1972-1973/1985). Quando Marisa diz “*já me vejo como uma idosa, porque tenho a idade que eu tenho*” (M93) ela parece se submeter à inscrição do Imaginário: entende-se como uma “idosa” do ponto de vista daquilo que seria esperado para si, uma vez que chegou à idade que tem, os seus 80 anos. Talvez busque alguma unidade para entender-se enquanto idosa nesse registro, mas não o encontra no olhar do Outro, pois ela não se “sente” assim, conforme afirma em outros momentos da entrevista. “*Tem pessoas que chega a 100 anos e que é idoso sim, por causa da idade, mas ele tem toda a lucidez ainda, né? Isso que eu fico imaginando...*” (M94). Ela se apoia nesse outro que lhe diz que apenas é capaz de “ficar imaginando”.

O idoso em si, para ela, ainda parte de um Real, de uma pessoa que não existe porque não consegue ser simbolizado por Marisa. Permanece, então, impenetrável a ele. Nesse sentido, a linguagem não fornece elementos suficientes para Marisa para que ela possa de alguma forma se sentir representada no Outro ao tratar do “idoso”, conforme se esperaria que acontecesse sob a ótica do registro Simbólico.

Comparando o “idoso” com o “velho”, Marisa introjeta a referência do idoso amparado nas políticas nacionais para a população com idade superior a 60 anos (BRASIL, 1994, 2004) e diferencia-o do “velho”, conforme visualizamos no fragmento M98.

O velho é uma coisa que já, poxa, é uma coisa que ah, tá velho, joga fora! Eu acho que o idoso é diferente da palavra velho. Pra mim o velho já tá na hora até de... Meu filho, quando eu dizia assim, ah, eu já tô velha pra isso, meu filho dizia, mãe, **velho é trapo**. Velho é trapo. **Então, quando eu considero como idoso, eu não considero como velho, não. Eu considero que velho é quando já tiver num momento até de partir, de descansar**. Porque tem idoso que ainda faz muita coisa, que tem mais capacidade do que muito novo. Mentalmente, não só fisicamente. E fisicamente também, tem muito idoso que faz muita coisa que muito jovem não pode mais fazer, por problema mesmo, até que acontece. (...) Então eu acho que velho é uma coisa e idoso é outra (M98).

Conforme Marisa, enquanto o idoso ainda pode fazer diversas coisas, o velho espera *“um momento até de partir, de descansar”* (M98). Ao contrário, o idoso parece um “estado de espírito” mais jovem: *“tem idoso que ainda faz muita coisa, que tem mais capacidade do que muito novo. Mentalmente, não só fisicamente. E fisicamente também, tem muito idoso que faz muita coisa que muito jovem não pode mais fazer, por problema mesmo, até que acontece”* (M98). Sua fala remete à noção de que o velho se torna alguém cindido pela vivência da liberdade, conforme entendida por Freud (1930/1996) que ela, enquanto apenas idosa, pode viver.

Por fim, quando tratamos da velhice, sua visão é bastante positiva ao falar da própria velhice, mas pontua que ela pode tanto ser boa, quando vinculada ao conhecimento adquirido e experiência acumulada; quanto ruim, quando atrelada a problemas de saúde.

Velhice é uma coisa boa. **Velhice é sinal de que a gente já tem bastante experiência da vida, né? A velhice, quando chega, já chega porque nós já conhecemos tudo que tinha pra conhecer, que tinha que passar**. Então dá pra considerar a velhice pra algumas pessoas é uma coisa boa, que pode lembrar até, se tem cabeça pra pensar, no que teve de bom. Eu, de vez em quando, deitada eu penso naquelas partes que teve boas, naquelas que me fazem feliz e tudo o que eu lembro dos meus irmãos, da minha casa... Tudo isso. Então velhice pra mim, agora, é pensar também naquilo tudo o que eu já fiz, que eu passei, de bom e de ruim, lembrando sempre o de bom e o melhor. Eu acho que velhice é assim. **Pra alguns, a velhice já é mais um problema de saúde também, né?** Então isso aí é irregular né? Então a minha resposta é essa. **Velhice é uma boa parte da vida que a gente relembra tudo o que já passou e que agora não pode mais viver, mas pode lembrar** (M104).

Ela consegue relativizar, conforme velhices distintas a serem vividas pelos sujeitos. A sua velhice, boa, se deve, segundo ela, a uma vida bem vivida: a infância e juventude foram vividas intensamente e ela se considerou muito feliz. Depois, quando casou, passou por momentos difíceis, mas logo se separou do marido, embora tenha precisado passar pela difícil situação de ser mãe de um filho com transtorno

psiquiátrico. Apesar disso, casou-se novamente e teve outros filhos, todos muito esperados. Por fim, a vida no Abrigo lhe permite a liberdade de ir e vir mantendo o contato com seus familiares.

Marisa se sente uma pessoa realizada, então *“tem horas que eu penso, Deus, se o Senhor quiser me levar hoje, eu morro feliz, entendeu? Por quê? Porque os filhos que restam estão aí, com suas famílias, os netos estão aí”* (M107). Ainda, fala sobre a bisneta que poderá dar-lhe um tataraneto: *“se eu for tataravó eu morro mais feliz ainda! Porque na minha família não teve tataravô. Teve bisavô, mas não teve tataravô. Mas como não teve também ninguém com 80, eu penso, será que eu vou ter esse privilégio? Então eu espero alguma coisa da vida, não espero? Mesmo aqui dentro. Aquele muro ali, pra mim, não significa nada. Eu posso colocar uma cadeira ali, sair e voltar depressa (risos)”* (M108).

Ou seja, embora a idade avançada, Marisa tem expectativas e espera situações que pode viver, ainda, em sua vida. De alguma forma ela constrói para si e é assim que se relaciona, com uma velhice que tem continuidade. Parece que há algo permeando a sua existência que, conforme declarou Messy (1993) ao pensar na velhice em termos de perdas e ganhos, a ajudaria a manter as aquisições e os danos decorrentes da sua velhice mais ou menos equilibrados.

Já, com relação à última pergunta da entrevista, Marisa acredita que viver a velhice dentro e fora de uma instituição tem diferenças. *“Para alguns diferença melhor, pra outros diferença pior”* (M106). Aprofunda na questão relatando que está bem como está e neste momento traz em voga a noção de “liberdade”, conforme já apontado, e verificado no fragmento: *“pra mim eu tô achando bom, quer dizer, se eu sair daqui e viver uma vida melhor do que aqui, se Deus ainda quiser e me der essa chance, eu viverei. Mas eu acho que como eu estou, eu estou bem”* (M107). Mais uma vez ela ressalta a proporção que saber que pode escolher assume em sua vida na ILPI.

Com base na fala de Marisa, podemos salientar a importância da noção de “liberdade” se fazer presente em sua vida, e de saber que têm outras possibilidades, caso deseje mudar de vida, no momento em que for. Sem dúvidas, o fato de optar pela institucionalização também faz alusão a esta mesma referência, que, ao que nos parece, sustenta a posição do sujeito de desejo – aquele que tem poder para escolher o que deseja para si. Por outro lado, conserva em si a expectativa da vivência de outras situações, logo, a velhice, embora seja reconhecida como a última etapa da vida, é

vivida na expectativa de futuro: os 81 anos que vêm chegando, a espera pelo tataraneto e a possibilidade de saída da ILPI, se assim o desejar.

Além disso, Marisa preenche seu dia a dia com atividades de que gosta e que também opta por fazer: ela participa de praticamente todos os passeios oferecidos pela ILPI, e recusa quando não os quer, assim como contribui com pequenos serviços de manutenção do local, ao auxiliar na vigia no banho e seleção de roupas das internas. Quanto aos últimos, *“eu considero isso uma ajuda. Eu não considero nem um trabalho”* (M71). Outra situação que gosta de viver, e faz para se distrair e manter a mente ativa, é responder a revistas de palavras cruzadas, com as quais relata que continua aprendendo. Por fim, outra participação importante na ILPI é ser membro da seresta. Organizada mensalmente na ILPI, a seresta é rotina para os moradores e envolve a participação de pessoas da comunidade.

Ao final, Marisa conclui a entrevista dizendo que

Eu vou vivendo esses dias todos com alegria e na espera de ter sempre dias assim, como esses. Sinceramente, é isso que eu acho, que eu penso. Mas é claro que eu tenho os meus dias... Não que sejam dias de depressão. (...) Aqui não, aqui eu tenho certeza, tenho fé em meu Deus, que depressão não vai me atingir nunca porque **eu tenho plena satisfação de saber que eu posso, de um momento para outro, mudar de vida, se eu quiser.** E se eu puder, né? Mas não estou almejando agora não. (...) A minha vida que Deus escolheu foi essa, então eu fui mais feliz na infância e na mocidade, do que muitas aí (M109).

Por fim, posso dizer que Marisa se “olha no espelho” e reconhece a imagem que vê como sendo sua e orgulha-se disso. Ainda não há um estranhamento daquilo que vê. Pode ser que algum dia haja ou, talvez, Marisa nunca se depare com o espelho quebrado, tendo inclusive, Messy (1993) descrito que muitas pessoas passam pela vida sem nunca terem chegado à velhice, e isso não tem necessariamente a ver com idade.

3.3.8 MONALISA E A INSTITUIÇÃO COMO PONTO DE REFERÊNCIA

Monalisa tem 89 anos e está no Abrigo há três anos. É uma das poucas residentes da instituição que está lá totalmente por seu desejo, e não por uma falta de opção. Embora se restrinja bastante ao seu residencial, saindo pouco e andando apenas pelas suas dependências, Monalisa é aberta a visitas, acolhedora, e recebeu o convite para a pesquisa com satisfação. Aceitou responde-la no mesmo momento do convite.

Como mora do residencial particular, tem um quarto individual, onde nos convidou a entrar e sentar. Seu quarto é bastante mobiliado, com móveis, mas também decorado com outros adereços, como fotografias, bibelôs e flores. Esse é um ponto importante de ser levantado: diferentemente da maior parte dos residentes do Abrigo, Monalisa não vive uma vida coletivizada e tem seu espaço organizado conforme seu estilo pessoal. Em outras palavras, é possível que, para ela, a institucionalização não tenha significado um corte abrupto com a rotina, pois mesmo que precise se submeter a normas rígidas de horários, preserva um espaço de referência, apenas seu. Isso poderá ser abordado posteriormente, com seus relatos sobre o contato com o mundo externo à ILPI.

Para iniciar a entrevista, sentou-se na cama e ofereceu-me a poltrona. Sorria muito e também ria de situações que contava. Muito disposta e preocupada com expressar de forma clara o que gostaria de dizer, mostrou fotografias de sua infância e de familiares. Em alguns momentos perguntou se o que respondeu era suficiente ou se eu havia entendido. Embora a idade avançada, Monalisa apresenta fala fluida e organizada temporal e estruturalmente (constrói sentenças claras e encadeadas entre si). De forma clara, ela manifesta o que gosta e não gosta, assim como o que deseja e seu posicionamento diante de distintas situações. Esses apontamentos serão ilustrados a seguir.

Quanto à chegada na ILPI, contou que a conheceu pela sobrinha, quando buscavam uma casa de repouso para idosos, um local em que ela poderia ser melhor cuidada do que em casa, uma vez que morava com a sobrinha e seu esposo, mas como estes trabalham e passam a maior parte do tempo fora, quem a acompanhava eram enfermeiras, 24 horas por dia. A idosa relata que o alto custo desses cuidados, assim como o desejo de não “atrapalhar” a vida do casal, foi o motivo que partiu dela mesma para a busca por uma instituição.

Monalisa faz parte do pequeno grupo de pessoas que chega a uma idade avançada e que, embora não tenha pessoas próximas disponíveis para cuidar de si, tem condições de optar pela institucionalização em uma instituição paga. Nesse sentido, retomo o fato de que, embora o Abrigo do Cristo Redentor seja uma instituição filantrópica, um dos residenciais do local é destinado aos residentes que pagam pelos serviços usufruídos de forma particular. Estes têm quartos individuais ou duplos e recebem alimentação e assistência no próprio residencial.

A realidade de Monalisa é muito similar às observações de Camarano (2011) quanto ao perfil dos residentes de ILPIs no Brasil. No entanto, como Monalisa não possui cuidadores familiares em casa e precisa manter uma pessoa integralmente para acompanhá-la nas atividades do dia a dia, mantê-la em casa torna-se muito dispendioso, então ela pode optar pela instituição paga. Isso é relatado no fragmento MO15.

Como é que conheci? Não fui eu que conheci, foi a minha sobrinha. Ela andou indagando **qual era uma casa melhor pra pessoa repousar, que ela não podia ficar comigo**, ela é advogada e trabalha na prefeitura de [nome da cidade]. Ela não tinha tempo pra nada. E não tinha e não tem, continua não tendo, então **ela não podia olhar por mim**. E ela ainda fez assim, botou uma pessoa de manhã, até a noite; e a noite outra, pra ficar comigo de noite. **Era muita despesa pra ela também**, então, **para ela, botar-me aqui se eu quisesse, eu vim porque eu quis**. Pra ela era melhor porque não me faltava nada e eu estava sendo bem tratada. Ela se informou que aqui era muito bom e me trouxe aqui (MO15).

Tanto os cuidados na ILPI são satisfatórios para Monalisa que ela considera a ILPI como sua casa, como relata no fragmento: *“eu disse a ela, olha, não vai sábado nem domingo me visitar, pra aproveitar a tua casa. E quando puder vais lá em casa. Chegas em casa, telefona. E assim ela vem, vou com ela até lá fora, ando com ela. Ela vai embora, eu venho pra dentro”* (MO28). Com esse fragmento, mais uma vez percebemos a manutenção de uma vida anterior à institucionalização. Monalisa não é deixada na ILPI, é acompanhada pela família com que morava e consegue sustentar uma vida também similar àquela que levava anteriormente. É visível a satisfação da idosa com sua rotina atual, que de nenhuma forma pode ser aproximada da vida institucional quando remetida à metáfora da Antígona lacaniana (1959-1960/2008), já apresentada.

Com relação à sua história pregressa à institucionalização, Monalisa não é brasileira. Começou a trabalhar muito nova, pois não gostava de estudar, e para ajudar os pais. Diz que *“eu tampei o estudo porque eu não dava pra estudar, então eu fui trabalhar, ajudar os meus pais também, né?”* (MO2). Começou a trabalhar aos 13 anos, com fabricação de malhas. Porém, quando veio para o Brasil, estava casada e não trabalhava fora de casa. Ela e o marido mudaram-se juntamente com o irmão do marido e sua família para o Rio de Janeiro. Moraram sempre todos juntos. Quando o marido faleceu, ele com 56 anos e ela com 50, continuou morando com a família do esposo, sendo cuidada por todos, e é esse seu círculo de relações atual.

É porque onde ela [a sobrinha] mora, a casa é dela. O pai dela, quando veio aqui com a gente, ele tinha 10 anos, e ele está com 72. Então ele é uma pessoa que também prometeu ao meu marido, cuidar de mim. Se ele me faltasse um dia, cuidar de mim. Então ele tem uma namorada, a namorada, tem uma mulher, né? De vez em quando ela vem me visitar. Eu, quando vou na casa dessa minha sobrinha, que às vezes eu vou lá, eu estou com ele também, ele vem aqui me visitar (MO26).

Embora tenha tido muito contato com seus familiares fora do Brasil, pois voltou anualmente durante muitos anos até não se sentir mais a vontade para viajar; optou por continuar morando no Brasil, onde seu principal contato é a sobrinha, que a visita com frequência e compra-lhe os medicamentos e qualquer coisa que queira ou precise. A sobrinha também a convida para passar finais de semana e dias festivos com ela, mas Monalisa nem sempre está disposta, pois relata estar acostumada com suas coisas e gostar de ir e passar o dia, mas voltar para dormir.

Me acostumo, por exemplo, eu durmo aqui, durmo bem. Se eu vou pra outro lugar eu já fico... A minha sobrinha veio ontem que queria, quer, que eu vá passar o natal com ela. Eu disse, só vou no dia. Não vou na noite, pra não dormir lá. Aí ela achou, ah, mas na noite... Eu disse, não, vai dar muito trabalho. Não vou não, vou no dia. Vem me buscar, que eu vou. Ficou assim (MO25).

Uma questão que chama atenção na fala de Monalisa é o que entorna a noção de “cuidado”. Ela relata que foi e é cuidada pelos familiares do esposo, quando este faleceu (MO26) e ela ficou sozinha, assim como dentro da ILPI sente necessidade de “cuidar” dos demais. Ela parece espelhar esse jogo de relações e se identificar com o que vê no espelho. Não falo de velhice, neste momento, mas algo que a estrutura como sujeito. A noção de alteridade pode trazer uma boa reflexão quanto a isso.

Alteridade, em Freud (1915/2004), tem relação com a pulsão, uma espécie de alteridade que vem de dentro e que perturba o sujeito, uma vez que é atravessado pela realidade externa. Essa realidade externa compreende aquilo que nos falta enquanto sujeito. Se buscarmos uma referência lacaniana sobre o conceito, precisamos trazer à tona as explicações já feitas acerca do registro R-S-I (LACAN, 1972-1973/1985). A ideia de alteridade traz consigo a noção de que o outro é um elemento constitutivo do sujeito e que, por conta disso, estabelece uma relação particular com ele, a qual está inscrita em maior ou menor instância no Real, no Simbólico ou no Imaginário. Birman (1997) também aborda o conceito fazendo referência a Freud com relação ao eu e o inconsciente. O eu, constituído pela alteridade, exige um grande esforço do ponto de

vista imaginário para organizar as relações com os objetos. Nesse sentido, o sujeito encontra alívio ao equilibrar-se instavelmente em uma relação dialética na qual o sujeito se produz e reproduz tendo por meio as pulsões e o outro. Monalisa parece colocar-se nesse entremeio do cuidado: ela existe entre o eu e o outro. É objeto de cuidado, mas ao mesmo tempo produz-se enquanto sujeito no cuidar do e com o outro.

Ainda com relação ao “cuidado”, relata ter um “*coração grande*” (MO18), o que a faz sofrer, pois gostaria de fazer pelas pessoas coisas que não pode, inclusive algumas vezes indo contra as normas da ILPI, como querer ajudar outra interna e ser chamada atenção pela psicóloga da instituição. Ela poderia se machucar ou machucar a outra idosa ao tentar ajuda-la. Nesse sentido, relata exemplos de situações distintas:

O que ela precisasse de mim eu ia fazer, e eu não pude fazer. Eu fui chamada três vezes, que eu não podia fazer aquilo. Sabem que era o coração grande que eu tinha e que eu fazia de boa vontade, mas é praxe da casa, eu não podia fazer nada. Porque podia cair por cima dela, machucasse ela e eu e quem era a responsável era a casa, então proibiram (MO18).

Ela tinha enfermeira, né? Mas a enfermeira vestia, arrumava e levava para a sala, mas esquecia os óculos. Estava frio, queria um casaco. Era essas coisinhas que eu ia buscar, só. Mais nada (MO20).

Ela falava pra mim, pode ir buscar o meu casaco? Eu estou com frio. Vou, e eu ia. E sabia que não podia ir buscar, mas também não queria dizer que não. Aí eu ia. De vez em quando eu era chamada, que não podia fazer aquilo [risos] (MO21).

[risos] Então eu agora me afasto pra não ter o mesmo problema. Mesmo porque eu me agarro muito com a pessoa e depois também fico sofrendo, né? Como eu sinto falta dela [residente que deixou a ILPI] (MO22).

Hoje, ela prefere se afastar a sofrer com estar perto e não poder ajudar, o que “bagunça” de alguma forma a relação de alteridade que estabelece entre si e o outro quando é atingida pela realidade, conforme já vimos com Freud (1915/2004). Inegavelmente precisar reprimir essa via de desejo a faz sofrer, mas ainda assim é algo que consegue lidar e que, portanto, não lhe impossibilita a vida.

Quando questionada sobre o dia a dia na ILPI, aponta ser “*uma vida normal*” (MO28). Fala novamente sobre a importância de ajudar as outras pessoas no que puder fazer.

É assim, meu dia a dia é isso assim, vou pra aqui, vou pra ali. Ó, estou à espera de uma moça que deixou isso guardado e o genro vem buscar, aí tô de olho que ele não me conhece, quando vem buscar, que ela é faxineira aqui. E a mesma coisa... Se eu puder fazer uma coisa qualquer, eu faço (MO23).

Monalisa recebe visitas frequentes dos familiares. A sobrinha a visita semanalmente, às vezes mais de uma vez, e o cunhado acompanhado da esposa também a visitam. Ela sai pouco por opção sua, gosta de ficar “em casa”.

T24: A senhora costuma sair também da instituição? Sai daqui de dentro do Abrigo, vai pra casa de outras pessoas...?

MO24: Ah, **se seu quiser ir, posso ir.**

T25: Mas a senhora vai?

MO25: Não, não, resolvi não ir pelo seguinte: me acostumo, por exemplo, eu durmo aqui, durmo bem.

A institucionalização como opção é a posição de Monalisa. Mas, além disso, em sua fala também ressalta a possibilidade de ir e vir que a ILPI possibilita, posicionamento muito similar ao já apresentado por outra entrevistada, Marisa. Quando pergunto “*hoje, você diria que estar no Abrigo é uma escolha sua? A senhora escolheu estar aqui?*” (T27), ela responde: “*escolhi. Eu cheguei aqui, gostei daqui, é, gostei. Bem estou*” (MO27). Seria a possibilidade e por consequência a não-obrigatoriedade de estar ali algo capaz de tornar o processo de institucionalização mais confortável para ela? Levanto a hipótese de que sim. Considerando o que discorre Lebrun (2009) sobre as instituições, se estas podem tanto estabilizar e ordenar quanto reprimir os sujeitos em seus desejos e anseios, Monalisa transita por essas possibilidades da ILPI de forma bastante adaptada. Ela não parece sofrer com isso e faz da rotina institucional uma rotina estruturante. Ali ela encontra o alento de um lar sem precisar recorrer às pessoas que ama o tempo todo. No entanto, vive sob a segurança de continuar sendo amada por eles. Retomando Birman (1997), ela encontra um certo equilíbrio que a mantém em pé enquanto se produz e reproduz como sujeito do desejo, de si e para o outro. Ou, conforme Mucida (2004), ela sente que é importante e que faz falta.

Em seguida, investigamos junto a Monalisa o que pensa sobre o “idoso”, o “velho” e a “velhice”. Quanto à primeira pergunta, teve dificuldade em responder. Talvez pela diferença de língua, talvez por não ter compreendido o que queria que ela dissesse ou mesmo por nunca ter pensado em uma definição para “idoso”, ela não conseguiu responder. “Idoso” atravessa Monalisa no campo do Real ou não conseguimos acessá-lo no outro enquanto significante constituinte do campo do Imaginário ou do Simbólico?

T29: Bom, a gente está aqui numa instituição, que é uma instituição para idosos, né? Quem é o idoso pra você?
MO29: Você quer que eu diga o quê?
T30: Quem é o idoso, o que significa idoso pra você, essa palavra, idoso.
MO30: Quem é quem?
T31: O idoso.
MO31: Huum.. Não tenho a menor ideia.
T32: Não? Mas entendeu do que estou falando? A gente está em uma instituição para idosos, certo? [pausa] Idoso pode não ser uma palavra reconhecida para você, né?
MO32: Não... **Não faz nada pra ninguém, não.**

Com relação ao “velho” é direta e sucinta: “*ah, velho é uma pessoa idosa que já viveu a vida e espera que Deus se lembre dele. É isso que eu penso*” (MO33). Aqui fala da “*pessoa idosa*”. Seria, para ela, diferente do idoso? Infelizmente só atentei para esse detalhe em sua fala após minha saída da ILPI, não podendo retomar com ela. Se “idoso” talvez não lhe seja uma palavra com significado, a “*pessoa idosa*” sim. Já, quanto ao conteúdo dessa fala, Monalisa é bastante religiosa e em outros momentos faz referência a Deus como um alento e uma ajuda.

MO36: Mas eu não tenho que falar de nada não. Eu, graças a Deus... Olha, Deus foi tão bom comigo, que tem esse apego comigo, Deus foi tão bom comigo que ele me acode nas piores horas, que eu preciso e aí eu, ai, meu Deus, coisa que me acontece tudo bem, graças a Deus.

T41: E agora, continua indo a [seu país de origem] todo ano?
MO41: Eu ia todo ano, mas agora não vou mais, que agora custa muito andar. Até que eu era toda mexida, cuidava da minha bagagem, tudo. Agora não tenho paciência pra isso, agora não vou mais não. Só Deus é que sabe, mas não devo ir mais lá não. Eu fui... Desde que meu marido faleceu eu não faltei lá, eu fui lá mais de 20 vezes. O dinheirinho que eu ia juntando e tinha, pagava a passagem e ia. Agora não dá mais não.

MO46: É... Sempre fui feliz, graças a Deus, sempre fui. E continuo sendo aqui mesmo. Espero que não tenha mais nada, que eu vá quando Deus quiser. Mas acho que Ele já fez muito por mim, que me ajudou sempre muito. Qualquer coisa que eu tô, digo, ai meu Deus, ai meu Jesus, e ele me vai logo.

Para ela o velho é, portanto, aquela pessoa que percorre um dado caminho e chega ao final da vida aguardando a compaixão divina. Já a velhice está ligada com uma característica pessoal, a do “*resmunguento, do ranzinza*”, coisa que ela não traz para si. Abertamente, sequer traz para si o estatuto de “*velho*” ou de “*pessoa idosa*”. Ela dá a entender ao dizer que espera “*que eu vá quando Deus quiser*” (MO46), mas não se declara. Atribuiu esse estado ranzinza do velho como uma “*falta de educação também*” (MO34).

Na velhice, Monalisa busca continuar aprendendo por meio da observação. Aponta que repara nos defeitos dos outros para poder corrigi-los em si mesma, talvez mesmo uma forma de atualização do tempo para si. Conforme já abordamos em Freud (1915/1974), dada a atemporalidade dos processos inconscientes, por meio da linguagem é permitido que esse sujeito do inconsciente se reatualize na realidade e transite pelo tempo, não com relação a uma ordem cronológica da existência, mas sobre algo que não envelhece com o passar dos dias. Monalisa quer continuar sendo sujeito e isso parece, de alguma forma, ter relação com ser objeto de uma produção positiva do outro acerca dela.

MO34: Ah, velhice... Tem gente que é velha e é muito resmunguenta, se irrita e tem que ser aquilo. Eu não sou assim, não. Eu sei, às vezes, que as pessoas, que me perdoa até qualquer coisa, devido à minha idade, porque eu não tenho que dizer de ninguém, todo mundo me respeita, eu também não faço mal a ninguém. Se eu puder fazer o bem... Olha, já me disseram que eu não posso guardar aquilo aqui. Que isso ficará guardado lá embaixo. Mas eu não disse à pessoa nada, deixei ficar. Quando vier levar, leva. Não vem trazer outro porque digo, olha, não traz porque eles não gostam que traga. Mandaram levar lá embaixo, mas tudo numa boa, não... **Pra mim a velhice é falta de educação também. Porque às vezes acha que por ser idoso pode fazer e acontecer. Eu já não sou assim. Eu já vejo até os defeitos dos outros e procuro eu me, como é que vou dizer, eu me corrigir naquilo que eu estiver errada.**

T35: Então a velhice pra senhora está mais ligada a essa coisa mais ranzinza, é isso?

MO35: É. A pessoa fica mais enjoada, fica. Fica mais enjoada. Ah, é a idade, é a idade. Às vezes é. Outras vezes não, já é da pessoa né?

Chama atenção o destaque que Monalisa dá para a velhice como uma etapa que “qualifica” o velho, trazendo a ele alguns atributos específicos, com conotação negativa. Chamo atenção para uma fala específica. Ela diz “*que as pessoas, que me perdoa até qualquer coisa, devido à minha idade, porque eu não tenho que dizer de ninguém, todo mundo me respeita, eu também não faço mal a ninguém*” (MO34). A velhice seria também um momento de desculpar-se? O que é isso que a velhice traz e que precisa ser desculpado “*devido à idade*”?

3.4 UM TEXTO QUE SE PRODUZ NO COLETIVO

Quando alguém conta uma história, conta para si, mas também conta para os outros. E conta para que outros a contem. Por fim, na ponta de toda história há fios

tecidos por muitos uns e um fio tecido por muitos. Já dizia Artaud que há dez mil maneiras notórias de se recompor um corpo⁹. Nenhuma história é pura. Nenhuma história é construída fechada em si mesma. Em um espetáculo teatral isso também não é linear. As histórias, embora se mantenha um enredo mais ou menos fixo, se moldam a cada apresentação, se diversificam com cada público, se recriam com a troca de adereços cênicos, de figurinos, de atores.

Com base nisso, neste tópico da dissertação optei por tecer comentários e discussões gerais com base nas entrevistas individuais dos participantes da pesquisa. São, portanto, impressões acerca de algumas aproximações que percebo a partir de toda a amplitude e riqueza de material trazido com o processo de construção desta dissertação. Embora as importantes particularidades entre as pessoas com as quais trabalhei, algumas aproximações não podem deixar de ser notadas e é a elas que me reporto aqui.

Primeiramente, chama-me atenção o fato de que os idosos, em geral, falam pouco sobre a vida antes da institucionalização e se mostram mais abertos a abordar a vida no Abrigo. Esse me parece um dado significativo porque em outras experiências que tive, há maior tendência para se falar do passado. Talvez isso seja, realmente, uma tentativa de alimentar o ego, já que na velhice ele não é mais o seu próprio ideal, conforme já abordei com Messy (1993). Por outro lado, ao ouvir as narrativas que cada uma daquelas pessoas tinha para contar, dou-me conta de que o texto narrado por elas nem sempre é julgado pelo seu narrador como uma história bonita para se contar. Isso se exemplifica com Marisa, que apenas nos últimos minutos de uma entrevista muito longa se atreve a percorrer o sombrio caminho de recordar o quanto a vida foi difícil quando precisou lidar com o filho doente. Com Elton, se apresenta mais firmemente na recusa por falar sobre a família cujo contato se perdeu. De forma mais sutil, o mesmo acontece com Cássio, Jonas e Carolina. Estes últimos, embora não explicitem recusa em falar sobre a vida pregressa à ILPI, centram suas falas no quão positivo é viver hoje no Abrigo. Isso pode se dever a uma espécie de vínculo instaurado, o qual coloca para esses idosos a ILPI como um local em que vão para serem cuidados.

Jonas é claro ao explicitar a ILPI como um lugar em que tem não só abrigo, mas alimentação. Diversas vezes repete que tem comida em fartura e que pode se servir

⁹ Alusão ao poema “Post-Scriptum” publicado em *Eu, Antonin Artaud*.

quantas vezes quiser, em contraste com uma vida baseada em privações. O mesmo acontece com Francisco. Embora de outra ordem, a busca pela institucionalização é o meio de manter sua vida e ele não economiza palavras para dizer que é ela, a ILPI e os profissionais que ali se encontram, que cuidam dele e oferecem condições para continuar existindo – existência que diz sobre um corpo orgânico, mas também da ordem de uma existência psíquica e social. Na ILPI eles fazem-se sujeitos. Assujeitam-se, de alguma forma, às normas, às condutas esperadas, à coletividade de diversas situações que não preservam suas particularidades enquanto sujeito, conforme abordamos com Lebrun (2009). Mas, diante disso, encontram brechas para construir espaços particularizados. Nas palavras de Lacan (1966/1998), tal assujeitamento é fundamental para a constituição do eu.

Diante das diversas histórias contadas, sobressai a meus ouvidos a importância desses idosos compreenderem a ILPI como um lugar em que estão, fazendo uma diferenciação entre aquilo que são enquanto sujeitos. Há uma forte expressão da liberdade como via de acesso para a preservação de um sujeito do desejo, que emerge e se atualiza no dia a dia institucional. Isso que se ilustra pela fala “*tem saída né? Tem liberdade*” (M23). Principalmente no que diz respeito a Marisa, Celimar, Cássio e Elton, ter liberdade para transitar entre a ILPI e o mundo externo parece garantir suas existências enquanto sujeitos. Estar no Abrigo não parece ser vivido como uma privação de liberdade. “Liberdade” acaba por se tornar significativa no contexto em que vivem. Não uma liberdade baseada nos ideais iluministas, mas entendida conforme Freud (1930/1996) trabalhou. Uma liberdade atrelada à noção de “acomodação”. Ao que me parece, a forma como esses idosos se relacionam com a ILPI em que habitam, garante o encontro de uma acomodação que se torna suficiente para a existência, ou seja, encontram no Abrigo elementos que garantem a manutenção de sua existência, pelo abrigo em si, pela alimentação equilibrada ou apenas entendendo-o como um lugar para repousar.

Outra questão importante é que os idosos não se sentem sós. Eles mantêm relações dentro e fora da ILPI com distintos objetos significativos, sejam pessoas, artigos pessoais ou lugares que frequentaram muito: Elton continua indo à praça e aos bares a que sempre foi, assim como Cássio frequenta seus lugares de referência, Monalisa mantém as fotografias e as expõe com emoção, Marisa, Celimar e Francisco sentem-se vinculados a familiares e amigos, Carolina e Jonas sentem suas necessidades

supridas pelas relações que mantêm dentro da ILPI. Manter este vínculo, para eles é estruturante e diz de um sujeito que pulsa na relação com outros e que ali existe, se faz sujeito.

Não há, portanto, um apagamento do eu, nem uma relação forte de empobrecimento subjetivo. Diferentemente da tragédia da Antígona, trazida por Lacan (1959-1960/2008), mesmo que tenham sido de certa forma retirados da vida social, estão longe de sentirem-se condenados à solidão do subsolo. Ao menos não de forma tão evidente a ponto de que pudesse perceber em suas representações resquícios da eminência de uma morte subjetiva. Ao contrário, o sujeito do desejo pulsa. Assim se sustentam sonhos e anseios: da parte de Francisco é o encerramento de um tratamento de saúde, para Marisa é a chega do bisneto e da longevidade, para Celimar a saída do Abrigo para uma vida compartilhada com a irmã.

Isso me leva a crer que na velhice sim, pode haver sonhos. Há expectativas de futuro. Não se vê um fim por si só. Na institucionalização há, também, possibilidades de se respirar, de se continuar produzindo enquanto sujeito. Se outrora minhas experiências me mostrassem as ILPIs como um local em que dificilmente uma velhice “em vida” pudesse sobreviver, como muito abordei em outros trabalhos (BALDIN, MARCOLINO-GALLI, 2014), hoje há um pouco mais de esperança de que processos favoráveis possam ser construídos. Ao mesmo tempo, reconheço que preciso estar alerta para não abordar apenas uma “romantização” da institucionalização, ou mesmo defende-la. Mas reconhecer que aquilo que ouço por parte dos residentes do Abrigo que pesquisei, é fruto também de uma tentativa do sujeito manter-se autor de sua própria história e, mais!, apresentar uma história bonita de ser contada. Como trabalho com uma abordagem que valoriza a verdade sujeito, não questiono o que me é dito, mas deixo esses apontamentos para serem levados em conta.

No mesmo sentido, embora não me referindo especificamente às instituições e processos de institucionalização, ressalto também a importância do velho se autoafirmar enquanto sujeito. Quero dizer que por meio das falas dos idosos, percebo que eles veem o desinvestimento do eu no espelho do outro, sentem que com o passar dos anos se tornam menos investidos pessoal e socialmente. Uma tentativa de contornar essa visão tão dolorosa que têm de si é pela diminuição do outro: o pior é sempre o outro. Debert (1999) chegou a conclusões similares em seus estudos. Embora estejam no mesmo Abrigo, vivendo situações semelhantes, é comum que os idosos façam comparações

entre si e outros, justificando o outro como mais velho, como mais solitário, como mais abandonado. Jamais a si próprio. Tenta-se, com o direcionamento para o outro, manter a dignidade enquanto sujeito.

Nesse sentido é interessante atentar para as falas sobre “velho”, “idoso” e “velhice”. Efetivamente o velho acaba sendo sempre o outro. Comuns são os pronomes utilizados para referenciar os velhos: “eles” e “aqueles”. Todos os entrevistados, em algum momento, se referem a velhos como “eles”. Quando tratam do idoso, porém, ou referenciam o outro, ou assumem o conceito para si, mas apenas conforme os aspectos legais do idoso pela idade (60 anos ou mais). O velho e a velhice, em resumo, se referem àqueles que perderam o encanto pela vida, independentemente da idade. Estes são “o trapo”, os desacreditados. Muitas vezes a velhice e o velho estão ligados à dependência, física e psíquica. No Abrigo, a dependência física é mais visível, pois os cuidados são evidenciados tanto pela presença mais recorrente dos profissionais de enfermagem, quanto pela distribuição dos moradores nos residenciais, classificados por grau de dependência. Nesse sentido, a maior liberdade para ir e vir, sem depender de outros, é correlato à qualidade dos relacionamentos interpessoais. Os velhos, então, são os que têm mais dificuldades. São os idosos reclamões, mal humorados; e a velhice para eles é um estado de espírito que muitas vezes chega antes da idade avançada.

Mas mesmo entre os idosos mais independentes nem tudo são flores e envelhecer, em nossa cultura e no momento atual, pode ser visto como um crime. Quando Francisco se questiona sobre as coisas que aconteceram no mundo e em sua existência dentro de um piscar de olhos que ele não acompanhou, de forma mais ampla parece perguntar se pode ser perdoado por ter chegado à velhice. Ele parece solicitar absolvição por não imaginar que chegaria à velhice. *“Pode-se dizer que [se eu soubesse que] chegaria a esse tempo (F44) eu teria me preparado de uma outra maneira. Porque eu não sabia [que chegaria aqui] (F45)”*. Ele se desculpa por acreditar que poderia ter se envolvido mais com questões filosóficas que permeiam a vida e assim teria se “preparado” para estar velho.

T47: O que você acha que você faria diferente se soubesse que chegaria neste momento?

F47: Eu sabia que eu teria que ser mais, eu teria que estudar mais. O que é Universo. O que é o próximo. O que é a vida. O que é a juventude, o que é a sabedoria. O que tem mais benefício entre A e B. O que é se alimentar e o que é alimentação, o que é comer e o que é se alimentar, que tem uma diferença. O que é jovem e o que é adiante, o que é maduro. O que não é maduro, o que é precoce.

T48: Você talvez teria refletido mais.

F48: Me envolver... Teria refletido mais, me envolvido mais dos assuntos de mulher e de homem.

A fala de Francisco, de alguma forma, sintetiza um sentimento geral que muitos idosos têm de tentar justificar não ser mais, talvez, uma pessoa tão agradável, por conta da idade. Isso se exemplifica quando Carolina aponta para os idosos reclamões, mas que isso acontece “porque são velhinhos”, ou quando Celimar aponta para outro interno como velho, mas que preserva “um rostinho bom” – praticamente uma absolvição para o “mal da idade”. Monalisa também se desculpa por comportamentos que nem sabe se tem ou teve, mas que se os têm é porque chegou a “uma certa idade”. Elton e Cássio, por outro lado, buscam o perdão por envelhecerem com a tentativa de manterem-se ativos em sociedade, contribuindo com a vida coletiva, tendo acesso a meios sociais, mantendo seus vínculos fora da ILPI – são os jogos, a bebida, as saídas.

Ao refletir sobre a globalização e a velhice, Mucida (2004, p. 81) questiona-se “que novo é esse que faz à revelia de uma história e não pressupõe nenhuma posição nova do sujeito diante da vida?”. Essa é uma pergunta que precisamos nos fazer para compreender de forma mais profunda sobre o que se pede perdão ao envelhecer, sobre o porque da necessidade de tantas cirurgias plásticas e corretivas para desfaçar a idade real, o porque da busca por comprar estilos de vida jovens por parte de pessoas velhas, o porque da busca por tanto novo, sem antes perceber que o passado, o “velho” pode ser atualizado.

Por fim, para encerrar este capítulo, não posso deixar de levantar a hipótese de que nenhum dos idosos que compartilharam suas histórias comigo está morto simbolicamente. Ao contrário, por manterem vivos dentro de si desejos, sonhos, metas e perspectivas, são capazes de preservar algo de um sujeito que pulsa. Autores e atores de suas próprias encenações retratam a vida que transcende o palco de uma existência, permeando com características muito particulares toda a plateia, assim como as coxias e os camarins: eles narram e representam suas próprias histórias, mostram ao outro que há muito a ser dito, encenado, interpretado.

Considerações Finais

SOBRE O FECHAR DAS CORTINAS

Representar, em teatro, nunca é uma tarefa simples. Mesmo os veteranos dos palcos, a cada nova apresentação, sentem o frio na barriga, o incômodo e a ansiedade que permeiam a rotina na semana anterior a uma estreia, o medo de esquecer algo importante do texto, a preocupação com a produção, com a plateia, com a encenação fiel às marcas previamente acordadas. Em um espetáculo teatral, todos os envolvidos precisam estar sintonizados em uma mesma frequência, “esquecendo-se”, ou ao menos deixando de lembrar, de si mesmos quando abrem a outros a experiência de uma peça dramática.

O público, aqueles que vão ao teatro, vão com a expectativa de ver aquilo que o outro tem a mostrar. Esperam um espetáculo dramático que de alguma maneira envolva-os. Talvez, e talvez também seja este o motivo pelo qual eu tenha buscado profissionalmente o teatro, o motivo pelo qual as pessoas anseiam pela experiência dramática é que ela oferece de alguma forma elementos para a cura do homem. Artaud desenvolve toda a sua teoria em cima dessa crença. Ainda com relação a isso, tenho uma lembrança viva das aulas de Orientação Profissional, no 4º ano da graduação em Psicologia: líamos em sala de aula um texto de Rodolfo Bohoslavsky, no qual ele afirmava que todo profissional, ao optar por uma profissão, precisa elaborar o luto de todas as outras que deixou para trás, menos o ator. O ator é o único profissional que ao optar pela sua profissão pode viver todas as outras.

Naquele momento isso me tocou de um jeito diferente. Dizia a respeito de mim, enquanto estudante, que estava em um processo de escolha profissional ainda muito jovem e sem a certeza de que estava fazendo a melhor escolha. Mas dizia também sobre a minha indecisão por gostar de tudo o que fazia e o sofrimento gerado pelo fato de que eu não poderia ficar com todas as opções. Ainda hoje se trata de uma escolha difícil e que, percebo, não fiz.

Retomo tudo isso, no entanto, para concluir esta dissertação, porque desde o início de sua feitura assumi que se tratava de uma encenação. Nesta produção fui a diretora. Selecionei os atores que ao longo do ano de 2015 apresentaram suas cenas individuais. Feito isso, iniciamos um processo que em teatro é composto, tecnicamente, pela criação de um vínculo que permita o desenvolvimento de uma produção dramática.

Sucederam-se diversos encontros, coletivos e individuais, nos quais cada ator mostrou um pouco de suas particularidades, de sua compreensão sobre a vida, sobre o lugar em que vivem, sobre si mesmos e os outros. Trabalhamos ao longo de vários meses com um tema, sem propriamente um roteiro ser construído. Até que o momento de termos um roteiro aconteceu. Foi quando os encontros passaram a se basear em exercícios de encenação. No palco desta pesquisa se apresentaram oito atores, porém, junto a si, cada um trouxe outras tantas referências que nos serviram de base para o espetáculo em sua montagem final – embora nunca definitiva.

Todo nosso trabalho em cena consistiu em trazer símbolos (elementos não-concretos) que se tornaram imagens (construções físicas – texto e apresentação), de modo que a plateia pudesse ver e atribuir sentidos àquilo que via. Nesse momento, nada mais surge do que a representação. Cada ator, quando convocado a encenar seu texto, atribuiu seus próprios sentidos àquilo que lhe pedi em dado roteiro: como você chegou aqui? Como era sua vida antes do Abrigo? O que você entende por idoso, velho e velhice?

Diante das perguntas dei-lhes a possibilidade de criarem cenas relativamente improvisadas para uma apresentação breve, mas localizada. Cada um deles contou suas histórias. Artaud disse que ninguém jamais produziu qualquer trabalho artístico sem ter tido por objetivo deixar o inferno. Analogicamente, não acredito em outro resultado para esta pesquisa que não seja tornar-se uma tentativa de que os atores, que aqui contracenaram comigo, encontrem por fim a representação como uma possibilidade de cura, de encontro com si mesmos.

Ou seja, o texto não está pronto. Precisa ser escrito e escrito no sentido de oferecer alguma forma de libertação a seu autor. Isso acontece apenas no dia da apresentação. É sob o olhar do outro que o autor dita as linhas de seu texto. É nesse momento que ele se encontra. Conforme Artaud (2011, p. 73), “o teatro só será devolvido a ele mesmo no dia em que toda a representação dramática se desenvolver diretamente a partir do palco, e não como uma segunda versão de um texto definitivamente escrito”. É por isso que esta dissertação, em última instância se apresenta pela voz do que se tem a dizer no momento. Nada mais visa ser do que um meio de permitir que idosos em situação de institucionalização tenham voz e representem a si mesmos.

Logo que conheci o Abrigo do Cristo Redentor percebi que havia inúmeras diferenças com relação às minhas experiências anteriores, desde aspectos infraestruturais até de pessoal e organização da rotina. A experiência foi algo completamente novo e trouxe o novo para minha análise com a pesquisa: embora muito do material que até então tenho estudado e daquilo que vivi em ILPIs remontem à institucionalização como um processo extremamente danoso para o sujeito, ela não precisa ser dessa forma. Há possibilidades. Há caminhos. Há construções a serem feitas e que permitem que mesmo dentro de normas rígidas e coletivizadas o sujeito possa se fazer sujeito. Uma dessas formas é dar-lhe voz e autonomia para contar sua história da forma que quiser, ou que acredita ser. Outra, e é esta minha principal consideração com relação a toda a pesquisa, é tornar a ILPI um lugar aberto a possibilidades, a escolhas, mesmo que limitadas. As pessoas que lá se encontram precisam sentir-se pessoas. Precisam de voz e de ouvidos que as escutem. Precisam de meios de representação. Precisam de plateia.

Referências

- ANVISA. **Resolução da Diretoria Colegiada**, 283, de 26 de setembro de 2005.
- ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Max Limonad, 1987.
- ARTAUD, A. **Linguagem e Vida**. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BALDIN, T.; MARCOLINO-GALLI, J. Considerações sobre sujeito, memória e linguagem. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 17, n. 2, p. 153-177, 2014.
- BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Política Nacional do Idoso. 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842.htm Acesso em: 1º abr. 2011
- BRASIL. **Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Estatuto do Idoso. 2004. Disponível em: http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/idoso_L10741.pdf Acesso em: 08 jan. 2016
- BRASIL. **Lei nº 12.435, de 6 de julho de 2011**. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2011/Lei/L12435.htm Acesso em: 19 set. 2015
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 2012, a esperança de vida ao nascer era de 74,6 anos**. 2013. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/1LZKN> Acesso em: 04 set. 2015
- BREUER, J.; FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1990.
- CAMARANO, A. A. **Com mais de 20 milhões de idosos, Brasil tem apenas 218 asilos públicos**. Entrevista concedida ao R7notícias, em 24 de maio de 2011. Disponível <http://noticias.r7.com/brasil/noticias/com-mais-de-20-milhoes-de-idosos-brasil-tem-apenas-218-asilos-publicos-20110524.html> Acesso: 25 dez. 2015
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S. As Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil. **Rev. Bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, jan./jun. 2010, p. 233-235.
- CASTILHO, G. Psicanálise e velhice: o “idoso” é obsoleto? **Revista da Universidade Veiga Almeida**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v4n1/v4n1a06.pdf> Acesso: 10 jul. 2016
- DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos** – seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, 107 p.

FREUD, S. A sexualidade na etiologia da neurose. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1898/1976.

FREUD, S. Introducción del Narcisismo. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XIV. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1914/2003, p. 71-98.

FREUD, S. A História do Movimento Psicanalítico. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XIV, 1914. [online]. 50 p. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Freud%20-%202014%20-%20A%20Hist%C3%B3ria%20Do%20Movimento%20Psicanal%C3%ADtico.%20Artigo%20Sobre%20Metapsicologia%20E%20Outros%20Trabalhos.pdf> Acesso em: 19 set. 2015

FREUD, S. O inconsciente. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1974.

FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão. In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1915/2004.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: **Pequena coleção das obras de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1975.

FREUD, S. A questão da análise leiga. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1926/1976.

FREUD, S. Inibições, sintomas e angústia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1926/1996.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996. Disponível em: [http://www.projetoemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20\(Sigmund%20Freud\).pdf](http://www.projetoemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20(Sigmund%20Freud).pdf) Acesso em: 13 fev. 2016

FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1937/1975.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

IPEA. **Comunicado nº 93**. Infraestrutura Social e Urbana no Brasil. Subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas. Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. Série Eixos do Desenvolvimento Brasileiro. Governo Federal, Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Brasília, 2011.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos**. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1966/1998.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 7.** A Ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1959-1960/2008.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 11.** Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1964/1990.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 20.** Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 195, 1972-1973/1985.

LACAN, J. **Nomes-do-Pai.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LEBRUN, J. **Clínica da instituição:** o que a Psicanálise contribui para a vida coletiva. Porto Alegre: CMC Editora, 2009.

MAGNABOSCO-MARTINS, C. R.; BALDIN, T.; MACARI, F. Atuação em Instituições de Longa Permanência para Idosos: experiências em ensino, pesquisa e extensão. In: MAGNABOSCO-MARTINS, C. R. (org.) **Atuações com idosos:** perspectivas em pesquisa, serviços e ações. Curitiba, PR: CRV, 2014.

MARCOLINO-GALLI, J. F. **A relação memória-linguagem nas demências:** abrindo a caixa de Pandora. (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2013.

MÁRQUEZ, G. G. **Memória de minhas putas tristes.** 9. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe.** São Paulo: Aleph, 1993.

MINAYO, M. C. S.; CAVALCANTE, F. G. Tentativas de suicídio entre pessoas idosas: revisão de literatura (2002/2013). **Ciência & Saúde Coletiva**, 20(6): 1751-1762, 2015.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece.** Psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga –** Envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

QUARESMA DA SILVA, D. A pesquisa em Psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte – MG, n. 39, 2013, p. 37-46.